

# Pedras de Armas

Resgate Histórico e Roteiro Turístico em Lamego

**Pedro Filipe Nogueira da Silva**



# Pedras de Armas

Resgate Histórico e Roteiro Turístico em Lamego

**Pedro Filipe Nogueira da Silva**

## **Dissertação**

Mestrado em Gestão do Património Cultural e Desenvolvimento Local

Trabalho efetuado sob a orientação de  
Professora Doutora Paula Marques Santos  
Professora Doutora Didiana Fernandes



## **DEDICATÓRIA**

Dedicado a todos os que me acompanham neste mestrado, e em particular à minha família por todo o apoio, e por muitas vezes a minha presença não ter sido possível em eventos familiares, pois o trabalho e dever chamavam.

Dedicado também às minhas duas orientadoras e professores que me ajudaram nesta tão nobre tarefa orientando-me para encontrar o caminho certo.

Dedicado também a duas pessoas que foram especiais, duas que da lei da morte se libertaram, e a quem também sou grato pela amizade, professora doutora Helena Portugal e Professor doutor Álvaro Bonito, esta dedicatória é para vocês.

Dedico também, aos historiadores da cidade de Lamego, antigos e atuais, onde podemos destacar Fernando José Cabral, amigo e experiente nestas lides históricas e que me ajudou com a sua sabedoria e incentivo.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os amigos, que nunca me deixaram desistir.

Agradeço às minhas duas orientadoras pelos bons conselhos, paciência e amizade, e por muitas vezes me mostrarem o caminho quando eu já andava perdido no meio destas palavras. Uma dissertação com esta ambição só seria possível com a ajuda preciosa que me deram.

Agradeço à minha família, pois, muitas vezes, tive de adiar presenças por compromissos relacionados com trabalhos, ou mesmo estudar para concluir este mestrado. O tempo que se perde não volta, mas podemos sempre adaptar aquele que nos resta para compensar as nossas falhas anteriores.

Agradeço, também, ter contado com a ajuda de muitas pessoas que estudam a cidade e que sabiam onde poderia encontrar os artigos ou mesmo informações que eram necessárias para recrear a vida em Lamego dos séculos antigos.

Termino esta secção de agradecimentos com a citação de uma letra de Fernando Vitorino de Sousa: “*Lamego, sempre nova e tão antiga cidade. Lamego, tu na história tens o brilho do ouro. Tu és, noiva eterna enamorada do douro. Serás, a razão da nossa eterna saudade.*” (Sousa F. V.), *Hino de Lamego*.

## **RESUMO**

Esta dissertação documenta e analisa o património heráldico da cidade de Lamego, focando nas pedras de armas que representam a memória histórica das famílias nobres e eclesiásticas que moldaram o desenvolvimento urbano e cultural da região. O estudo mapeia 22 exemplares heráldicos, categorizados em três grupos: heráldica nacional, eclesiástica e familiar, realizando uma análise qualitativa através do método de estudo de caso com extensivo trabalho documental e de campo.

A pesquisa revela a importância histórica dos símbolos heráldicos como registos da influência das famílias nobres e dos bispos no desenvolvimento de Lamego, identificando padrões nas representações e documentando o estado atual de conservação deste património. Com base nos resultados, propõe-se a criação da "Rota dos Nobres e Bispos", um roteiro turístico estruturado com métodos interpretativos inovadores e recursos de acessibilidade.

A principal contribuição deste trabalho é a valorização do património heráldico como elemento identitário e recurso turístico sustentável, conectando os dois centros históricos da cidade através de uma experiência cultural inclusiva. O estudo demonstra como a preservação da heráldica local pode simultaneamente resgatar a memória histórica e promover o desenvolvimento turístico sustentável, servindo como modelo para iniciativas semelhantes em outras localidades históricas portuguesas.

**Palavras-chave:** Heráldica; Património Cultural; Roteiros históricos; Desenvolvimento local

## **ABSTRACT**

This dissertation documents and analyzes the heraldic heritage of the city of Lamego, focusing on the coats of arms that represent the historical memory of the noble and ecclesiastical families that shaped the urban and cultural development of the region. The study maps 22 heraldic examples, categorized into three groups: national, ecclesiastical and family heraldry, carrying out a qualitative analysis through the case study method with extensive fieldwork.

The research reveals the historical importance of heraldic symbols as records of the influence of noble families and bishops on the development of Lamego, identifying patterns in the representations and documenting the current state of conservation of this heritage. Based on the results, the proposal is to create the "Rota dos Nobres e Bispos", a tourist itinerary structured with innovative interpretative methods and accessibility resources.

The main contribution of this work is the valorization of heraldic heritage as an identity element and sustainable tourism resource, connecting the two historic centers of the city through an inclusive cultural experience. The study demonstrates how the preservation of local heraldry can simultaneously rescue historical memory and promote sustainable tourism development, serving as a model for similar initiatives in other Portuguese historical locations.

**Keywords:** heraldic; cultural heritage; historical routes; local development.

## ÍNDICE GERAL

Índices específicos.....	vii
Introdução.....	10
I. Revisão de literatura.....	13
I.1. O património Cultural.....	13
I.1.1 O conceito segundo a UNESCO.....	13
I.1.2 Património cultural segundo a União Europeia.....	14
I.1.3 Património Cultural segundo o Estado Português.....	16
I.2 A Heráldica e seus conceitos.....	19
I.2.1 A origem da Heráldica.....	19
I.2.2 Os oficias D’armas do Reino de Portugal.....	21
I.2.3 O Direito Heráldico.....	22
I.2.4 A importância histórica da Heráldica.....	23
I.3- Turismo e Sustentabilidade.....	25
I.3.1 Definição de Turismo.....	25
I.3.2 Turismo Sustentável.....	26
I.4 A importância da preservação da Heráldica para o turismo.....	28
II. Metodologia.....	30
II.1 Metodologia Qualitativa.....	30
II.2 Métodos.....	31
II.3 Instrumentos de Recolha de Dados.....	32
III. Análise e Discussão de resultados.....	35
III.1 Uma primeira abordagem e enquadramento dos Resultados.....	35
III.1.1 A Heráldica Nacional.....	38
III.1.2 A Heráldica Eclesiástica.....	39

III.1.3 Heráldica Familiar.....	42
III.1.4 Sobre a Partição dos Escudos.....	46
III.1.5 Das Figuras Heráldicas e suas Divisões.....	51
III.2 Proposta de ação .....	54
III.2.1 A sugestão de Uma Rota .....	54
III.2.2 O mapeamento da Rota .....	57
III.2.3 Sistema de Sinalética: Tipologia, Hierarquia e Distribuição .....	61
III.2.4 Sinalética Interpretativa: Design, Conteúdos e Acessibilidade.....	64
Considerações finais.....	70
Referências .....	74
Apêndices .....	77
Apêndice A - Grelhas dos Brasões de Lamego .....	77
Heráldica Nacional .....	77
Heráldica Eclesiástica .....	80
Heráldica Familiar .....	101
Anexos.....	136
Anexo A: Excertos do Livro “Heráldica” de Gastão de Mello de Matos e Luís Stubbs Saldanha Monteiro Bandeira (Matos & Bandeira, 1969) .....	136
Anexo B: Excertos do Livro “Tratado de Armaria” de J.A. Corrêa Leite Ribeiro de 1907. (Ribeiro, 1907).....	147

## ÍNDICES ESPECÍFICOS

### Índice de figuras

Ilustração 1- Rei D'armas.....	22
Ilustração 2- Arauto .....	22
Ilustração 3- Passavante.....	22
Ilustração 4-Tabela de Recolha de Dados proposta.....	33
Ilustração 5- Mapa de Exemplares Heráldicos .....	36
Ilustração 6- Casa dos Silveiras, Largo da Sé .....	37
Ilustração 7- Casa dos Mores .....	38
Ilustração 8- Heráldica Municipal, Jardim da República .....	39
Ilustração 9- Chapéu de Bispo.....	40
Ilustração 10- Chapéus de Bispo, Arcebispo e Patriarcas .....	40
Ilustração 11- Brasão do Bispo D. Manuel de Noronha, Sé Catedral .....	40
Ilustração 12- Chapéus de Sacerdotes, Vigários e Superiores Menores e Cónegos.....	41
Ilustração 13- Brasão de D. António Freire Gameiro de Sousa .....	42
Ilustração 14- Brasão dos Coutinho.....	44
Ilustração 15- Brasão dos Fonseca .....	44
Ilustração 16- Casa Visconde de Arneirós, Bar.....	44
Ilustração 17- casa dos Serpa, atual Registo Civil.....	44
Ilustração 18- Casa dos Pereira Coutinho de Vilhena .....	45
Ilustração 19- Brasão Pereira Coutinho de Vilhena .....	45
Ilustração 20- Escudo Partido em Pala .....	47
Ilustração 21- Escudo partido em Faixa .....	47
Ilustração 22- Escudo Cortado em Banda .....	48
Ilustração 23- Escudo cortado em Barra.....	48
Ilustração 24- Escudo Terciado em Pala .....	49
Ilustração 25- Escudo Terciado em Faixa .....	49
Ilustração 26- Escudo Terciado em Banda .....	49
Ilustração 27- Escudo Terciado em Barra .....	50
Ilustração 28- Escudo Esquartelado .....	50
Ilustração 29- Escudo Franchado .....	51
Ilustração 30- Mapa da Rota.....	58
Ilustração 31- Mapa com os diferentes Circuitos .....	60

Ilustração 32- Exemplo de Sinalética .....	63
Ilustração 33- Exemplo de Mapa.....	64
Ilustração 34- Sinalética interpretativa .....	65
Ilustração 35- Página das Informações complementares.....	67

## **Índice de tabelas**

Tabela 1 – Brasão Municipal.....	78
Tabela 2- Brasão do Reino de Portugal .....	80
Tabela 3- Brasão da Messe de Oficiais, antigo Seminário .....	82
Tabela 4- Museu de Lamego .....	84
Tabela 5-Casa dos Mores .....	87
Tabela 6- Sé de Lamego .....	90
Tabela 7- Casa do Deão.....	92
Tabela 8- Casa do Espírito Santo .....	96
Tabela 9- Igreja das Chagas.....	99
Tabela 10- Casa da Roda .....	101
Tabela 11- Casa dos Albergarias .....	103
Tabela 12- Solar dos Padilha .....	105
Tabela 13- casa das Brolhas .....	108
Tabela 14- Visconde de Arneirós .....	112
Tabela 15- Casa do Poço .....	115
Tabela 16- Solar dos Loureiros .....	118
Tabela 17- Atual Paço Episcopal.....	120
Tabela 18- Solar dos Pinheiros de Aragão .....	123
Tabela 19- Solar dos Guedes Botelho .....	126
Tabela 20- Solar dos Silveiras .....	129
Tabela 21- Casa dos Pereira Coutinho de Vilhena .....	132
Tabela 22- Casa dos Serpa.....	135

## **Lista de siglas**

ONU- Organização das Nações Unidas

OMT- Organização Mundial de Turismo

ODS- Objetivos de Desenvolvimento Sustentável

UNESCO- Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

UNWTO- Organização Mundial de Turismo

## INTRODUÇÃO

A cidade de Lamego, com a sua rica história que remonta ao período visigótico e a sua importância como sede episcopal desde o século V, abriga um valioso património heráldico que testemunha o papel fundamental da nobreza e do clero no desenvolvimento urbano, social e cultural da região. Este património, que conta com mais de duas dezenas de exemplares distribuídos pelos solares e edifícios históricos da cidade, constitui um conjunto único que narra visualmente a história das relações de poder e das contribuições das famílias nobres para o tecido urbano local.

Apesar da sua relevância histórica e cultural, o património heráldico de Lamego encontra-se atualmente em risco de deterioração física e esquecimento social. A ausência de um inventário sistemático, de uma análise interpretativa abrangente e de estratégias de valorização turística destes elementos tem contribuído para a perda gradual deste importante legado histórico. Esta dissertação busca responder à seguinte questão: Como o património heráldico de Lamego pode ser preservado, interpretado e valorizado mediante uma abordagem que integre pesquisa histórica e desenvolvimento turístico sustentável?

Esta dissertação tem como objetivos:

Objetivo Geral: Documentar, analisar e valorizar o património heráldico da cidade de Lamego através da criação de um arquivo sistemático e de um roteiro turístico interpretativo.

Como objetivos específicos, definimos os seguintes:

- Identificar e catalogar os exemplares heráldicos presentes na cidade, classificando-os segundo a sua tipologia;
- Analisar historicamente os símbolos representados, relacionando-os com as famílias e instituições a que pertenceram;
- Avaliar o estado de conservação deste património e a sua integração no contexto urbano atual;
- Desenvolver uma proposta de roteiro turístico que valorize a heráldica como elemento identitário e atrativo cultural;
- Propor métodos interpretativos inclusivos que permitam o acesso a este património por diversos públicos.

Este estudo justifica-se pela necessidade urgente de documentar e preservar um património que está intimamente ligado à identidade histórica de Lamego. Do ponto de vista académico, contribui para preencher uma lacuna nos estudos heráldicos portugueses, que raramente abordam conjuntos urbanos completos. Na perspetiva cultural, representa um esforço de resgate da memória coletiva, recuperando as narrativas associadas às famílias que moldaram a cidade. No âmbito turístico, oferece uma proposta inovadora de diversificação da oferta, estabelecendo um produto cultural diferenciado que pode complementar os atrativos já consolidados na região do Douro.

A abordagem metodológica adotada baseia-se na pesquisa qualitativa, utilizando o estudo de caso como método principal. O trabalho de campo incluiu o levantamento fotográfico sistemático dos exemplares heráldicos da cidade, complementado por pesquisa documental em fontes primárias e secundárias para a contextualização histórica dos elementos identificados.

A dissertação encontra-se dividida em três partes. Na primeira parte que diz respeito à revisão da literatura, fazemos uma abordagem sobre o turismo cultural no que diz respeito às instituições que estudam o turismo a nível mundial e nacional, seguindo-se na mesma parte o historial sobre a heráldica nacional, suas origens, oficiais de armas, direito heráldico e sua importância histórica, sendo esta precedida pela sustentabilidade turística e terminado a primeira parte com a importância da heráldica para o turismo cultural.

A segunda parte aborda a temática da metodologia, onde podemos encontrar uma definição da metodologia qualitativa, precedida pela seleção do método a seguir para a nossa dissertação, terminando esta parte com a apresentação do nosso instrumento de recolha de dados.

A terceira parte irá abordar a discussão dos resultados obtidos, onde se explica a divisão da heráldica de Lamego em três grupos heráldicos. Seguidamente na mesma parte, iremos analisar um pouco de cada brasão, destacando aqueles que são os melhores exemplares heráldicos de Lamego, e também referindo os emblemas mais vistos nos escudos da cidade. Após esta análise apresentamos também a partição dos escudos, para uma melhor compreensão desse tema, e na sua sequência apresentamos as figuras heráldicas mais dominantes em Lamego, sendo que para a compreensão dessa parte estão disponíveis dois anexos no final desta dissertação. Para terminar esta terceira parte falamos sobre a

sugestão da rota, o seu método interpretativo, a sinalética a ser utilizada e a sua componente inclusiva.

Esta dissertação conta ainda com um apêndice onde se encontram as tabelas realizadas para a recolha dos dados, e seguem-se dois anexos referentes a dois livros utilizados e citados nesta dissertação e que falam sobre as figuras heráldicas e suas divisões.

# I. REVISÃO DE LITERATURA

## I.1. O património Cultural

### I.1.1 O conceito segundo a UNESCO

Face ao grande problema de degradação do património cultural e natural dos países, a UNESCO viu-se na obrigação de reunir uma convenção para a proteção do Património, de modo a que ele não fosse perdido:

Constatando que o património cultural e o património natural estão cada vez mais ameaçados de destruição, não apenas pelas causas tradicionais de degradação, mas também pela evolução da vida social e económica que as agrava através e fenómenos de alteração ou de destruição ainda mais importantes (...) Considerando que a proteção de tal património à escala nacional é a maior parte das vezes insuficiente devido à vastidão dos meios que são necessários para o efeito e da insuficiência de recursos económicos, científicos e técnicos do país no território do qual se encontra o bem a salvaguardar; (...) Considerando que a degradação ou o desaparecimento de um bem do património cultural e natural constitui um empobrecimento efetivo do património de todos os povos do mundo. (UNESCO, 1972, p. 1)

Sendo assim, a UNESCO pretendeu criar convenções e ajudas para que o património mundial fosse protegido, ajudando os governos locais a fazerem os seus restauros e manutenções.

Relembrando que o Ato Constitutivo da Organização prevê a ajuda à conservação, progresso e difusão do saber, promovendo a conservação e proteção do património universal e recomendando aos povos interessados convenções internacionais concluídas para tal efeito; (...) Considerando que, perante a extensão e a gravidade dos novos perigos que os ameaçam, incumbe à coletividade internacional, no seu todo, participar na proteção do património cultural e natural, de valor universal excecional, mediante a concessão de uma assistência coletiva que sem se substituir à ação do Estado interessado a complete de forma eficaz (UNESCO, 1972, p. 1)

Apesar dos dois patrimónios considerados pela UNESCO, iremos focar o nosso estudo no património cultural, pois é esse o mais importante para esta dissertação. Segundo a UNESCO é considerado património cultural os monumentos, os conjuntos e os locais de interesse.

ARTIGO 1.º Para fins da presente Convenção serão considerados como património cultural:

Os monumentos. – Obras arquitetónicas, de escultura ou de pintura, monumentais, elementos de estruturas de carácter arqueológico, inscrições, grutas e grupos de elementos com valor universal excecional (...);

Os conjuntos. – Grupos de construções isoladas ou reunidos que, em virtude da sua arquitetura, unidade ou integração na paisagem têm valor universal excecional (...);

Os locais de interesse. – Obras do homem, ou obras conjugadas do homem e da natureza, e as zonas, incluindo os locais de interesse arqueológico, com um valor universal excecional (...). (UNESCO, 1972, p. 2)

A identificação dos equipamentos patrimoniais ficará ao encargo dos Estados membros.

ARTIGO 3.º Competirá a cada Estado parte na presente Convenção identificar e delimitar os diferentes bens situados no seu território referidos nos artigos 1 e 2 acima.” (UNESCO, 1972)

Competirá aos estados membros a identificação e valorização do património local, sendo este transmitido às gerações futuras como herança cultural. “ARTIGO 4.º Cada um dos Estados parte na presente Convenção deverá reconhecer que a obrigação de assegurar a identificação, proteção, conservação, valorização e transmissão às gerações futuras do património cultural e natural referido nos artigos 1.º e 2.º e situado no seu território constitui obrigação primordial. Para tal, deverá esforçar-se, quer por esforço próprio, utilizando no máximo os seus recursos disponíveis, quer, se necessário, mediante a assistência e a cooperação internacionais de que possa beneficiar, nomeadamente no plano financeiro, artístico, científico e técnico.” (UNESCO, 1972, p. 3)

Aos Estados membros também compete a criação de leis que visem a proteção e valorização dos seus bens culturais, de modo a assegurar a transmissão hereditária dos mesmos.

ARTIGO 5.º Com o fim de assegurar uma proteção e conservação tão eficazes e uma valorização tão ativa quanto possível do património cultural e natural situado no seu território e nas condições apropriadas a cada país, os Estados parte na presente Convenção esforçar-se-ão na medida do possível por:

- a) Adotar uma política geral que vise determinar uma função ao património cultural e natural na vida coletiva e integrar a proteção do referido património nos programas de planificação geral;
- b) Instituir no seu território, caso não existam, um ou mais serviços de proteção, conservação e valorização do património cultural e natural, com pessoal apropriado, e dispondo dos meios que lhe permitam cumprir as tarefas que lhe sejam atribuídas;
- c) Desenvolver os estudos e as pesquisas científicas e técnica e aperfeiçoar os métodos de intervenção que permitem a um Estado enfrentar os perigos que ameaçam o seu património cultural e natural;
- d) Tomar as medidas jurídicas, científicas, técnicas, administrativas e financeiras adequadas para a identificação, proteção, conservação, valorização e restauro do referido património; e
- e) Favorecer a criação ou o desenvolvimento de centros nacionais ou regionais de formação nos domínios da proteção, conservação e valorização do património cultural e natural e encorajar a pesquisa científica neste domínio. (UNESCO, 1972, pp. 3-4)

Podemos concluir deste subcapítulo que a proteção patrimonial é um tema que preocupa todos os Estados membros da UNESCO, pois o património cultural ajuda-nos a manter a nossa identidade cultural.

### **I.1.2 Património cultural segundo a União Europeia**

O património cultural é, segundo a União Europeia, um conjunto de bens que asseguram a identidade cultural dos povos europeus, sendo o mesmo hereditário. “O património

cultural da Europa é um mosaico rico e diversificado de expressões culturais e criativas, uma herança das gerações anteriores para as gerações vindouras” (União Europeia, 2011). Define também que o património cultural se divide em várias subsecções, onde estão inseridos os monumentos, sítios naturais, literatura, museus, entre outras atividades. “Inclui os sítios naturais, construídos e arqueológicos, os museus, os monumentos, as obras de arte, as cidades históricas, as obras literárias, musicais e audiovisuais, bem como os conhecimentos, as práticas e as tradições dos cidadãos europeus” (União Europeia, 2011); e é encarado como um motor socioeconómico, sendo uma força de fomento para a criação do capital social da Europa, sendo também um gerador de emprego, no setor e nas atividades a ele ligado. “O património cultural enriquece a vida dos cidadãos, constitui uma força motriz para os setores culturais e criativos e desempenha um papel fundamental na criação e no reforço do capital social da Europa. É também um recurso importante para o crescimento económico, o emprego e a coesão social, permitindo revitalizar as zonas urbanas e rurais e promover o turismo sustentável” (União Europeia, 2011).

Embora esta matéria não seja uma competência exclusiva da União Europeia, não abrangida pelo art. 3º do Tratado de Funcionamento da UE, para a proteção, divulgação e crescimento cultural, a União Europeia conta com diferentes políticas, programas e financiamento, que ajudam a que o próprio património da Europa seja salvaguardado para as gerações vindouras. Nesses programas estão inseridos o Europa Criativa, Horizonte 2020, Erasmus+, entre outros.

“O património cultural da Europa é apoiado por uma série de políticas, programas e financiamento da UE, nomeadamente o Programa Europa Criativa. As políticas da UE noutros domínios têm cada vez mais em conta o património, designadamente a investigação, a inovação, a educação, o ambiente, as alterações climáticas e as políticas regionais e as políticas digitais. Por conseguinte, o financiamento para o património cultural está disponível no âmbito dos programas Horizonte 2020, Erasmus+, Europa para os Cidadãos e Fundos Europeus Estruturais e de Investimento.” (União Europeia, 2011)

Os Estados membros, como motor de coordenação territorial, estão afetos ao apoio cultural através do Conselho de Ministros, na sua configuração na área da educação, juventude, cultura e desporto, e de um método aberto de coordenação que funciona em conjunto com a Comissão de Peritos em Património cultural da União Europeia, tendo esta sido criada em 2019.

“Os Estados-Membros da UE prosseguem a colaboração política em matéria de património cultural através do Conselho de Ministros da Educação, Juventude, Cultura e Desporto e através do método aberto de coordenação (. . .) oferece aconselhamento sobre a forma de aplicar as políticas da UE em matéria de património cultural. O grupo reúne os Estados-Membros, os países associados, as redes europeias do património cultural, as organizações

da sociedade civil e as organizações internacionais, bem como as instituições da UE” (União Europeia, 2011).

Em 2018, a União Europeia criou o Quadro de Ação Europeu para o Património cultural, estabelecendo este uma abordagem de ação comum para todas as atividades relacionadas ao património ao nível europeu. Este quadro baseia-se nos esforços realizados durante o Ano Europeu do Património Cultural (2018), garantindo assim o seu êxito e o seu impacto duradouro. O quadro divide-se em dois quadrantes, que são os princípios fundamentais e áreas de ação contínua.

Os 4 princípios fundamentais são: Abordagem holística; Integração e abordagem integrada; Elaboração de políticas baseadas em dados concretos: Cooperação de várias partes

Ao nível das 5 áreas de ação contínua, foram definidas as seguintes:

- “- Uma Europa inclusiva: participação e acesso para todos
- Uma Europa sustentável: soluções inteligentes para um futuro coeso e sustentável
- Uma Europa resiliente: proteger o património ameaçado
- Uma Europa inovadora: mobilizar o conhecimento e a investigação
- Uma parceria global mais forte: reforçar a cooperação internacional” (União Europeia, 2011)

Podemos assim aferir que, para a União Europeia, o património cultural constitui um quadrante importante da sua ação, trabalhando em contacto com os Estados membros para assegurar a sua proteção, valorização e hereditariedade de modo a que a sua gestão seja feita de modo sustentada. Queremos, no entanto, referir ainda que as políticas na área da cultural e património não são uma competência exclusiva da União, regendo-se pelo artigo 6º do Tratado de Funcionamento da UE, conferindo apenas às instituições europeias apenas a competência para apoiar, coordenar ou completar a ação dos Estados-membros (União Europeia, 2010).

### **I.1.3 Património Cultural segundo o Estado Português**

Para o Estado Português, o património cultural engloba as áreas materiais e imateriais, tais como monumentos e bens móveis, e as tradições dos povos, bem como a Língua Portuguesa. Para a proteção do Património nacional, foi criada em 8 de setembro de 2001 a lei nº107/2001, que estabelece as bases da política e do regime de proteção e valorização

do património cultural. Sendo assim, o Estado Português define no artigo 2º o conceito do património cultural.

Artigo 2.º Conceito e âmbito do património cultural 1 — Para os efeitos da presente lei integram o património cultural todos os bens que, sendo testemunhos com valor de civilização ou de cultura portadores de interesse cultural relevante, devam ser objeto de especial proteção e valorização. 2 — A língua portuguesa, enquanto fundamento da soberania nacional, é um elemento essencial do património cultural português. 3 — O interesse cultural relevante, designadamente histórico, paleontológico, arqueológico, arquitetónico, linguístico, documental, artístico, etnográfico, científico, social, industrial ou técnico, dos bens que integram o património cultural refletirá valores de memória, antiguidade, autenticidade, originalidade, raridade, singularidade ou exemplaridade. 4 — Integram, igualmente, o património cultural aqueles bens imateriais que constituam parcelas estruturantes da identidade e da memória coletiva portuguesas. 5 — Constituem, ainda, património cultural quaisquer outros bens que como tal sejam considerados por força de convenções internacionais que vinculem o Estado Português, pelo menos para os efeitos nelas previstos. 6 — Integram o património cultural não só o conjunto de bens materiais e imateriais de interesse cultural relevante, mas também, quando for caso disso, os respetivos contextos que, pelo seu valor de testemunho, possuam com aqueles uma relação interpretativa e informativa. 7 — O ensino, a valorização e a defesa da língua portuguesa e das suas variedades regionais no território nacional, bem como a sua difusão internacional, constituem objeto de legislação e políticas próprias. 8 — A cultura tradicional popular ocupa uma posição de relevo na política do Estado e das Regiões Autónomas sobre a proteção e valorização do património cultural e constitui objeto de legislação própria. (Lei 107/2001, 2001)

É tarefa do Estado assegurar a proteção do património, garantindo a sua hereditariedade para as gerações vindouras, assegurando a sua valorização civilizacional.

Artigo 3º Tarefa fundamental do Estado 1 — Através da salvaguarda e valorização do património cultural, deve o Estado assegurar a transmissão de uma herança nacional cuja continuidade e enriquecimento unirá as gerações num percurso civilizacional singular. 2 — O Estado protege e valoriza o património cultural como instrumento primacial de realização da dignidade da pessoa humana, objeto de direitos fundamentais, meio ao serviço da democratização da cultura e esteio da independência e da identidade nacionais. 3 — O conhecimento, estudo, proteção, valorização e divulgação do património cultural constituem um dever do Estado, das Regiões Autónomas e das autarquias locais. (Lei 107/2001, 2001)

O Estado considera bens culturais todos aqueles bens que representam um alto valor civilizacional ou cultural para Portugal, esses bens podem ser móveis ou imóveis.

“Artigo 14º Bens culturais 1 — Consideram-se bens culturais os bens móveis e imóveis que, de harmonia com o disposto nos nº 1, 3 e 5 do artigo 2º, representem testemunho material com valor de civilização ou de cultura. 2 — Os princípios e disposições fundamentais da presente lei são extensíveis, na medida do que for compatível com os respetivos regimes jurídicos, aos bens naturais, ambientais, paisagísticos ou paleontológicos.” (Lei 107/2001, 2001)

A inventariação do património fica ao encargo do Estado, e podem ser feitos inventários de materiais privados e públicos, de modo a ter o conhecimento da extensão do património cultural existente em Portugal e sua devida proteção.

“Artigo 19º Inventariação 1 — Entende-se por inventariação o levantamento sistemático, atualizado e tendencialmente exaustivo dos bens culturais existentes a nível nacional, com vista à respetiva identificação. 2 — O inventário abrange os bens independentemente da sua propriedade pública ou privada. 3 — O inventário inclui os bens classificados e os que, de acordo com os nº 1, 3 e 5 do artigo 2º e o nº 1 do artigo 14º, mereçam ser inventariados. 4 — O inventário abrange duas partes: o inventário de bens públicos, referente aos bens de propriedade do Estado ou de outras pessoas coletivas públicas, e o inventário de bens de particulares, referente aos bens de propriedade de pessoas coletivas privadas e de pessoas singulares. 5 — Só a título excecional, e mediante despacho devidamente justificado do membro do governo central ou regional responsável pela área da cultura, os bens não classificados pertencentes a pessoas coletivas privadas e as pessoas singulares serão incluídos no inventário sem o acordo destas. 6 — Ficarão a constar do inventário independentemente do desfecho do procedimento os bens que se encontrem em vias de classificação.” (Lei 107/2001, 2001)

A gestão do Património cultural em Portugal encontra-se atualmente a ser feita pela instituição Museus e Monumentos de Portugal E.P.E., criada a 4 de setembro pelo decreto-lei nº 79/2023. Esta empresa pública fica afeta ao estado português através dos ministérios da cultura e finanças.

“Assim, os museus com coleções nacionais e de referência internacional, assim como os palácios e os monumentos nacionais e património da humanidade passam a integrar a Museus e Monumentos de Portugal, E. P. E. A esta nova entidade pública empresarial caberá gerir o conjunto de museus, monumentos e palácios, tendo em vista a sua progressiva autonomia administrativa e financeira e o exercício da sua missão, assente em princípios de serviço público e subsidiariedade imprescindíveis à viabilidade económica do novo modelo, mas também concretizando um planeamento plurianual com recurso a mecanismos de gestão que assegurem a melhoria da oferta, a internacionalização e acréscimo das fontes de financiamento. A Museus e Monumentos de Portugal, E. P. E., terá também como missão executar a política museológica nacional e desenvolver a Rede Portuguesa de Museus, gerir a Coleção de Arte Contemporânea do Estado e promover a renovação do Laboratório José de Figueiredo, assumindo a responsabilidade de uma gestão cultural diferenciadora e apostando na conservação, comunicação e valorização das coleções nacionais e do património cultural que lhe é confiado. Por fim, à Museus e Monumentos de Portugal, E. P. E., são também cometidas as competências em matéria de manutenção de instalações e equipamentos, de projeto e obra nos museus e monumentos sob sua gestão, bem como de salvaguarda, conservação, restauro e circulação do património cultural móvel, nos termos das bases da política e do regime de proteção e valorização do património cultural, aprovadas pela Lei n.º 107/2001, de 8 de setembro, na sua redação atual, e ainda as decorrentes da Lei-Quadro dos Museus Portugueses, aprovada pela Lei n.º 47/2004, de 19 de agosto, e das responsabilidades internacionais em matéria de salvaguarda do património da Humanidade.” (Decreto-Lei nº 79/2023, 2023)

Podemos, assim, constatar que, para o Estado Português, o património cultural é um bem que nos distingue enquanto povo, sendo a sua valorização e proteção, garantindo assim a sua hereditariedade e fruição entre o povo.

Para a gestão deste património em 2023, o Estado extinguiu as antigas Direções Regionais da Cultura, passando assim a gestão do património nacional a ser feita pela Museus e Monumentos de Portugal E.P.E. passando assim a nova gestão a ser feita de forma

centralizada, estando a sede desta nova instituição na Ala Sul do Palácio Nacional da Ajuda.

## **I.2 A Heráldica e seus conceitos**

### **I.2.1 A origem da Heráldica**

Entende-se por Heráldica a ciência que têm por arte o desenho, lavragem e identificação das pedras de armas que fazem alusão a famílias nobres, cidades, realeza, clero ou mesmo de corporações: “Armaria ou Heraldica é a sciencia que ensina a lavar e a distinguir, uns dos outros, os brasões de armas” (Ribeiro, 1907, p. 31).

Para iniciar a viagem pela origem da heráldica iremos recuar até ao tempo dos gregos e romanos, onde era muito normal a utilização de símbolos pintados nos escudos, símbolos esses que ajudavam na identificação dos esquadrões ou cidades envolvidas.

“(…) Homero na Iliada, refere-se ás figuras que os capitães gregos usavam sobre os broqueis, e Virgilio, na Eneida, falla-nos no escudo que Vénus outorgára ao heroe do poema, escudo onde se viam esculpidos todos os feitos dos Romanos(…) Xenofonte, o historiador grego, apresenta-nos o escudo real dos Médos ornado com uma águia de ouro(…)” (Ribeiro, 1907, p. 31)

Esses emblemas utilizados por gregos e romanos, não atestavam a origem nobre dos participantes, nem das suas famílias. “Esses symbolos porém, escolhidos a capricho, nem estremavam as famílias nem lhes assentavam a nobreza. (...)” (Ribeiro, 1907, p. 31)

O brasão como acabou por ser utilizado pensa-se ter tido origem na Alemanha do século X, onde se começaram a realizar torneios de armas entre as famílias nobres, que adornariam os seus escudos com os seus feitos gloriosos ou mesmo com símbolos de devoção à dama amada por eles. “Foi na Allemanha, onde, pelos fins do século X os torneios tiveram origem, que nos vieram os primeiros elementos da Armaria. A palavra allemã *blasen* designava o estrépito da buzina, a cujo som os justadores davam ingresso na estacada, precedidos das suas respectivas bandeiras e pendões, onde cada assentára os emblemas dos seus feitos ou mesmo o symbolo do culto tributado á sua dama. Vinham então os arautos reconhecer o cavaleiro e descreviam aos espectadores o sentido das insígnias que o adornavam alli.” (Ribeiro, 1907, p. 32)

Deste vocábulo alemão *Blasen* podemos afirmar que nasceu, provavelmente, a palavra portuguesa Blasão, que mais tarde se torna Brasão. “D’aquelle vocábulo allemão *blasen*, mais ou menos semelhante em todas as línguas da Europa, é que teve a sua origem provável o nosso velho vocábulo blasão.” (Ribeiro, 1907, p. 32)

Foi no período das Cruzadas que se deu a revolução dos emblemas utilizados nos escudos, como Corrêa Leite afirma, no seu livro Tratado de Armaria, período no qual se começaram a utilizar as figuras como as meias-luas, cabeças de mouro decepadas e sangrando, animais mitológicos, vieiras de peregrino e muitos outros emblemas que se usaram até à extinção das regalias da nobreza lusitana.

Em Portugal o assentamento geológico e uso do brasão estima-se que tenha sido iniciado com os últimos reis da primeira dinastia, o conde de Barcelos, D. Pedro, filho ilegítimo de D. Dinis, terá sido o impulsionador do assentamento das linhagens e brasões, sendo escrito por este o Livro das Linhagens.

“Foi com os quatro últimos reis da dynastia affonsina que em Portugal se principiou a codificar as tradições geneologicas, e a desenvolver o uso de brazões. Attribute-se ao bastardo de D. Diniz, o infante D. Pedro, a organização do Livro das Linhagens; e o Rei D. Fernando (...) mandou fazer um paramento de rico lavor bordado com as armas de todos os fidalgos do seu reino.” (Ribeiro, 1907, p. 35)

Mas o reinado de D. Fernando, como sabemos não iria ser muito longo, e infelizmente muitas das famílias que estavam representadas nesse paramento passaram para o lado Castelhana, sendo que muitas famílias nobres, que não possuíam brasão, tentaram utilizar os brasões dos que desertaram do reino, dando assim origem a uma grande rapina de brasões, à qual D. João tenta por cobro, criando assim pela primeira vez, solo lusitano o Ofício de Mestre D’Armas, dos quais iremos falar num subcapítulo específico. “Como, por morte d’este rei, as famílias ilustres se desagregassem, passando muitas para catella, sucedeu que outras as substituíssem, apossando-se-lhes dos brazões, rapinas estas a que D. João I quiz pôr cobro, creando, á imitação de França e de Inglaterra, um rei de armas (...)” (Ribeiro, 1907, p. 35).

D. Manuel I, com o intuito de aperfeiçoar a armaria Lusitana, decide enviar o seu Rei d’armas, António Rodrigues, correr a Europa para que este tenha um estudo geral da heráldica e ver como ela era realizada nos outros pontos da Europa. Mando este rei, à chegada de António Rodrigues, que o mesmo corresse todos os túmulos da nobreza nacional do país. Após esse levantamento mandou el-rei realizar um rico tombo iluminado onde constassem os brasões das famílias nobres.

“Com o mesmo intuito de bom escrupulo e aperfeiçoamento da armaria, mandou D. Manuel o seu rei d’armas Antonio Rodrigues correr a Europa com o propósito de estudar a fundo a heraldica; e, quando este regressou incumbiu-o do arrolamento de todos os brazões d’armas espalhados pelos tumulos nos templos do paiz. Outro sim quiz que se organizasse um rico tombo em pergaminho, onde estivessem, por meio da iluminura, estampados todos os brazões d’armas nacionais (...)” (Ribeiro, 1907, p. 36).

É a D. Manuel I que se deve a encomenda da sala de Sintra, sala essa mandada pintar por encomenda, onde constam, para além do escudo da família real, os setenta e dois brasões das famílias mais ilustres de Portugal. Terminada de se pintar em 1520. “(...) mandando ao mesmo tempo pintar, no teto de uma espaçosa sala dos passos de Cintra, as armas da

família real circumdadas com setenta e dois dos braços dos principaes fidalgos do reino. A pintura terminou-se em 1520.” (Ribeiro, 1907, p. 36).

### **I.2.2 Os officas D’armas do Reino de Portugal**

Como podemos saber através dos livros *Heráldica* de Gastão Matos e Luís Bandeira e *Tratado de Armaria* de Corrêa Leite Ribeiro, não se sabe ao certo quando foi a instituição do officio dos reis d’armas, arautos e passavantes. Estima-se que terá sido no reinado de D. João I, sendo que esse officio esteve mais instituído a partir do reinado de D. Manuel I, a quem se deveu vários avanços da heráldica nacional. Estes três officiais eram as autoridades máximas no que respeitava à atribuição da heráldica. “Afóra este mister, também lhes incumbe determinar qual o brasão de armas que se deva outorgar aos que são elevados á nobreza do reino” (Ribeiro, 1907, p. 37).

Analisemos agora sobre cada um destes officiais, tentando colocar ilustrações, para mostrar a diferenciação das suas vestimentas, que estão disponíveis no livro *Heráldica* de Gastão Matos e Luís Bandeira.

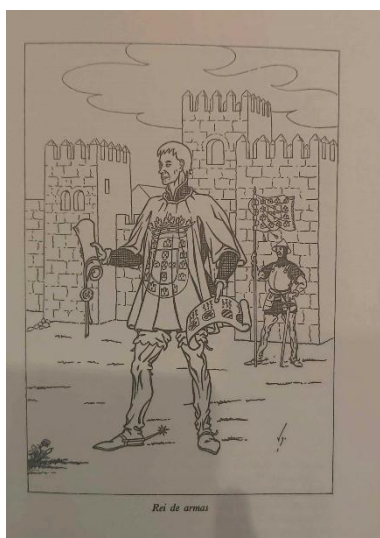
**O rei D’armas:** este seria o principal órgão de soberania da Heráldica nacional, no seu officio estava assente a realização de armoriais, assentamentos genológicos da nobreza nacional e seus feitos. “O rei de armas principal dirigia, todos os serviços de assentamentos da casa real, organização do armorial, e genealogia das diferentes linhagens, assim como tomava nota dos feitos notáveis de cada um dos nobres do reino” (Matos & Bandeira, 1969, p. 188).

Como era normal naqueles séculos, havia muitos nobres a dedicarem-se ao estudo e realização de armoriais, que muitas vezes corriam o reino e induziam os outros em erro. Então, em 1605, após uma petição de Manuel Teixeira, que terá sido um rei d’armas de Portugal, foi proibida qualquer publicação de armoriais ou estudos genológicos de privados, sem estes terem sido submetidos à censura dos reis d’armas e sem estes terem dado o seu aval, sendo que quem o fizesse incorria numa pena de multa que iria pender em prol do rei d’armas nacional. Esta informação pode ser lida no livro *Heráldica* de Gastão Matos e Luís Bandeira.

**O Arauto:** os arautos seriam aqueles cuja função era a de levar os comunicados d’el-rei aos príncipes estrangeiros, reconhecimento dos cavaleiros que entravam nas justas, reconhecimento nos festins reais, e entre outras funções que os arautos cumpriam

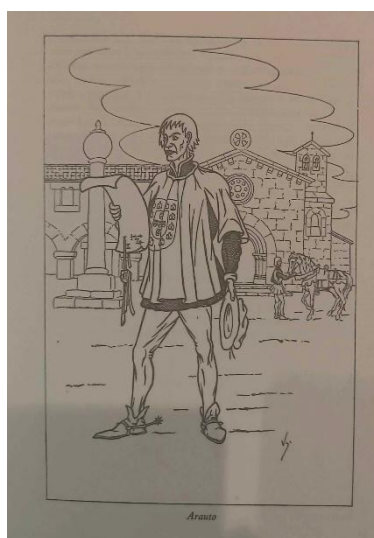
naqueles tempos. “Seguiam-se os arautos, cuja função principal era levar aos príncipes estrangeiros as comunicações que El-Rei lhes mandava entregar; reconheciam os aventureiros que tomavam parte em justas, etc.” (Matos & Bandeira, 1969, p. 188;190).

**Os Passavantes:** o passavante seria aquele que levaria a trompa para dar sinal da entrada do arauto, acompanhavam os arautos em várias funções e se necessário substituíam-nos. Eram os únicos que podiam abandonar a carreira de Passavante sem autorizações especiais. “Os passavantes acompanhavam os arautos em diferentes funções e substituíam-nos quando fosse preciso. (...) Os passavantes (...) eram os únicos que podiam abandonar a sua carreira, porque os arautos e reis de armas precisavam para isso de uma autorização especial” (Matos & Bandeira, 1969, p. 190).



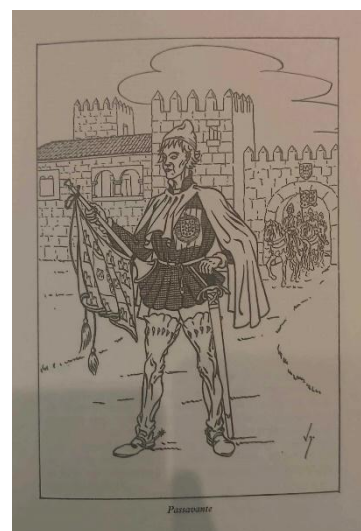
*Ilustração 1- Rei D'armas*

*Fonte: (Matos & Bandeira, 1969)*



*Ilustração 2- Arauto*

*Fonte: (Matos & Bandeira, 1969)*



*Ilustração 3- Passavante*

*Fonte: (Matos & Bandeira, 1969)*

### **I.2.3 O Direito Heráldico**

Como referido anteriormente, a Heráldica na idade média correspondia à identificação dos Nobres, numa sociedade estratificada. Este uso heráldico, em batalha trazia sempre responsabilidades acrescidas para o estatuto desse senhor. “Já dissemos que na Idade Média a função da Heráldica era permitir a distinção entre os vários nobres que tinham direito a usar armas heráldicas, o que não só, nos combates, lhes trazia maiores responsabilidades como também lhes acarretava maiores riscos (...)” (Matos & Bandeira, 1969, p. 195).

Na época do renascimento as cotas de armas caíram em desuso, havendo nesse período uma maior ornamentação das armaduras que eram usadas, desde os soldados rasos até aos reis. Na Idade Moderna, a Heráldica passou a ser utilizada como identificativo de estatuto social, havendo assim nesse período a tentativa de usurpação de armas por quem não tinha direito a elas, como já foi falado no subcapítulo I.2.1. “Assim, na Idade Moderna, a Heráldica pessoal passou a ter uma função sobretudo social e desse facto resultou que muitas pessoas procuraram, através dos mais variados ardis, usar armas a que não tinham direito” (Matos & Bandeira, 1969, p. 196).

Para falar sobre a transmissão do direito heráldico, irei utilizar os preceitos explicativos que Matos e Bandeira tem na sua obra Heráldica de 1969.

“1º) o chefe da linhagem devia trazer as armas direitas, sem diferença, sem mistura de outras, e sendo chefe de mais de uma linhagem era a trazer as armas de todas elas, direitas e sem mistura, em seus quartéis, conforme fossem ordenadas por Portugal rei de armas.

2º) Os outros irmãos e outros da mesma linhagem usariam as armas com a diferença ordenada, em número de não mais de quatro, podendo também trazer as armas que lhes vinham do lado da mãe.

3º) Os bastardos trariam as suas armas, com a quebra de bastardia que lhes competia.

4º) Ninguém podia trazer as armas do Reino, senão no primeiro quartel, com as diferenças que lhes competiam.

5º) Quem tomasse armas que não lhe competiam de direito perdia a sua fazenda, metade para quem o acusasse e metade para os cativos, e perdia toda a honra e privilégios de fidalguia, linhagem e pessoa que tivesse, sendo havido por plebeu, para todos os efeitos jurídicos.

6º) Quem tivesse armas suas, e passasse a usar outras sem direito a elas, teria as mesmas penas e perdia as armas próprias.

7º) Quem alterasse as suas armas, acrescentando-lhes (ou tirando-lhes) alguma coisa que não tivesse direito, sofria a pena de dois anos de degredo para um lugar de África, pagava cinquenta cruzados de ouro para o rei de armas ou outro oficial que o acusasse, mas usava as armas a que tinha direito.

8º) Todos os que tomassem armas que lhes não pertenciam ou alterassem as suas, em qualquer demanda, embora a ganhassem, seriam condenados nas custas para a parte contrária, em tresdobro.

9º) Era dado o prazo de três meses para que os que tinham incorrido nas faltas indicadas as corrigissem.” (Matos & Bandeira, 1969, p. 198;199).

#### **I.2.4 A importância histórica da Heráldica**

A heráldica é uma ciência que auxiliar na compreensão da história, quer ao nível nacional quer ao nível local. A cidade de Lamego é um espécime único para a heráldica, pois nesta cidade ainda existem muitos exemplos de heráldica do Reino, que podem ser observados,

por exemplo, no Teatro Ribeiro Conceição e no Santuário de Nossa Senhora dos Remédios. Encontramos também exemplares de heráldica eclesiástica no Museu de Lamego, Santuário, Sé e na casa lateral ao Museu, onde podemos admirar os brasões dos bispos que passaram pela cidade, sendo que encontramos ainda os exemplares de heráldica pessoal, em alguns solares da cidade, onde residiram senhores da nobreza e que foram importantes para a cidade.

Falar sobre a história da cidade é falar sobre estes senhores da nobreza e bispos, os bispos como Manuel de Noronha (armas na sé) e o Bispo D. Manuel de Vasconcelos Pereira (armas no Museu e Santuário) forma bispos importantes na construção da cidade, D Manuel de Noronha fez a reconstrução da Sé, a construção dos claustros e a construção e reconversão da primitiva capela do Santuário, ainda atribuída a Santo Estevão. “O seu nome ficou ligado a obras de vulto: instituiu o Colégio de São Nicolau de Lamego, (...) construiu a parte superior da torre da Sé, para adaptação de Sinos; colocou um belo órgão na Sé; ainda na catedral mandou construir o claustro, terminado em 1557 (...) trouxe a água do Monte de Santo Estevão para o Largo do Rossio; fez trasladar, por ameaçar ruína, a capela de Santo Estevão para o local onde mais tarde viria a construir o Santuário dos Remédios. (...) edificou a capela de Nossa Senhora dos Meninos, e refez, a Capela do Espírito Santo” (Rica & Cabral, 2006, pp. 22-23).

A nobreza da cidade teve muita importância na reconversão citadina que temos, houve nomes como o Visconde de Guedes Teixeira e o Visconde de Valmor que renovaram as cidades, abrindo novas ruas, calcetando as mesmas para as preparar para a modernidade. Todos os Nobres da cidade tiveram posições importantes na gestão do município, onde muitos foram presidentes, deixando sempre obra de relevo nesta cidade. “Macário de Castro foi o primeiro a sugerir, na sessão parlamentar de 21 de janeiro de 1835, que se destinasse o velho convento de Santa Cruz, desta cidade de Lamego, já na época desocupado, pela lei 34, para aquartelamento de tropas que tinham muitas vezes de se instalar em casas alugadas na Rua de Fafel. Na situação de Par do Reino defendeu, naquele ano, nas cortes do Reino, a emancipação de Lamego como Distrito Administrativo, tendo sido o precursor desta pretensão. (...) José Isidoro Guedes (...) Este nosso ilustre conterrâneo deu à sua cidade a Alameda Municipal, pois foi a expensas suas que tal foi possível. (...) interveio, dando 500.000 reis para que se fizessem os melhoramentos de forma a reabilitar a cerca e transformá-la num parque. (...) Visconde de Arneirós (...) Considerado culto, inteligente, foi um importante vulto da vida local e

nacional. Pelo seu prestígio e excelência, exerceu funções importantes: foi vereador e depois presidente da Câmara Municipal de Lamego; presidente da Junta Geral do Distrito de Viseu e foi deputado às cortes em quatro legislaturas.” (Rica & Cabral, *Ilustres de Lamego*, 2006, p. 60;61;62;69).

Muitas casas perderam os brasões na cidade, pois uma lei após a República estabeleceu que a nobreza teria de pagar para utilizar o brasão e, mesmo estes tendo direito a eles, isso conduziu a uma remoção de brasões das frontarias das casas. Em Lamego, os brasões removidos foram salvos pelo Dr. João de Amaral, primeiro diretor do museu de Lamego. “A lei que, após a implantação da República, lhe impôs o pagamento de imposto, deu-lhe a principal machadada. Umas foram apeadas pelos seus possuidores; outras destruídas. (...) Em Lamego, a ação cultural do falecido diretor do Museu, João Amaral, obstou a sua perda, recolhendo uma parte delas no lugar que, à falta do que lhe pertencia, lhe está indicado.” (Azevedo, 1974, p. 7).

### **I.3- Turismo e Sustentabilidade**

#### **I.3.1 Definição de Turismo**

O turismo é um fenómeno crescente que se caracteriza pela circulação de pessoas para países diferentes dos seus países de origem, com uma estadia nunca superior a um ano, e onde se realizam atividades de negócios, lazer, familiares, desportivas, entre outras. Segundo a Organização Mundial do Turismo (UNWTO), “O turismo compreende as atividades que realizam as pessoas durante as suas viagens e estadas em lugares diferentes ao seu entorno habitual, por um período consecutivo inferior a um ano, com a finalidade de lazer, negócios ou outras” (Vasconcelos, 2005).

Atualmente e ao longo das últimas décadas, o turismo tem tido um crescimento económico muito grande, tornando-se desta maneira um motor importante para o progresso socioeconómico. “Ao longo das décadas, o turismo tem experimentado um crescimento contínuo e uma diversificação cada vez mais profunda para se tornar um dos setores económicos de crescimento mais rápido do mundo. O turismo moderno está intimamente ligado ao desenvolvimento e abrange um número crescente de novos destinos. Essas dinâmicas transformaram o turismo em um motor essencial para o progresso socioeconómico.” (UNWTO) .

Segundo a UNWTO, o volume de negócios do turismo consegue igualar as exportações de petróleo ou de bens essenciais, sendo uma das principais rendas económicas dos países em desenvolvimento. “Hoje, o volume de negócios do turismo iguala ou até supera o das exportações de petróleo, produtos alimentícios ou automóveis. O turismo se tornou um dos principais participantes do comércio internacional e representa, ao mesmo tempo, uma das principais fontes de renda para muitos países em desenvolvimento. Esse crescimento anda de mãos dadas com uma crescente diversificação e competição entre destinos.” (UNWTO).

A expansão do turismo nos Estados desenvolvidos teve efeitos positivos económicos, gerando mais emprego nos setores ligados ao turismo, como na construção, agricultura ou comunicações. “Esta expansão global do turismo em estados industrializados e desenvolvidos produziu benefícios económicos e de emprego em muitos setores relacionados - desde a construção até à agricultura ou às telecomunicações.” (UNWTO).

A ONU, através da sua suborganização direcionada para estas temáticas, ajuda ao posicionamento dos países nos mercados de maneira mais sustentável, sendo que os países em desenvolvimento devem beneficiar mais deste turismo sustentável para que o seu crescimento seja uma realidade. “A ONU Turismo auxilia os destinos em seu posicionamento sustentável em mercados nacionais e internacionais cada vez mais complexos. (...) ONU Turismo ressalta que, particularmente, os países em desenvolvimento têm a se beneficiar do turismo sustentável e atua para ajudar a tornar isso uma realidade.” (UNWTO, s.d.).

### **I.3.2 Turismo Sustentável**

O Turismo sustentável é uma crescente preocupação para os agentes turísticos mundiais. Esta sustentabilidade mede os impactes ambientais e socioeconómicos presentes e futuros, tendo também em conta as necessidades dos visitantes. “A sustentabilidade no turismo é um caminho incontornável e assumido com crescente consciência pelos agentes do setor, à escala mundial. Significa que tem em conta as necessidades dos visitantes, do setor e das comunidades e os seus impactes ambientais, económicos e sociais no presente e no futuro.” (Turismo de Portugal, 2023).

Este tipo de turismo deve ter em conta o uso adequado dos recursos ambientais presentes nos territórios, respeitando a autenticidade cultural e social dos mesmos, assegurando a

viabilidade das atividades económicas a longo prazo, tendo ainda a participação de *stakeholders* que monitorizem os seus impactos constantes, ajudando a manter a satisfação dos visitantes.

“Um turismo sustentável deve fazer um uso adequado dos recursos ambientais, respeitar a autenticidade sociocultural das comunidades e assegurar que as atividades económicas sejam viáveis no longo prazo. Requer ainda a participação informada dos *stakeholders*, a monitorização constante dos seus impactos, mantendo um elevado nível de satisfação dos turistas (adaptado do conceito de Turismo Sustentável da Organização Mundial do Turismo - OMT, 2005)“ (Turismo de Portugal, 2023).

Ao nível internacional queremos também referir a aprovação da Agenda 2030 das Nações Unidas, agenda essa que se baseia nos 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, os ODS, onde o turismo tem tido bastante impacto nos objetivos 8, 12 e 14. “Em 2015, as Nações Unidas aprovaram a Agenda 2030, constituída por 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). O Turismo tem contribuído direta e indiretamente para todos os ODS, tendo sido incluído sobretudo nos Objetivos 8 (crescimento económico sustentável), 12 (consumo e produção sustentáveis) e 14 (uso sustentável dos oceanos e recursos marinhos)” (Turismo de Portugal, 2023).

Ao nível da União Europeia, e como tentativa para fazer face a esta necessidade, criou o Pacto Ecológico Europeu, para tornar a economia europeia mais moderna e competitiva, aproveitando os recursos de forma eficiente. Este Pacto salienta a colaboração de todas as atividades, incluindo o Turismo. “A nível europeu, foi recentemente apresentado o Pacto Ecológico Europeu que visa transformar a União Europeia numa economia moderna, mais eficiente e competitiva quanto ao aproveitamento de recursos. O plano de ação do Pacto salienta a importância do comprometimento e envolvimento de todos os setores de atividade, incluindo o Turismo” (Turismo de Portugal, 2023).

Ao nível nacional, queremos realçar a Estratégia de Turismo 2027, que norteia a sustentabilidade do setor, e onde Portugal desenvolve a sua competitividade na valorização das suas características inovadoras, sendo as pessoas o centro de toda a estratégia. Esta estratégia assenta nos três pilares da sustentabilidade.

“No plano nacional, a visão da Estratégia Turismo 2027 assenta na afirmação do “Turismo como hub para o desenvolvimento económico, social e ambiental em todo o território, posicionando Portugal como um dos destinos turísticos mais competitivos e sustentáveis do mundo”. Portugal, enquanto destino turístico de qualidade, alicerça a sua vantagem competitiva nos princípios de sustentabilidade, na oferta diversificada e na valorização das suas características distintivas e inovadoras, colocando as pessoas no centro da sua estratégia. A Estratégia 2027 define metas concretas em cada um dos três pilares de sustentabilidade” (Turismo de Portugal, 2023).

Durante a Pandemia, o turismo sofreu graves perdas económicas, pois houve bloqueio de viagens para outros destinos a fim de evitar a disseminação do vírus Covid-19. Apesar deste impacto negativo a UNWTO, prevê uma recuperação mais responsável e estruturada do setor, permitindo o regresso do Turismo a uma atividade mais forte e sustentável. “A atual pandemia do novo Coronavírus (COVID-19) causou um impacto negativo na economia e na sociedade. No entanto, segundo a UNWTO – “*One Planet Vision*” – a recuperação responsável do setor, após esta conjuntura, permitirá que o turismo retome a sua atividade ainda mais forte e sustentável” (Turismo de Portugal, 2023).

Para reforçar o papel do Turismo em Portugal, o Turismo de Portugal aderiu a vários planos que visam a construção de um futuro melhor e mais sustentável da atividade.

É neste contexto que o Plano Turismo +Sustentável 2020-2023 e a adesão do Turismo de Portugal ao *Global Sustainable Tourism Council* (GSTC), ao Pacto Português para os Plásticos, à Declaração de Glasgow para a Ação Climática no Turismo e à Declaração de Cancun do *World Travel and Tourism Council* (WTTC) sobre a Igualdade e Liderança das Mulheres no Turismo, constituem fortes compromissos que visam reforçar o papel do Turismo em Portugal, na construção de um mundo melhor para todos (Turismo de Portugal, 2023).

Através da adesão a estes projetos, a Turismo de Portugal conseguiu fazer a identificação das áreas de atuação mais relevantes, permitindo assim uma resposta mais urgente aos desafios que a sustentabilidade necessita, caminhando sempre a par com uma economia circular. “O Turismo de Portugal identificou, assim, áreas de atuação relevantes que visam contribuir para uma resposta do turismo aos urgentes desafios da sustentabilidade, em alinhamento com a Estratégia Nacional de Turismo 2027 e com os objetivos do Fundo Ambiental, em matéria de economia circular e sustentabilidade” (Turismo de Portugal, 2023).

#### **I.4 A importância da preservação da Heráldica para o turismo**

A heráldica como qualquer monumento exprime a nossa identidade histórica através das personalidades que viveram e foram importantes.

A nossa identidade enquanto povo está na nossa história, língua e património edificado, sendo que a Heráldica faz parte desse património edificado deve ser tratada com o mesmo respeito com que é tratada a edificação onde ela está inserida.

Infelizmente em Lamego algumas casas brasonadas estão ao abandono e em risco de se perderem posteriormente, como é o exemplo da imponente casa das Brolhas, um solar setecentista, que possui um magnífico espécime heráldico, mas que infelizmente o edifício se encontra num pobre estado de conservação sendo esta uma importante edificação da cidade.

A preservação e sensibilização para o estudo, proteção e divulgação destas pedras heráldicas deve ser bem pensada e planeada, de modo a que tanto os habitantes locais como aqueles que nos visitem respeitem as mesmas.

Se perdermos a heráldica perderemos um pouco da nossa identidade, pois historicamente muitas atividades importantes foram feitas pela nobreza. Na cidade de Lamego, a grande expansão citadina e desenvolvimento deveu-se aos senhores da Nobreza que por aqui passaram. Algumas das ruas da cidade possuem os seus nomes, mas isso não chega se deixarmos a sua memória heráldica desaparecer.

A heráldica, apesar da queda da mesma desde os ecos da Revolução Francesa, onde foram ditados os princípios de igualdade de todos os homens, deve ser entendida não como um marco de sobreposição dos homens em relação a outros, mas como um complemento aos estudos históricos das personalidades que por aqui passaram e que são indissociáveis das criações nesta cidade.

Preservar a heráldica é preservar a nossa identidade, é preservar a memória do nosso passado, para o nosso futuro, para que as futuras gerações tenham algo a que possam chamar de seu. O crescente interesse pela armaria nacional aliado ao aumento do turismo na cidade, e no País, torna imperativo a preservação e potencialização destas pedras para o turismo. Como referido e comprovado no subcapítulo 1.2.4, a nobreza e clérigos locais estão intimamente ligados com a história local, preservar e potencializar estas pedras de armas como produto turístico será uma maneira de manter viva a memória daqueles que tanto fizeram pela cidade, e alguns pelo país. Esta potencialização irá ajudar a que se continue a mostrar gratidão por aqueles que deram a Lamego muitas das suas belezas arquitetónicas.

## **II. METODOLOGIA**

### **II.1 Metodologia Qualitativa**

O nosso trabalho de investigação será suportado por uma metodologia qualitativa para elaboração, recolha e análise dos resultados.

A metodologia qualitativa é uma área que abrange várias correntes de pesquisa, mas que juntas se conseguem opor às pesquisas experimentais. “A pesquisa qualitativa é uma designação que abriga correntes de pesquisa muito diferentes. Em síntese, essas correntes se fundamentam em alguns pressupostos contrários ao modelo experimental e adotam métodos e técnicas de pesquisa diferentes dos estudos experimentais” (Chizzotti, 2005, p. 78).

A pesquisa qualitativa oferece uma grande variedade de tópicos para estudo, permitindo a realização de estudos aprofundados, em termos simples e práticos, oferecendo esta também uma grande liberdade na escolha de temas a serem estudados, combatendo assim a limitação de outros métodos de pesquisa. “O fascínio da pesquisa qualitativa é que ela permite a realização de estudos aprofundados sobre uma ampla variedade de tópicos, incluindo os seus favoritos, em termos simples e cotidianos. Além disso, a pesquisa qualitativa oferece maior liberdade na seleção de temas de interesse, porque os outros métodos de pesquisa tendem a ser limitados” (Yin, 2016, p. 28).

Por estes motivos referidos a pesquisa qualitativa tornou-se dominante nos campos da pesquisa académica ou profissionais, sendo vista como uma maneira atraente e produtiva de pesquisar. “(...) a pesquisa qualitativa tornou-se uma forma aceitável, se não dominante, de pesquisa em muitas áreas académicas e profissionais diferentes (...) a pesquisa qualitativa representa um modo atraente e produtivo de fazer pesquisa.” (Yin, 2016, p. 28).

Na pesquisa qualitativa, o pesquisador é uma parte integrante do conhecimento, para esta pesquisa o conhecimento não é estático nem isolado, não possuindo só uma teoria explicativa, sendo que, neste contexto, interpreta os dados atribuindo significado aos mesmos. “O conhecimento não se reduz a um rol de dados isolados, conectados por uma teoria explicativa, o sujeito-observador é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta os fenómenos, atribuindo-lhes um significado” (Chizzotti, 2005, p. 79).

A pesquisa qualitativa forma-se de uma dinâmica que apreende que existe uma relação dinâmica entre a realidade e o sujeito, havendo uma interdependência entre os dois. “A abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito” (Chizzotti, 2005, p. 79).

## **II.2 Métodos**

Para esta dissertação, optamos por dois métodos, selecionados dos possíveis que a metodologia qualitativa oferece. São eles a análise documental e estudo de caso. A análise documental consiste num “procedimento para a compreensão da realidade social e produção de conhecimento por meio da análise de variados tipos de documentos” que não sofreram tratamento analítico nem se encontram sistematizados. (Kripka, Scheller, & Bonotto, 2015, p. 55).

O nosso estudo de caso possui, também um vasto trabalho de campo, sendo esse também uma das vertentes principais desta dissertação. “O estudo de caso é uma caracterização abrangente para designar uma diversidade de pesquisas que coletam e registam dados de um caso particular ou de vários casos a fim de organizar um relatório ordenado e crítico de uma experiência ou avaliá-la analiticamente, objetivando tomar decisões a seu respeito ou propor uma ação transformadora” (Chizzotti, 2005, p. 102).

No nosso caso, a ação transformadora será uma sugestão de itinerário, que passará por todos os solares brasonados da cidade de Lamego, ilustrando também a importância que essas mesmas famílias tiveram no desenvolvimento urbano da cidade de Lamego.

Feita a seleção do nosso método, passaremos ao trabalho de campo, que será realizado na cidade, e contará com um levantamento de todos os brasões existentes na cidade, e suas fotografias, pois também é nosso objetivo ter a autoria das fotografias dos solares brasonados e suas pedras de armas.

Segundo Chizzotti, “O trabalho de campo visa reunir e organizar um conjunto comprobatório de informações (...) As informações são documentadas, abrangendo qualquer tipo de informação disponível, escrita, oral, gravada, filmada que se preste para fundamentar o relatório (...)” (Chizzotti, 2005, p. 103).

No nosso caso, as bases documentais primárias, que surgem à base de livros, já se encontram em nossa posse, sendo só necessário o trabalho de campo para traçar o itinerário e fotografar as pedras de armas existentes.

O nosso trabalho de campo neste ambiente citadino poderá gerar novas informações acerca dos objetos a serem estudados, realizando também interpretações mais vastas para as relações humanas. “As contribuições da pesquisa qualitativa podem consequentemente, assumir uma dupla natureza: novas informações sobre alguma coisa anteriormente pouco conhecida, combinadas com conceitos e revelações que possuem implicações para interpretações mais amplas das relações humanas.” (Yin, 2016, p. 122).

Podemos assim afirmar que o trabalho de campo é uma iniciativa cujo lema é a flexibilidade entre a pluralidade de métodos. “(...) a *field research* emprega uma pluralidade de métodos. Combina geralmente a observação participante e as entrevistas semidirectivas às quais se junta muitas vezes a análise de documentos. (...) A *field research* decorre de um pragmatismo metodológico cujo fulcro é a iniciativa do próprio investigador e cujo lema é a flexibilidade” (Canpenhoudt, Marquet, & Quivy, 2019, p. 334).

### **II.3 Instrumentos de Recolha de Dados**

A nossa recolha de dados será recolha documental, através da análise de fontes primárias, ligadas à história da cidade, bem como à heráldica nacional.

As pesquisas documentais em história e itinerários turísticos ajudam a ter uma visão mais explicativa e ampla, esta é feita com recurso a documentos que ainda não receberam qualquer tipo de tratamento. “A pesquisa documental procura explicar ou proporcionar uma melhor visão sobre um determinado problema ou fenómeno, utilizando materiais (documentos) que ainda não receberam um tratamento analítico ou que podem ser reelaborados, de acordo com os objetivos da pesquisa. “ (Serra, 2008, p. 33).

Para um melhor levantamento e organização dos dados referentes a esta pesquisa, optamos por realizar fichas de inventário sobre estes bens imóveis. Estes inventários dividem-se em dois arquivos de Word, no primeiro constarão as Casas Brasonadas e sua informação, acrescentando também alguma informação referente às famílias nobres que as habitaram, com os seus títulos de honraria e atividades realizadas na cidade. No

segundo arquivo de Word, constarão as pedras de armas e sua descrição, com a interpretação dos símbolos heráldicos e possíveis datações dos mesmos.

Com este método de recolha pretendemos criar, posteriormente, uma “base de dados” mais acessível e organizada, de modo a facilitar a pesquisa que se seguirá nos próximos passos da nossa dissertação. Para uma melhor compreensão da mesma pesquisa, tentaremos, sempre que possível utilizar uma linguagem mais acessível e clara.

Para uma maior comodidade e entendimento dos vocábulos heráldicos, iremos acrescentar um dicionário heráldico nos apêndices, onde constarão todas as palavras-chave mais importantes para a compreensão das descrições destas pedras de armas que adornam a cidade.

A nossa base de dados é inspirada na base de dados que a Dra. Ana Rita Moreira utilizou no seu Estudo da casa Nobre na Cidade de Lamego (Moreira, 2018, pp. 15-16), por questões de licenciamentos de software, não nos é possível utilizar o programa de computador utilizado nesse estudo, que é o FileMaker.

Posto esta questão e devido esclarecimento, iremos apresentar o nosso modelo de grelha, que se poderá ver na ilustração 4.

### Pedras de Armas:

Fotografia	
Nome	
Localização	
Fotografia Casa	
Casa (breve descrição)	
Família/ Descendentes	
Feitos	
Descrição Brasão	

*Ilustração 4-Tabela de Recolha de Dados proposta*

Passando a explicar todas as células, temos a Célula com o título “Fotografia”, essa célula é onde constará a fotografia da Pedra de Armas a estudar, na Célula “Nome” irá constar o nome da Pedra de Armas, ou da casa à qual está associada, na “Localização” iremos colocar as coordenadas geográficas onde ela se encontra, e nome da rua, na “Fotografia Casa” iremos colocar a fotografia exterior do Solar onde esta se encontra, na “Casa (breve descrição)” irá constar uma breve descrição histórica do solar, o ano e a arquitetura empregue no mesmo, na célula “Família/ Descendentes” irão ser colocados, quando possível o nome dos Fidalgos pertencentes às famílias a estudar, na célula “Feitos” irão constar os feitos da família, desde a atribuição da carta de brasão até aos cargos ocupados, esta será preenchida sempre que possível, pois há algumas famílias nobres de lamego do qual muito pouco se sabe, a não ser da existência dos seus solares e pedras de armas, na célula “Descrição do Brasão” irá ser colocada uma descrição interpretativa de todos os símbolos e decorações que compõe o Brasão de Armas.

### **III. ANÁLISE E DISCUSSÃO DE RESULTADOS**

#### **III.1 Uma primeira abordagem e enquadramento dos Resultados**

Após a realização do levantamento do número de casas brasonadas que existiam em Lamego, levantamento feito com o recurso ao livro, “Estudo da Casa Nobre em Lamego” de Ana Rita Moreira, (Moreira, 2018), livro disponibilizado em e-book no website do Museu de Lamego, sendo que tomamos conhecimento de 22 exemplares da Heráldica, que vão ser divididos em três categorias. Este é uma conta por solar, e não por existência das pedras de armas.

Dos exemplares de Heráldica Nacional, a vermelho no mapa, temos:

- 1-Armas de Lamego;
- 2- Armas do Reino de Portugal.

Dos exemplares da Heráldica eclesiástica, a azul no mapa, temos:

- 1- Museu de Lamego (número 3 no mapa);
- 2- Messe de Oficiais (número 4 no mapa);
- 3- Sé de Lamego (número 5 no mapa);
- 4- Casa do Deão (número 6 no mapa);
- 5- Casa do Espírito Santo (número 7 no mapa);
- 6- Casa dos Mores (número 8 no mapa);
- 7- Igreja das Chagas (número 9 no mapa);
- 8- Casa da Roda (número 10 no mapa).

Dos exemplares da Heráldica de família, a púrpura no mapa, temos as seguintes casas:

- 1-Casa das Brolhas (número 11 no mapa);
- 2- Solar dos Padilha (número 12 no mapa);
- 3- Solar dos Albergaria (número 13 no mapa);
- 4- Solar do Visconde de Arneirós (número 14 no mapa);
- 5- Casa do Poço (número 15 no mapa);
- 6- Solar dos Loureiros ou Viscondes de Alpendurada (número 16 no mapa);
- 7- Solar dos Pinheiros de Aragão (número 17 no mapa);
- 8- Solar dos Guedes Botelho (número 18 no mapa);

- 9- Solar dos Pereira Coutinho de Vilhena (número 19 no mapa);
- 10- Casa dos Serpa (número 20 no mapa);
- 11- Solar dos Silveiras (número 21 no mapa);
- 12- Paço Episcopal (número 22 no mapa).

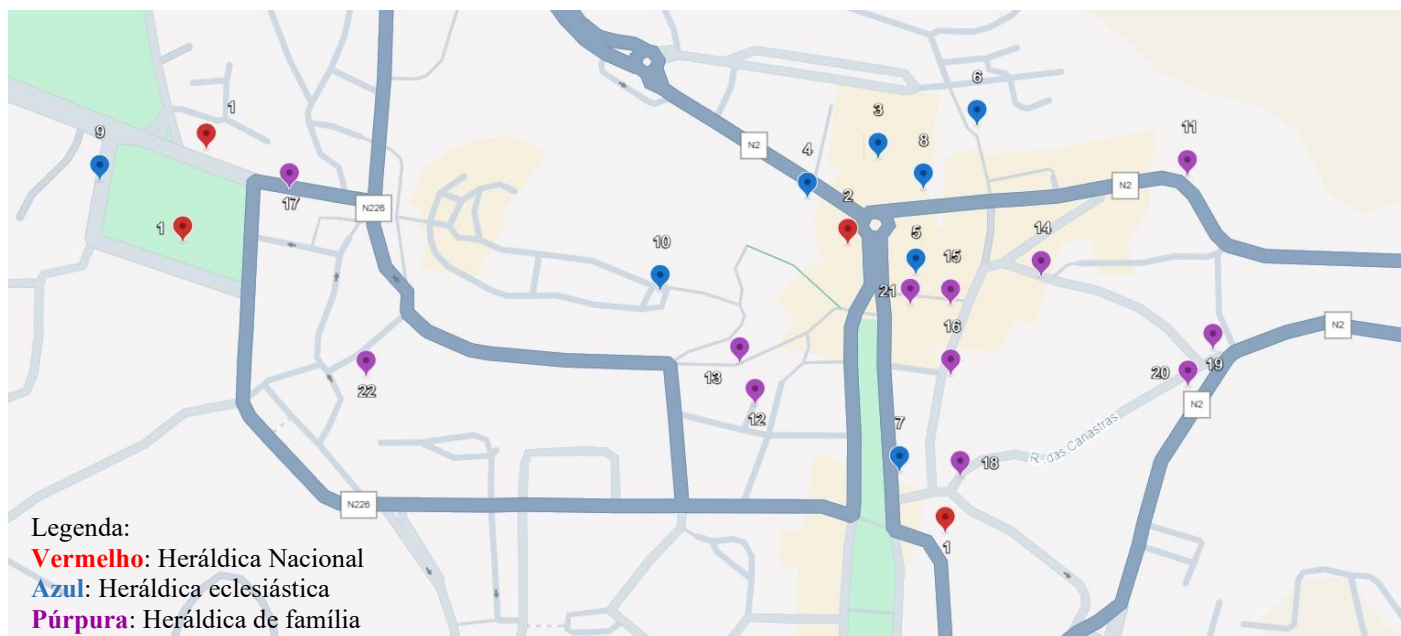


Ilustração 5- Mapa de Exemplos Heráldicos

Após esta identificação das pedras e sua localização, passamos para o trabalho de campo, o qual consistiu no levantamento de imagens desses solares e pedras de armas, tendo todas as fotografias a nossa autoria. A recolha de imagem foi realizada entre 15 de janeiro de 2025 a 13 de março do mesmo ano.

Podemos constatar que algumas casas nas suas fachadas ainda respeitavam o século de fundação das mesmas, mas outras foram adaptadas nas suas fachadas. Os maiores exemplos dessa adaptação foram sem dúvida a casa dos Silveiras, que se situa no largo da Sé, frente à Catedral. De acordo com o livro do “Estudo da Casa Nobre na Cidade de Lamego” (Moreira, 2018), a entrada na casa seria feita por uma porta que se situava por baixo da pedra de armas, mas que atualmente é o local que alberga um Cabeleireiro masculino, todo o piso térreo foi adaptado para superfícies comerciais, e a entrada no solar passou a ser feita pela lateral, sendo atualmente uma albergaria.



*Ilustração 6- Casa dos Silveiras, Largo da Sé*

*Data da fotografia: 15/01/2025*

O mesmo se passou com a casa dos Mores, que se situa no lado direito do Museu de Lamego, as alterações que lhe foram feitas foi a adaptação do piso térreo para lojas, sendo que o acesso à casa se mantém pelo pórtico principal, ou pelas portas laterais. A porta que fica voltada para o Museu, atualmente alberga a garagem e a que está voltada para a Rua dos Fornos é uma porta de acesso normal.



As restantes casas sofreram alterações, mas nenhuma acaba por danificar a sua fachada principal, sendo muitas delas o exemplo da passagem dos séculos por Lamego, e um exemplo da extinção da nobreza lusitana, ou mesmo dos poderes da igreja que marcaram os séculos pré implantação da República.

O grande número destas casas também ilustra a importância que Lamego teve, pois com esta concentração de casas e famílias nobres podemos tentar perceber como era a cidade de Lamego, e o pensamento de prosperidade e riqueza é grande.

“(…) que a riqueza da terra, a importância do comércio e da indústria artesanal tornaram Lamego num importante centro económico, sobretudo entre os meados do século XIV e XVI, chegando a ser uma cidade florescente. (…) só uma geração mais tarde se intensificaram a construção de moradias nobres. Entre as famílias mais importantes nos séculos XVI e XVII, encontramos a dos morgados do Poço, a da casa das Brolhas e a dos morgados de Balsemão“ (Silva J. S., 2002, p. 27).

O poder eclesiástico de Lamego já vem desde os tempos dos Visigodos, sendo esta a sede de bispado mais antiga em Portugal, datando do século V. “Lamego adquiriu grande importância durante a monarquia visigótica e podemos afirmar, com um máximo de probabilidades, que foi com eles que a cidade ascendeu à dignidade sede episcopal ainda dentro do século V, embora sem território diocesano” (Costa M. G., 1977, p. 50).

Assim sendo, não é de estranhar que a cidade se tenha mantido como sede de Bispado até à atualidade, mesmo tendo abandonado esta a sua antiga residência, que atualmente é o Museu de Lamego, e tenham ido para uma nova residência que lhes terá sido cedida por uma família nobre de Lamego, e que se encontra na Rua das Cortes, junto à igreja de Almacave.

### **III.1.1 A Heráldica Nacional**

Os exemplares da Heráldica nacional que podemos encontrar na cidade, são divididos em duas classes, na primeira temos a Heráldica Municipal e em segundo a Heráldica do Reino de Portugal.

A heráldica municipal encontra-se espalhada um pouco por toda a cidade, mas a mais importante, onde temos a informação dos esmaltes utilizados é a do azulejo do Jardim da República.



*Ilustração 8- Heráldica Municipal, Jardim da República*

*Data da fotografia: 15/01/2025*

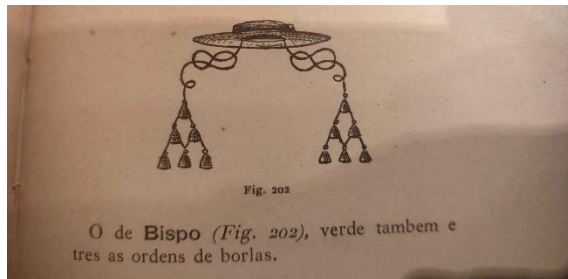
Já a heráldica do Reino, apesar de ser visível, encontra-se em menor número, havendo para já o registo de dois exemplos: um está na Porta de entrada para o Teatro Ribeiro da Conceição, e outra semelhante encontra-se na entrada da capela do Santuário de Nossa Senhora dos Remédios.

### **III.1.2 A Heráldica Eclesiástica**

Lamego, como foi analisado anteriormente, possui muitos exemplares de Heráldica eclesiástica, ligada aos bispos pertencentes a esta diocese. Na sua representação todos os heraldistas são unânimes, possuem o chapéu cardinalício a rematar o escudo, com três ordens de borlas, que ao todo serão seis de cada lado do escudo, e o escudo no centro.

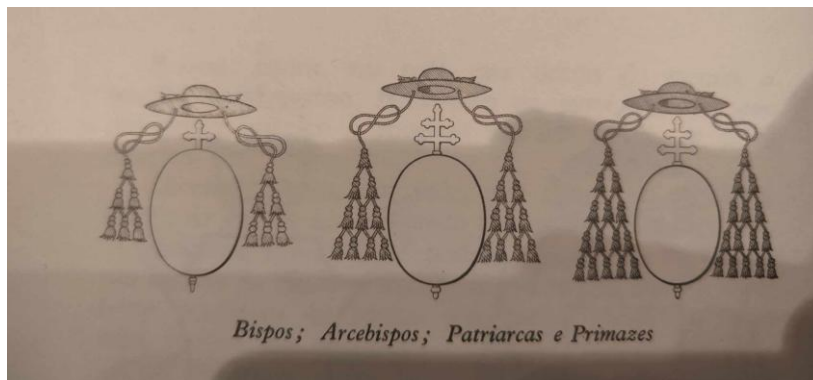
Durante a análise desses exemplares heráldicos, houve um brasão que se destacou pelo desentendimento entre as representações presentes, sendo esse o Brasão do Bispo D. Manuel de Noronha. Deste bispo existem várias representações heráldicas na cidade, mas não existe concordância entre elas. Apesar da escolha de figuração para esta dissertação ter recaído na pedra do seu túmulo, a que se encontra em melhor estado de conservação, esta pedra representa o símbolo heráldico de maneira errada, podemos concluir essa informação, realizando a análise desta pedra de armas com a orientação do livro *Heráldica* de Gastão de Matos e Luís Stubbs Bandeira, ou mesmo com o *Tratado de Armaria* de J. C. Ribeiro, onde visualizamos que o sinal episcopal é um chapéu com três ordens de borlas, e não quatro como está representado naquele brasão. Também não pode ser arcebispo, pois para isso faltava uma borla na quarta ordem, e D. Manuel de Noronha não

chegou a esse cargo eclesiástico, como sabemos através da biografia escrita no livro *Ilustres de Lamego*, de Fernando Cabral e Armando Rica. Assim sendo, com base nestas análises estamos perante um erro de cantaria.



*Ilustração 9- Chapéu de Bispo*

Fonte: (Ribeiro, 1907)



*Ilustração 10- Chapéus de Bispo, Arcebispo e Patriarcas*

Fonte: (Matos & Bandeira, 1969)



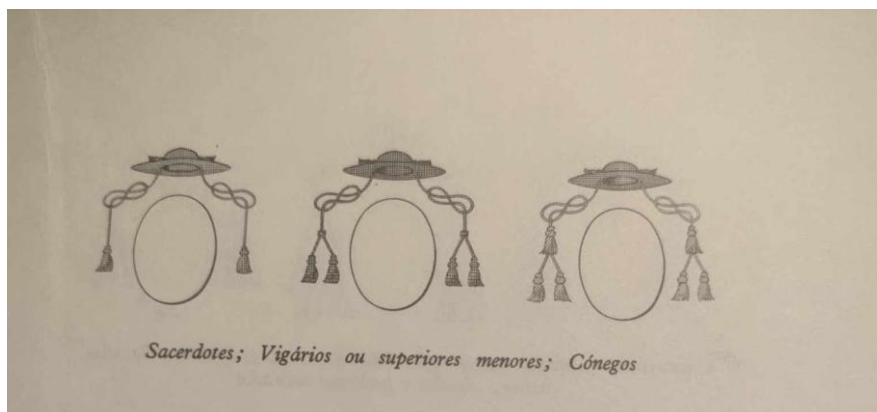
*Ilustração 11- Brasão do Bispo D. Manuel de Noronha, Sé Catedral*

Data: 22/01/2025

Também nos deparámos durante o nosso trabalho de recolha de campo com dois brasões extremamente peculiares. Um encontra-se na Sé de Lamego, voltado para a rua Macário de Castro - o Brasão do bispo Frei Feliciano de Nossa Senhora - este brasão é

extremamente peculiar no sentido em que os símbolos que estão presentes no interior do escudo não existem nos armoriais, sendo assim um brasão de fantasia, criado exclusivamente para aquele bispo, para se fazer reconhecer entre os seus pares e restantes cidadãos. O segundo Brasão peculiar encontra-se no portão da Messe de Oficiais, esse brasão esquartelado, apesar de ter as representações dos outros ramos familiares de maneira correta e respeitando os armoriais, no quartel destro do chefe encontra-se um símbolo heráldico de três estrelas de prata em fundo azul. Segundo Correia de Azevedo, autor do livro *Brasões e Casas Brasonadas do Douro*, que já havia estudado esse brasão, esse símbolo seria para representar o sobrenome Trindade, mas esse sobrenome não se encontra nos armoriais, logo, a pedido do bispo, foi criado aquele símbolo de fantasia que figura no seu escudo ladeando os restantes símbolos corretos que representam os seus sobrenomes. O mesmo nos é dito pelo mesmo autor sobre o Brasão de Frei Feliciano de Nossa Senhora, este brasão também é corroborado por Francisco José Cordeiro Laranjo no seu livro *Cidade de Lamego* (Laranjo, 1990).

É também de referir a análise que se conseguiu fazer ao brasão que se encontra no Patronato, na Rua dos Fornos, esse edifício em tempos terá pertencido ao Deão da Sé, D. António Freire Gameiro de Sousa. O deão, sendo uma entidade religiosa, era o membro mais antigo e seria ele que presidia ao cabido, mas mesmo assim seria um sacerdote, sendo o brasão de constituído por duas borlas que saem do chapéu cardinalício.



*Ilustração 12- Chapéus de Sacerdotes, Vigários e Superiores Menores e Cónegos*

*Fonte:* (Matos & Bandeira, 1969).

Analisando então esta ilustração, qual é o motivo para o brasão pertencente a D. António Freire Gameiro de Sousa se apresentar com três ordens de borlas? Esta foi a principal questão que norteou a pesquisa realizada para este brasão, pois as dúvidas começaram

logo desde o dia 15 de janeiro, quando a fotografia da pedra de armas foi tirada. Sendo a principal questão o porquê de estar um brasão de bispo numa casa que pertenceu a um deão?



*Ilustração 13- Brasão de D. António Freire Gameiro de Sousa*

*Data: 15/01/2025*

A resposta a este enigma veio a aparecer na página 120 do estudo de Ana Rita Moreira sobre as casas nobres da cidade de Lamego. Nessa página, após uma atenta leitura, é-nos dada a informação “Ligação ao Poder: (...) Cargo (...) Primeiro Bispo da Diocese de Aveiro (1774-1799)” (Moreira, 2018, p. 120).

Dos restantes brasões muito pouco há a acrescentar, e as maiores informações encontram-se nos apêndices desta dissertação, alguns apresentam-se partidos em pala, outros apresentam-se com armas plenas, alguns com diademas por baixo do chapéu eclesiástico, outros com a simplicidade do chapéu e das borlas. Mas todos com uma riqueza de detalhes única, mostrando assim o orgulho dos seus detentores, e o seu poder.

Esses brasões eclesiásticos espalhados pela cidade, ilustram o poder eclesiástico que Lamego possuía nos séculos desses mesmos prelados.

### **III.1.3 Heráldica Familiar**

Após o levantamento dos exemplares heráldicos, vimos que Lamego possui um património senhorial muito grande. Atualmente, só duas casas ainda pertencem aos donos

originais: a Casa das Brolhas e a Casa dos Loureiros ou Girões. Todas as outras casas senhoriais passaram para outros proprietários.

A 18 de outubro de 1910, após o advento da República, foi aprovado um decreto que retirava os títulos nobiliárquicos, distinções honoríficas e direitos de nobreza, sendo este o início da queda desta classe privilegiada. “Depois de proclamada a República, um decreto de 18-X-1910 aboliu os títulos nobiliárquicos, distinções honoríficas e direitos de nobreza” (Zuquete A. E., 2000, p. 16).

A extinção da nobreza nesta região duriense resulta de dois momentos: o primeiro, a extinção da lei do morgadio; o segundo, as sucessivas pragas agrícolas, como aconteceu com a filoxera, pois muitos dos nobres lamecenses também possuíam quintas e viviam da exportação de vinho.

“No Douro, as duas principais causas que deram origem ao empobrecimento das diversas famílias nobres e à ruína dos seus velhos solares foram, primeiro, a extinção da lei do morgadio; depois, as diversas crises agrícolas a que não é estranha a praga da filoxera em 1736, transformando a mais próspera e mais rica das regiões do país num vasto necrotério vitícola” (Azevedo, 1974, p. 6).

Como é possível também ver nos apêndices, muitos nobres da cidade estavam relacionados com a política do Reino, estando ligados ao exercício de cargos de Presidentes de câmara e outros órgãos importantes naquela época.

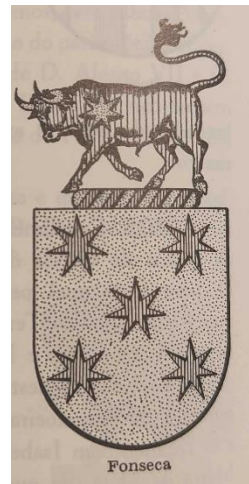
Com base na recolha que realizamos, e análise dos brasões, podemos salientar uma família que se ressalta em várias pedras, que são os Fonseca ou os Coutinho, segundo Afonso Zuquete, a família Coutinho terá nascido de um ramo da família Fonseca.

“Coutinho-É uma das mais antigas e ilustres famílias de Portugal, que atingiu grande brilho pelas valorosas acções e alianças que teve com membros da Casa Real. Parece provir esta linhagem de D. Garcia Rodrigues Fonseca, que esteve na conquista de Lamego com seu irmão D. Paio Rodrigues, de quem descendem os FONSECAS. (...) D. Vicente Viegas Coutinho, senhor do couto de Leomil, que por ser de pequena extensão chamavam Coutinho, de cuja designação tomou apelido (...) (Zuquete A. E., 2000, p. 184).

Também neste livro, ficamos a saber que este ramo Coutinho, será o dos Condes de Marialva, que ainda exerceram o título de Alcaide-Mor da cidade de Lamego. “(...) Foi 4º conde D. Francisco Coutinho, que morreu em 1532, irmão do anterior. Foi meirinho-mor, ofício em que sucedeu diretamente a seu pai, senhor de Castelo Rodrigo, Leomil, Penela, Póvoa, Valongo, e de muitas outras terras, senhor do morgado de Medelo, alcaide-mor de Lamego, etc. “ (Zuquete A. , 2000, p. 721).



*Ilustração 14- Brasão dos Coutinho*



*Ilustração 15- Brasão dos Fonseca*

Fonte ilustração 11 e 12: (Zuquete A. E., Armorial Lusitano, 2000)

Atualmente, muitos dos edifícios nobres da cidade albergam instituições, como a Santa casa da Misericórdia, o Registo Civil, a APITIL (instituição de solidariedade social) que tem no solar dos Pinheiros de Aragão o seu centro de dia para os idosos. O Solar dos Peixoto alberga atualmente o Paço episcopal; o Solar dos Silveiras é atualmente uma pensão; a Casa do Poço atualmente é da diocese e é um museu e arquivo diocesano e a Casa do Visconde de Arneirós atualmente encontra-se dividida: de um lado é de uma instituição social e do outro, onde se encontram as gárgulas, é um estabelecimento de diversão noturna.



*Ilustração 16- Casa Visconde de Arneirós, Bar*

*Data: 15/01/2025.*



*Ilustração 17- casa dos Serpa, atual Registo Civil*

*Data: 13/03/2025*

Nos brasões da Nobreza lamecense, algo que se destaca sempre são as decorações externas. A grande maioria apresenta decorações vegetalistas, com as folhas de acanto,

com os coronéis (coroas de grau nobiliárquico) e com os seus timbres. Mas de entre todos há um que se destaca na sua decoração externa.

No topo da rua da Mazeda, perto do registo civil de Lamego, existe um edifício imponente que atualmente pertence à Santa Casa da Misericórdia. Esse edifício pertenceu em tempos à ilustre família dos Pereira Coutinho de Vilhena.



*Ilustração 18- Casa dos Pereira Coutinho de Vilhena*

*Data: 13/03/2025*

Esta casa apresenta um brasão com uma decoração invulgar na cidade de Lamego, pois para além da decoração vegetalista apresenta os chamados Troféus.



*Ilustração 19- Brasão Pereira Coutinho de Vilhena*

*Data: 13/03/2025*

Sempre houve o costume de incluir no escudo de armas as peças de honrarias militares do portador deste escudo, segundo Gastão de Matos e Luís S. Bandeira, usavam-se instrumentos bélicos como espadas, peças de artilharia, bandeiras, bastões entre muitas outras peças bélicas.

“Com a tendência que houve para tornar mais decorativos estes ornatos exteriores, acumularam-se no seu desenho vários destes elementos e, por isso, acabaram os escudos por ser sobrepostos ao desenho de numerosas armas ou utensílios militares, a cujo conjunto se chama de trofeu. “ (Matos & Bandeira, 1969, p. 173).

Entre os dois canhões que se apresentam na base do escudo, podemos ver uma decoração vegetalista que se traduz numa coroa de louros, a ladear o escudo apresentam-se as bandeiras, estando também presente do lado direito do escudo um clarim, peça utilizada nos comandos de campo, e do lado esquerdo uma alabarda. Também se podem ver, ladeando esta composição três tambores, dois do lado direito do escudo e um do lado esquerdo.

Estes troféus têm justificação para aparecer na composição do escudo, pois segundo o estudo que Ana Rita Moreira fez, na página 156, ficamos a saber que António Pereira Coutinho de Vilhena, habitante dessa mesma casa terá sido comendador honorário da Ordem de Cristo e cavaleiro da Ordem de Jerusalém (Moreira, 2018, p. 156).

Na cidade, apesar de existirem ainda esses solares imponentes, infelizmente os nomes desses senhores e as simbologias dos seus brasões caíram no esquecimento, sendo imperioso para uma história e identidade local, voltar a trazer essas informações à luz, não deixando esses vultos cair no esquecimento.

### **III.1.4 Sobre a Partição dos Escudos**

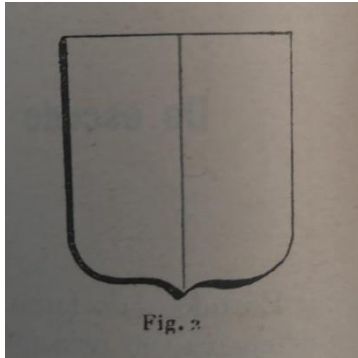
O escudo é o emblema mais utilizado na heráldica. Primeiramente uma arma defensiva, sendo utilizado para amortecer ataques adversários e para proteção do corpo, passou mais tarde a ser utilizado como um símbolo onde se pintavam as empresas dos proprietários. Ao local onde se pintavam os símbolos passou-se a dar o nome de campo do escudo.

“Como n’esta arma defensiva se costumavam pintar as empresas dos seus proprietários, passou ella a ser conjunctamente uma peça decorativa e testemunhal do ilustre das

estirpes. A superfície lisa destinada à inscrição das figuras passou a chamar-se campo do escudo.” (Ribeiro, 1907, p. 39).

Sendo assim o escudo pode ser dividido da seguinte maneira:

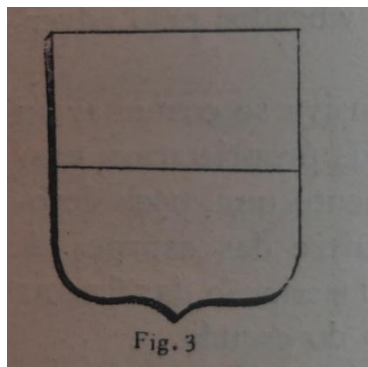
- 1) Partido em Pala: sendo o campo dividido em duas partes iguais.



*Ilustração 20- Escudo Partido em Pala*

*Fonte:* (Ribeiro, 1907).

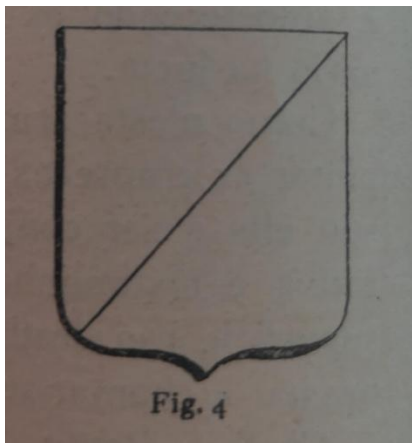
- 2) Partido em Faixa: Divide o campo horizontalmente em partes iguais.



*Ilustração 21- Escudo partido em Faixa*

*Fonte:* (Ribeiro, 1907).

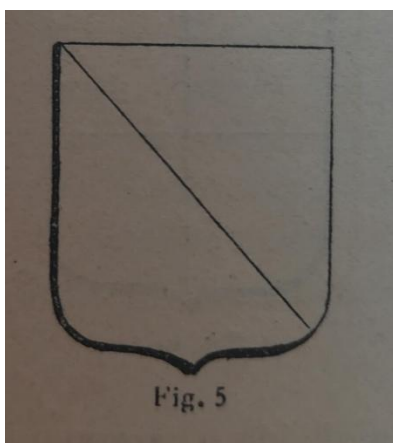
- 3) Cortado em Banda: corte feito na diagonal, partindo do lado direito superior para o lado esquerdo inferior.



*Ilustração 22- Escudo Cortado em Banda*

*Fonte: (Ribeiro, 1907).*

- 4) Cortado em Barra: corte feito na diagonal, mas no sentido inverso ao da banda. Isto é, partindo da esquerda superior para a direita inferior.

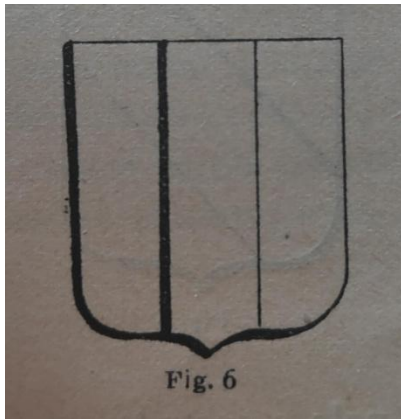


*Ilustração 23- Escudo cortado em Barra*

*Fonte: (Ribeiro, 1907).*

As combinações das linhas anteriormente referidas formam também subdivisões no escudo. Formando os terciados.

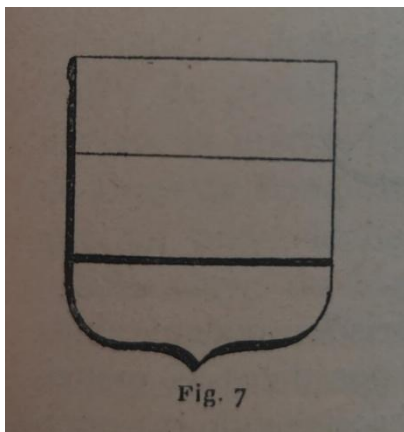
- 1) Escudo Terciado em Pala: Divide o escudo em verticalmente em três partes, iguais entre si.



*Ilustração 24- Escudo Terciado em Pala*

Fonte: (Ribeiro, 1907).

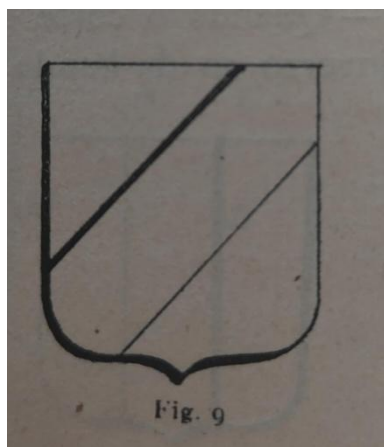
2) Terciado em Faixa: Divide o escudo horizontalmente em três partes iguais.



*Ilustração 25- Escudo Terciado em Faixa*

Fonte (Ribeiro, 1907).

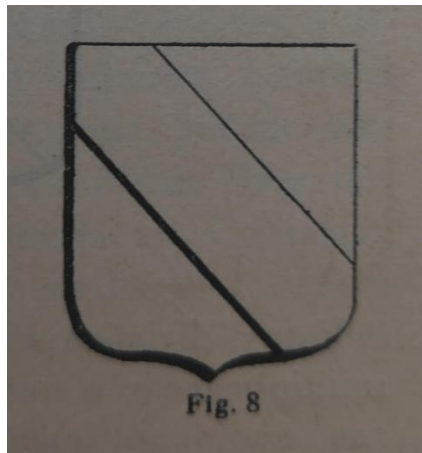
3) Terciado em Banda: divide o escudo diagonalmente, da direita superior para a esquerda inferior. Sendo esta feita em três partes iguais.



*Ilustração 26- Escudo Terciado em Banda*

Fonte: (Ribeiro, 1907).

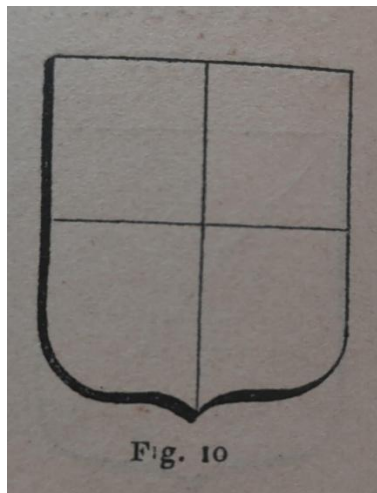
- 4) Escudo terciado em Barra: divide o escudo diagonalmente, da esquerda superior para a direita inferior. Sendo esta feita em três partes iguais.



*Ilustração 27- Escudo Terciado em Barra*

Fonte: (Ribeiro, 1907).

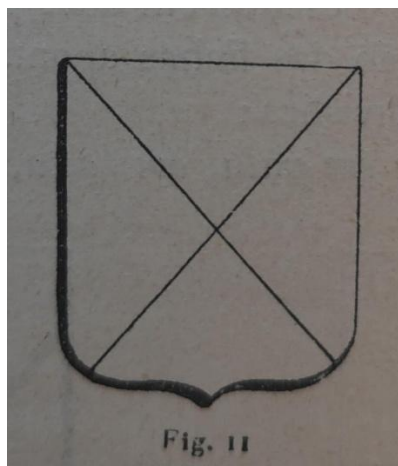
- 5) Escudo esquartelado: da fusão das partições em pala e em faixa, surge o escudo esquartelado, que divide o campo em quatro partes iguais.



*Ilustração 28- Escudo Esquartelado*

Fonte: (Ribeiro, 1907).

- 6) Escudo Franchado: fusão dos cortes em banda e em barra.



*Ilustração 29- Escudo Franchado*

*Fonte: (Ribeiro, 1907).*

Estas são as divisões principais do campo do escudo, existindo outras ao qual o Dr. Corrêa Leite Ribeiro faz referência no seu livro, mas que não lhes dá muita relevância.

“Estas divisões e subdivisões podem ainda multiplicar-se e variar-se por diversas maneiras (...). Não nos alongando com outros exemplos, diremos apenas que estas e outras combinações, mais ou menos complicadas, servem principalmente quando no escudo se querem designar as alianças das famílias pelos brasões respectivos. N’este caso costuma colocar-se no centro do campo, onde as divisões se cruzam, o escudo da família principal.” (Ribeiro, 1907, p. 43).

### **III.1.5 Das Figuras Heráldicas e suas Divisões**

Existem várias figuras heráldicas que são utilizadas para completar o campo do escudo. São divididas em quatro grupos, o primeiro grupo é constituído pelas Peças heráldicas, tendo este primeiro grupo três subdivisões, aos quais se dão o nome de Figuras heráldicas de primeira ordem, figuras heráldicas de segunda ordem e figuras heráldicas de terceira ordem.

O segundo grupo é o das figuras naturais, onde se fazem representar elementos naturalistas, como braços, animais, estrelas, flores, tudo o que nasce da natureza.

O terceiro grupo é o grupo das figuras artificiais, ou seja, elementos realizados pela ação humana, como torres, barcos, armas, peças de armadura, entre outros.

O quarto grupo é o das figuras quiméricas, ou seja, aquelas figuras mitológicas que são usadas pelas famílias.

Para uma melhor compreensão deste tema das figuras heráldicas esta dissertação possui dois anexos, ambos fazem referência a dois livros consultados, mas como a explicação dada iria ser a mesma e iria ao encontro do texto realizado, optamos por recorrer a anexos devidamente identificados e colocados na dissertação. Os livros que se encontram em anexo são, em anexo A: Heráldica de Gastão de Mello Matos e Luís Stubbs S.M. Bandeira, (Matos & Bandeira, 1969), estando este nas páginas 110 a 120 desta dissertação, tratando o tema das Peças Heráldicas, possuindo várias ilustrações para um melhor desenvolvimento do tema.

O segundo livro a figurar nos anexos, sendo este o anexo B, é o Tratado de Armaria de J.A. Corrêa Leite Ribeiro (Ribeiro, 1907), este livro apesar da sua antiguidade, visto ter mais de 100 anos, continua a ser atual no tema de armaria que trata. Neste extrato do livro pode-se ver desde a página 121 a 133, as divisões das figuras heráldicas, sendo um complemento ao anexo A, pois centra-se mais nas figuras naturais, artificiais e quiméricas.

Nas armas que se encontram espalhadas pela cidade de Lamego, a maior incidência é de peças heráldicas, figuras naturais e figuras artificiais. As peças heráldicas que mais se encontram são:

- 1- Besantes: Casa das Brolhas e Messe de Oficiais. (Anexo A- página 144)
- 2- Banda Engolida: Casa do Deão. (Anexo A- página 139)
- 3- Escudetes: Armas de Portugal, Solar dos Pinheiros de Aragão, Casa dos Mores, Casa das Brolhas, Casa do Deão, Casa do Poço, Atual Paço Episcopal e Casa da Roda. (Anexo A- página 145)
- 4- Cruz dobre: Messe de oficiais. (Anexo A- página 140)
- 5- Cóticas em Faixa: Solar dos Pinheiros de Aragão, Casa dos Guedes Botelho, Casa dos Serpa e Casa do Poço. (Anexo A- página 144)
- 6- Bandas Enxaqueteadas: Casa do Espírito Santo e Casa da Roda. (Anexo A- página 139)
- 7- Aspa Firmada: Casa dos Loureiros. (Anexo A- página 138)
- 8- Faixas ondeadas: Messe de Oficiais e Museu de Lamego. (Anexo A- páginas 141)
- 9- Cóticas em Banda: Paço Episcopal, Casa do Espírito Santo, Casa dos Guedes Botelho e Casa dos Mores. (Anexo A- página 144)
- 10- Mantel: Casa das Brolhas. (Anexo A- página 141)

- 11- Cruzes: Messe de Oficiais, Museu de Lamego, Sé de Lamego, Casa dos Silveira, Casa dos Loureiros, Casa dos Albergarias e Casa dos Pereira Coutinho de Vilhena. (Anexo A- página 140)

As figuras naturais presentes nos escudos de Lamego, são:

- 1- Meias Luas: Casa dos Albergaria, Solar dos Padilha, Messe de Oficiais, Casa do Poço, Paço episcopal, Solar dos Pinheiros de Aragão e Armas de Lamego. (Anexo B- página 148)
- 2- Estrelas: Casa dos Albergaria, Solar dos Padilha, Casa dos Visconde de Arneirós, casa das Brolhas, Casa dos Silveiras, Casa dos Pereira Coutinho de Vilhena, Messe de Oficiais e Casa dos Guedes Botelho. (Anexo B- página 148)
- 3- Braços: Casa dos Albergaria, Solar dos Padilha, Casa das Brolhas e Casa dos Pereira Coutinho de Vilhena. (Anexo B- página 148)
- 4- Cisne: Sé de Lamego. (Anexo B- página 152)
- 5- Lobos: Sé de Lamego (Bispo D. Manuel de Noronha) e Casa das Brolhas. (Anexo B- página 149)
- 6- Leões: Casa dos Mores, Brasão dos Cardoso (casa do Espírito Santo), Casa dos Silveira, Igreja das Chagas, Casa do Visconde de Arneirós e Casa das Brolhas. (Anexo B- página 149)
- 7- Coelho: Casa dos Mores. (Anexo B- página 150)
- 8- Árvores/ Pinheiros: Armas de Lamego, Solar dos Pinheiros de Aragão e Casa do Visconde de Arneirós. (Anexo B- página 152 e 153)
- 9- Cardos: Brasão dos Cardoso (casa do Espírito Santo). (Anexo B- página 153).
- 10- Conchas: Casa dos Loureiros, inclui-se a casa do Visconde de Arneirós, pois estas figuras são exclusivamente para as que estão representadas no escudo e não nos timbres. (Anexo B- página 151)
- 11- Flores de Carvalho (estrela de oito pontas inserida numa cadeia de meias luas): Casa dos Silveira, Casa do Poço e Casa dos Serpa. (Anexo B- página 148).
- 12- Montes: Armas de Lamego, Sé de Lamego (Bispo D. Manuel de Noronha). (Anexo B- página 153)
- 13- Sol: Armas de Lamego. (Anexo B- página 148)
- 14- Flores de Lis: Casa dos Mores, Casa das Brolhas, Casa do Espírito Santo e Casa da Roda. (Anexo B- página 153)

As figuras artificiais presentes nos escudos de Lamego são:

- 1- Buzinas: Casa dos Mores. (Anexo B- página 154)
- 2- Cunhas: Casa do Espírito Santo. (Anexo B- página 155)
- 3- Torres: Sé de Lamego (Bispo D. Manuel de Noronha), Casa dos Serpa. (Anexo B- página 157)
- 4- Anéis: Casa das Brolhas e Casa dos Pereira Coutinho de Vilhena. (Anexo B- página 154)
- 5- Castelos: Armas de Portugal, Armas de Lamego, Casa da Roda, Casa das Brolhas (Anexo B- página 154).

## **III.2 Proposta de ação**

### **III.2.1 A sugestão de Uma Rota**

O conceito de rotas turísticas tem sido amplamente desenvolvido nas últimas décadas enquanto estratégia de valorização territorial. Segundo Figueira (2013), as rotas constituem-se como produtos turísticos que articulam recursos patrimoniais através de um fio condutor temático, proporcionando uma experiência cultural estruturada. No caso do património heráldico, a criação de uma rota permite a interpretação contextualizada dos símbolos e da sua relação com a história local.

“(…) o conceito de turismo de rotas desenvolve-se como uma tendência crescente, ligando diferentes atrações, promovendo, simultaneamente, o turismo local e a conservação do património, incentivando os turistas a deslocarem-se pelo território.” (Paiva, Seabra, Abrantes, Reis, & Pereira, p. 381).

Como podemos ver também com a citação anterior, a criação desta rota vai permitir uma maior promoção de atrações, incentivando o turista, com o recurso a um mapa e ao seu telemóvel, a deslocarem-se e a explorarem o território, levando-os a descobrir a história local.

“As rotas turísticas são um importante meio de desenvolvimento do turismo, particularmente nas regiões do interior. Importa conhecer quais as dimensões e objetivos que devem presidir a criação das mesmas.” (Mota, 2020, p. 7). Podemos assim também ver que as criações das Rotas Turísticas nas regiões do interior de Portugal representam um meio de desenvolvimento do turismo nessas regiões, ajudando conseqüentemente a um melhor desenvolvimento económico e social dessas regiões, podendo também ajudar

na captação dos jovens e criação de postos de trabalho, combatendo assim a desertificação do interior.

A opção pela criação de uma rota única, em detrimento da implementação de dois itinerários distintos (nobiliárquico e eclesiástico), fundamenta-se na análise das características do património heráldico de Lamego, que evidencia uma profunda interligação entre as esferas nobiliárquica e eclesiástica. Esta abordagem integrada permite uma leitura mais completa do papel das elites no desenvolvimento da cidade, ao mesmo tempo que proporciona uma maior flexibilidade na fruição turística, critério essencial segundo Costa (2021), que defende a adaptabilidade como fator crítico no sucesso de rotas culturais.

A Rota dos Nobres e Bispos apresenta-se com os seguintes objetivos específicos:

- Valorizar o património heráldico de Lamego como elemento distintivo da identidade local;
- Promover a interpretação e compreensão dos símbolos heráldicos junto de públicos diversificados;
- Contribuir para a preservação e conservação das pedras de armas e solares brasonados;
- Diversificar a oferta turística da cidade, promovendo uma distribuição mais equilibrada dos fluxos turísticos;
- Estabelecer ligações entre os diferentes núcleos históricos da cidade;
- Criar um produto turístico diferenciador, capaz de aumentar a permanência média dos visitantes na cidade.

A implementação desta rota assume particular relevância no contexto turístico de Lamego, cidade que, segundo dados oficiais, registou mais de 20 mil visitantes na Loja Interativa de Turismo em 2022 (Ferreira, 2023). Este fluxo significativo, maioritariamente associado ao turismo fluvial do Douro e ao turismo religioso do Santuário de Nossa Senhora dos Remédios, poderá beneficiar de uma diversificação da oferta cultural que valorize o património arquitetónico e heráldico da cidade.

“O turismo cultural tem vindo a ganhar importância e é um dos produtos turísticos que mais se tem evidenciado a nível global. Há cerca de 15 anos já apresentava um crescimento médio anual na ordem dos 15% e, como exemplo, 50% dos americanos consideravam que a cultura e a história eram os fatores mais importantes na escolha de um destino a visitar. “ (Nascimento, Marques, & Alcântara, 2023, p. 52)

Assim sendo, e analisando estas duas informações, a tendência crescente do Turismo Cultural irá favorecer o território, pois a rota proposta pode ajudar ao posicionamento de Lamego no que respeita o turismo cultural e na captação do público alvo, ou seja o “Turista Cultural”.

A rota proposta permitirá ainda estabelecer sinergias com outros produtos turísticos regionais, nomeadamente com as rotas vitivinícolas e com o património classificado da região, contribuindo para o posicionamento de Lamego como destino cultural de excelência no contexto do Douro.

A implementação da Rota dos Nobres e Bispos assentará em quatro eixos estratégicos:

- a. Infraestruturação física: Implementação de sinalética interpretativa junto aos exemplares heráldicos, com painéis informativos que incluam descrições em *braille* e *QR codes* para conteúdos complementares;
- b. Recursos digitais: Desenvolvimento de uma plataforma digital bilingue (português e inglês, com possibilidade de expansão para outros idiomas) e integração em aplicações como *Wikiloc*, permitindo experiências autoguiadas;
- c. Parcerias institucionais: Estabelecimento de protocolos com o Município de Lamego, Turismo do Porto e Norte, Museu de Lamego e proprietários dos imóveis, garantindo a sustentabilidade da iniciativa;
- d. Comunicação e divulgação: Elaboração de materiais promocionais físicos e digitais, integração em redes temáticas de rotas similares e desenvolvimento de estratégias de marketing digital direcionadas a segmentos específicos.

A implementação desta rota deverá produzir impactos significativos a diversos níveis:

- Impacto patrimonial: Contributo para a preservação e restauro de exemplares heráldicos em risco, através da sua valorização e reconhecimento;
- Impacto educativo: Democratização do conhecimento sobre heráldica, tornando-o acessível ao público geral;
- Impacto turístico: Diversificação da oferta cultural da cidade, criação de um produto diferenciador e aumento da permanência média dos visitantes;
- Impacto económico: Dinamização da economia local através do aumento dos fluxos turísticos e da sua dispersão pelo centro histórico;
- Impacto científico: Contributo para o estudo e documentação da heráldica portuguesa, colmatando a escassez de iniciativas neste domínio.

### III.2.2 O mapeamento da Rota

A metodologia aplicada na construção do itinerário da Rota dos Nobres e Bispos baseou-se na análise espacial da distribuição dos exemplares heráldicos, considerando critérios de proximidade, relevância histórica e acessibilidade. O processo de definição do traçado envolveu:

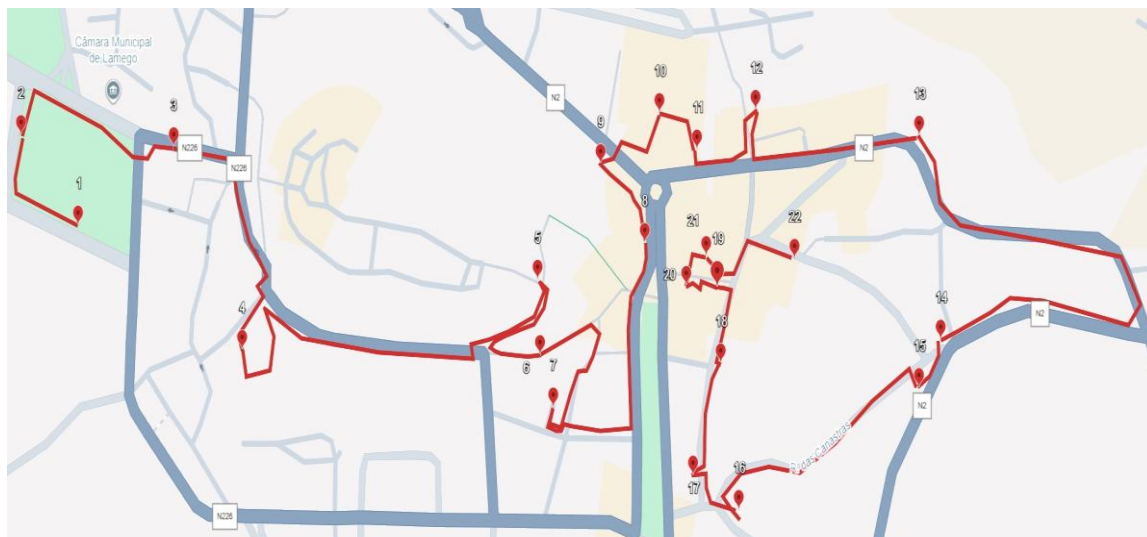
- Georreferenciação dos 22 pontos de interesse heráldico identificados;
- Análise das distâncias entre pontos e definição de clusters geográficos;
- Avaliação das condições de acessibilidade, incluindo declives e condições dos arruamentos;
- Identificação de infraestruturas de apoio (parques de estacionamento, instalações sanitárias, áreas de descanso).

A Rota dos Nobres e Bispos configura-se como um itinerário cultural temático de tipologia circular com pontos de entrada e saída múltiplos. Segundo a classificação proposta por Figueira (2013), enquadra-se na categoria de 'itinerário urbano integrado', uma vez que:

- Articula diferentes núcleos históricos da cidade (zona alta e zona baixa);
- Permite múltiplas modalidades de visitação (pedonal, automóvel, parcial ou integral);
- Integra-se com outras ofertas turísticas da cidade;
- Apresenta flexibilidade de fruição, adaptando-se às necessidades e disponibilidade temporal dos visitantes.

O traçado proposto, representado na Ilustração 30, abrange uma área total aproximada de 1,5 km<sup>2</sup>, com uma extensão total de percurso de cerca de 4 km se realizado integralmente. O desnível acumulado entre o ponto mais baixo (Casa do Visconde de Arneirós, a 500m de altitude) e o mais elevado (Solar dos Albergarias, a 570m) é de aproximadamente 70 metros, com inclinações que variam entre os 5% e os 12% nos troços mais íngremes.

A rota foi estruturada de modo a que a distância média entre pontos consecutivos não exceda os 300 metros, permitindo uma experiência confortável mesmo para visitantes com mobilidade condicionada. Nos troços de maior inclinação, foram identificados percursos alternativos e pontos de acesso para veículos



*Ilustração 30- Mapa da Rota*

*Fonte: elaboração própria*

Legenda dos pontos da Rota:

- 1- Brasão da Cidade
- 2- Igreja das Chagas
- 3- Solar dos Pinheiros de Aragão
- 4- Paço Episcopal (atual)
- 5- Casa da Roda
- 6- Solar dos Albergarias
- 7- Solar dos Padilha
- 8- Brasão do Reino de Portugal
- 9- Messe de Oficiais
- 10- Museu de Lamego
- 11- Casa dos Mores
- 12- Casa do Deão
- 13- Casa das Brolhas
- 14- Casa dos Pereira Coutinho de Vilhena
- 15- Casa dos Serpa

- 16- Solar dos Guedes Botelho
- 17- Casa do Espírito Santo
- 18- Casa dos Loureiros
- 19- Casa do Poço
- 20- Casa dos Silveira
- 21- Sé de Lamego
- 22- Casa do Visconde de Arneirós.

Para facilitar a fruição da rota em função do tempo disponível e dos interesses específicos dos visitantes, propõe-se a segmentação do itinerário em três circuitos complementares:

**Circuito 1: Heráldica Eclesiástica** (pontos 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10 - circuito a azul no mapa)

- Duração aproximada: 2-3 horas

Focado nos exemplares heráldicos associados aos bispos e à influência da Igreja na cidade.

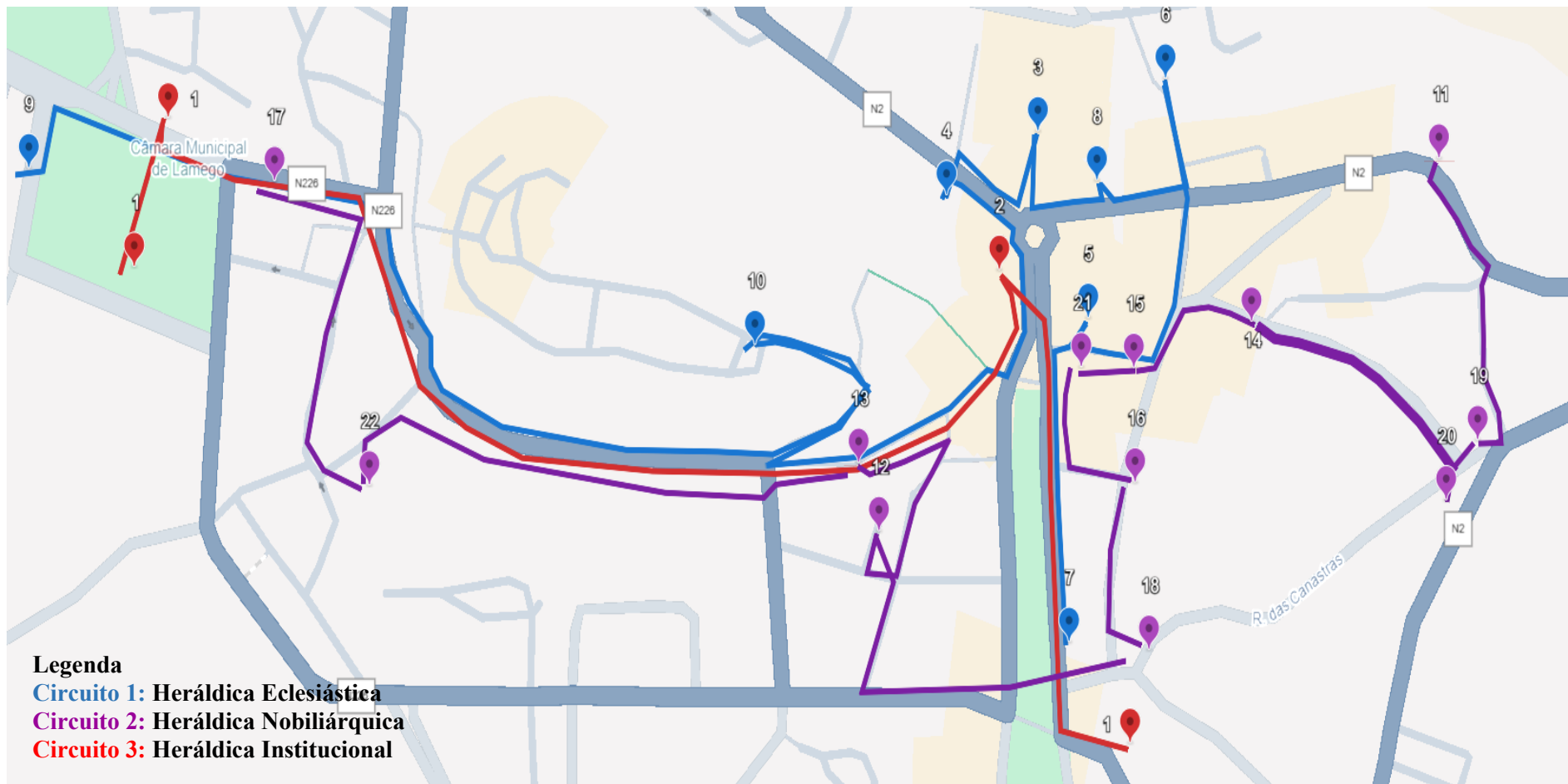
**Circuito 2: Heráldica Nobiliárquica** (pontos 11,12,13,14,15,16,17,18,19,20,21,22- circuito a púrpura no mapa) - Duração aproximada: 3-4 horas

Centrado nas casas e solares das famílias nobres que influenciaram o desenvolvimento urbano.

**Circuito 3: Heráldica Institucional** (pontos 1, 2 - Circuito a vermelho no mapa) -

Duração aproximada: 1-2 horas

Focado nos símbolos do poder institucional, tanto local como nacional.



*Ilustração 31- Mapa com os diferentes Circuitos*

*Fonte: elaboração própria*

Esta segmentação permite que o visitante possa optar por realizar a totalidade da rota em dois dias, como sugerido, ou selecionar apenas os circuitos que correspondam aos seus interesses específicos.

A análise de acessibilidade do percurso foi realizada considerando os parâmetros estabelecidos pelo Instituto Nacional para a Reabilitação, tendo sido identificados:

- 18 pontos com acessibilidade plena para pessoas com mobilidade reduzida;
- 4 pontos com acessibilidade condicionada, para os quais foram desenvolvidas soluções alternativas de visualização (pontos 6, 7, 13 e 17);
- 19 parques de estacionamento num raio de 100 metros dos pontos de interesse, dos quais 12 dispõem de lugares reservados para pessoas com deficiência;
- 8 instalações sanitárias públicas adaptadas ao longo do percurso.

Para além das condições físicas de acessibilidade, a rota contempla soluções inclusivas através dos painéis interpretativos com informação em braille e conteúdos digitais com audiodescrição, garantindo uma experiência completa para todos os visitantes.

Considerando as características climáticas de Lamego, com temperaturas médias que variam entre os 8°C em janeiro e os 22°C em julho/agosto, recomenda-se a realização da rota completa preferencialmente nas estações intermédias (primavera e outono). Durante os meses de verão, sugere-se a visita nos períodos da manhã (até às 11h00) ou final da tarde (após as 17h00), evitando as horas de maior calor.

Para uma gestão eficiente dos fluxos turísticos, foram identificados os períodos de maior afluência à cidade (festividades religiosas e vindimas) durante os quais se recomenda a implementação de um sistema de monitorização da capacidade de carga dos pontos de maior interesse.

### **III.2.3 Sistema de Sinalética: Tipologia, Hierarquia e Distribuição**

A implementação da Rota dos Nobres e Bispos requer um sistema de sinalética coerente e eficaz, desenvolvido segundo os princípios da interpretação patrimonial propostos por Tilden (2007) para rotas culturais. O sistema proposto fundamenta-se na hierarquização das necessidades informativas dos visitantes e na complementaridade entre recursos físicos e digitais.

A sinalética proposta articula-se em três níveis hierárquicos, cada um com funções específicas:

**Nível 1 - Sinalética de Orientação:** Elementos direcionais que guiam o visitante entre os pontos de interesse;

**Nível 2 - Sinalética de Identificação:** Elementos que assinalam cada ponto de interesse da rota;

**Nível 3 - Sinalética de Interpretação:** Elementos que proporcionam informação detalhada sobre cada exemplar heráldico.

Para cada nível hierárquico, definem-se as seguintes especificações técnicas:

**Sinalética de Orientação:**

- Tipologia: Placas direcionais em alumínio com tratamento anti-corrosão
- Dimensões: 15 x 30 cm
- Elementos gráficos: Logótipo da rota, setas direcionais e distância até ao próximo ponto
- Localização: Pontos estratégicos de decisão ao longo do percurso (cruzamentos, bifurcações)
- Quantidade prevista: 38 unidades
- Adaptações inclusivas: Altura de instalação uniformizada a 120 cm do solo.

**Painéis Informativos Gerais:**

- Tipologia: Estruturas autoportantes em aço corten e vidro temperado
- Dimensões: 120 x 180 cm
- Elementos gráficos: Mapa completo da rota, legenda, introdução histórica, *QR codes*
- Localização: Dois pontos estratégicos - Jardim da República (zona alta) e Av. Guedes Teixeira (zona baixa)
- Adaptações inclusivas: Informação em braille e QR code para audiodescrição, altura adequada para utilizadores de cadeira de rodas.
- A seleção de materiais para o sistema de sinalética considerou os seguintes critérios:
  - Durabilidade e resistência às condições meteorológicas da região
  - Integração estética com a envolvente patrimonial

- Sustentabilidade ambiental dos materiais
- Facilidade de manutenção e reposição

Optou-se pelo aço *corten* como material principal para as estruturas de suporte, devido à sua durabilidade, comportamento face à oxidação controlada e integração cromática com a paisagem urbana histórica. Para as superfícies informativas, selecionou-se o vidro temperado com impressão digital de alta resistência, garantindo legibilidade, durabilidade e resistência a atos de vandalismo.

A distribuição espacial da sinalética foi planeada através de um sistema de informação geográfica (SIG), permitindo:

- Identificação de 38 pontos estratégicos para instalação da sinalética direcional
- Definição de dois locais de maior afluência para os painéis informativos gerais
- Avaliação da intervisibilidade entre elementos consecutivos da sinalética
- Análise de potenciais conflitos com outros elementos urbanos

A densidade de elementos de sinalização foi calculada para garantir a orientação eficaz sem provocar poluição visual no ambiente urbano histórico, respeitando as normativas municipais e as diretrizes da Direção-Geral do Património Cultural para intervenções em centros históricos.



*Ilustração 32- Exemplo de Sinalética*

*Fonte: (Corte, 2024)*



*Ilustração 33- Exemplo de Mapa*

*Fonte: Explora Douro, (Douro, 2020)*

### **III.2.4 Sinalética Interpretativa: Design, Conteúdos e Acessibilidade**

O desenvolvimento da sinalética interpretativa baseou-se nos princípios contemporâneos da interpretação patrimonial (Moscardo, 2014), designadamente:

- Relevância: Estabelecimento de conexões entre o património heráldico e a experiência dos visitantes
- Envolvimento: Criação de elementos interpretativos que estimulem múltiplos sentidos
- Narrativa: Estruturação da informação de forma a contar histórias sobre as famílias e seus símbolos
- Acessibilidade: Disponibilização da informação em formatos acessíveis a diversos públicos
- Estratificação: Organização da informação em níveis de aprofundamento

# Solar dos Albergaria

Nome em Braile



Casa que pertenceu à família dos Albergaria e mais tarde à família dos Padilha, seus familiares em linha indireta. É um palacete de linhas simples, desconhecendo-se a data da sua fundação e da extinção da família. A maior decoração encontra-se nas misulas que decoram as janelas e as sacadas. Neste palacete funcionou a Associação de Sapateiros. Atualmente o edifício esteve em obras de renovação, tendo sido acrescentado mais um piso.

## A família da casa:

Família extinta sem nomes de relevo na história local.

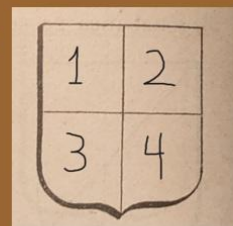


## O Brasão:

Brasão feito em granito. Esquartelado, apresentando um elmo de conde.

Legenda:

- 1- Pinto
- 2- Teixeira
- 3- Coutinho
- 4- Vilhena



Próximos pontos/next points/prochaine point/nächster Halt:  
Solar dos Padilha: a 170 metros, Largo dos Bancos; Dificuldade: Nível: 1  
Casa da Roda: a 200 metros, Rua do Castelo; Dificuldade: Nível: 2  
Teatro Ribeiro de Conceição: a 110 metros, Largo de Camões; Dificuldade: Nível: 1



*Ilustração 34- Sinalética interpretativa*

*Fonte: Realização própria 25/07/2025*

*Fonte imagens:*

*Casa e Brasão: fotos 15/01/2025*

*Brasão em branco: (Ribeiro, 1907)*

*Exemplo de Código QR: Wikipédia*

Os painéis interpretativos específicos para cada ponto de interesse foram concebidos segundo uma estrutura modular que inclui:

- Cabeçalho com identificação da rota e do ponto de interesse
- Secção visual com fotografia atual e histórica (quando disponível) do edifício
- Reprodução do brasão com identificação cromática dos elementos heráldicos
- Texto interpretativo em português, organizado em três níveis de leitura:
  - Nível 1: Informação essencial (título, data, família)
  - Nível 2: Descrição do brasão e do edifício
  - Nível 3: Contexto histórico e relevância para a cidade
- *QR codes* segmentados por funcionalidade:
  - Traduções em quatro idiomas (inglês, francês, alemão)
  - Versão narrada em português para invisuais

- Conteúdos complementares (genealogia, documentos históricos)
- Elementos táteis:
  - Reprodução em relevo do brasão
  - Legenda em braille
  - Mapa tátil simplificado da localização.

Cada painel interpretativo apresenta as seguintes especificações técnicas:

- Dimensões: 60 x 90 cm (formato vertical)
- Materiais: Estrutura em aço corten; superfície informativa em vidro temperado de 10mm com impressão digital; elementos táteis em bronze
- Altura de instalação: 85 cm (bordo inferior) a 175 cm (bordo superior)
- Sistema de iluminação: LEDs de baixo consumo alimentados por painel solar integrado na estrutura
- Ângulo de inclinação: 15° para facilitar a leitura
- Tipo de letra: Família tipográfica sans-serif de alta legibilidade (Frutiger), com dimensões que respeitam as normas de acessibilidade
- Contraste cromático: Relação de contraste de pelo menos 70% entre texto e fundo.

A integração de recursos digitais através de *QR codes* permite ampliar significativamente a experiência interpretativa, sem sobrecarregar os painéis físicos com informação excessiva. A plataforma digital associada oferece:

- Conteúdos multimédia complementares (reconstituições 3D, documentos históricos)
- Narração áudio sincronizada com destaque visual dos elementos descritos
- Funcionalidade de 'realidade aumentada' permitindo a visualização das cores originais dos brasões sobrepostas à imagem real
- Sistema de feedback e contributo dos visitantes (fotografias históricas, histórias familiares)
- Métricas de utilização para avaliação contínua da eficácia interpretativa

Esta abordagem híbrida, combinando elementos físicos e digitais, permite não só uma adaptação contínua dos conteúdos sem necessidade de intervenção física nos painéis, como também a personalização da experiência interpretativa em função dos interesses específicos e do tempo disponível de cada visitante.

O sistema de sinalética foi concebido tendo em conta a sua sustentabilidade a longo prazo, contemplando:

- Plano de manutenção preventiva com inspeções trimestrais
- Durabilidade mínima de 10 anos para os elementos físicos
- Superfícies anti-graffiti e resistentes a vandalismo
- Sistema modular que permite a substituição parcial em caso de dano
- Alimentação energética autónoma através de painéis solares integrados
- Base de dados centralizada para atualização simultânea dos conteúdos digitais.

Estas alterações fornecerão uma fundamentação teórica e técnica sólida para o sistema de sinalética proposto, demonstrando a reflexão aprofundada sobre os aspetos funcionais, estéticos e inclusivos da interpretação do património heráldico de Lamego.

Também pretendemos dar mais informação aos turistas que se decidam aventurar a fazer esta rota, pois existem sempre factos interessantes para contar, que para não sobrecarregar o painel informativo iremos dar num out-put próprio, sendo possível aceder ao mesmo com os códigos QR disponibilizados.

Casa dos Albergaria	Casa dos Albergaria
<p>As cores do Brasão:</p> 	<p>Teixeira. No terceiro quartel a cinco estrelas de cinco raios de vermelho sobre fundo de ouro representa a família dos Coutinho, e no quarto quartel uma asa aberta de ouro terminada numa mão de carnção empunhando uma espada de prata guarnecida de ouro sobre fundo vermelho representa a família dos Vilhena.</p>
<p>Descendência:</p> <p>Infelizmente a família dos Albergaria não foi uma família muito importante, sendo que se extinguiu cedo passando a casa a fazer parte da família que habitava no solar dos Padilha, que eram seus familiares em Linha indireta.</p> <p>Descrição do brasão:</p> <p>O brasão que se nos apresenta é decorado exteriormente pelo Paquífe, que se originou pelo lenço usado pelos cavaleiros para proteger o Elmo da incidência direta do sol. Esse paquífe forma uma decoração vegetalista. O paquífe é preso ao elmo pelo virol, uma peça redonda de couro que prendia os dois elementos ao elmo. Estes são rematados pelo Timbre, que apresenta um animal, impercetível no ângulo da fotografia, mas virado para a esquerda.</p> <p>O elmo de prata está virado a um terço de frente, com nove grades de ouro, que simbolizam a presença de um conde ou visconde.</p> <p>O escudo esquartelado representa quatro famílias. No primeiro quartel os cinco crescentes de vermelho em fundo prata, representa a família dos Pinto. No segundo quartel uma cruz de ouro potentela, ou seja, retangular nas suas extremidades, e vazia sob fundo azul representa a família dos</p>	<p><b>Bibliografia</b></p> <p>Azevedo, C. d. (1974). <i>Brasões e Casas Brasonadas do Douro</i>. Lamego: Gráfica de Lamego.</p> <p>Matos, G. d., &amp; Bandeira, L. S. (1969). <i>Heráldica</i>. Lisboa/ Cacém : Verbo.</p> <p>Moreira, A. R. (2018). <i>O Estudo da Casa Nobre na Cidade de Lamego</i>. Lamego: Museu de Lamego.</p> <p>Ribeiro, J. C. (1907). <i>Tratado de Armaria</i>. Lisboa : Empresa da História de Portugal.</p> <p>Zuquete, A. (2000). <i>Nobrez de Portugal e Brasil, volume 2</i>. Lisboa : Edições Zairol .</p> <p>Zuquete, A. E. (2000). <i>Armorial Lusitano</i>. Lisboa: Edições Zairol.</p>

Ilustração 35- Página das Informações complementares

A ilustração 34 exemplifica o exemplo a ser adotado para a página das informações complementares. A mesma será disponibilizada nos idiomas selecionados (Inglês, Francês e Alemão) e também será disponibilizada com audiodescrição para os turistas invisuais.

A rota terá uma distribuição feita através de mapas, que esperamos serem distribuídos na Loja interativa de Turismo, bem como a divulgação feita através de websites e mesmo em redes sociais, tentando alcançar a visibilidade necessária para atrair possíveis interessados.

Nas ruas iremos contar com sinalização específica que irá orientar os visitantes, contaremos com dois mapas fixos na cidade, de modo a orientar o visitante que esteja a fazer a rota, e contaremos com painéis informativos perto das casas, que serão ilustrados pela fotografia e descrição da casa, fotografia do brasão e legendagem do mesmo, e sempre que possível um historial sobre a família, falando dos seus membros mais ilustres, esta informação será disponibilizada em português, com as traduções em Espanhol, Alemão, Inglês e Francês disponíveis através da leitura de um código QR. Para as traduções irá haver um narrador na mesma página, facilitando assim também a inclusão de pessoas invisuais. Para os visitantes portugueses teremos a narração disponibilizada em código QR. Este método inclusivo numa rota cultural desta magnitude, permite criar uma maior envolvência e imersão na mesma, mostrando assim que o turismo é algo que inclui todos, não deixando ninguém esquecido.

Para as pessoas invisuais, pensamos também incluir o escudo heráldico em relevo e a legenda em braile, pois assim eles podem sentir os emblemas que lhes são descritos, tornando assim a sua experiência mais completa e imersiva.

A rota terá uma distribuição feita através de mapas, que esperamos serem distribuídos na Loja interativa de Turismo, bem como a divulgação feita através de *websites* e mesmo em redes sociais, tentando alcançar a visibilidade necessária para atrair possíveis interessados.

Nas ruas iremos contar com sinalização específica que irá orientar os visitantes, contaremos com dois mapas fixos na cidade, de modo a orientar o visitante que esteja a fazer a rota, e contaremos com painéis informativos perto das casas, que serão ilustrados

pela fotografia e descrição da casa, fotografia do brasão e legendagem do mesmo, e sempre que possível um historial sobre a família, falando dos seus membros mais ilustres, esta informação será disponibilizada em português, com as traduções em Espanhol, Alemão, Inglês e Francês, disponíveis através da leitura de um código QR. Para as traduções irá haver um narrador na mesma página, facilitando assim também a inclusão de pessoas invisuais. Para os visitantes portugueses teremos a narração disponibilizada em código QR. Este método inclusivo numa rota cultural desta magnitude, permite criar uma maior envolvência e imersão na mesma, mostrando assim que o turismo é algo que inclui todos, não deixando ninguém esquecido.

Para as pessoas invisuais, pensamos também incluir o escudo heráldico em relevo e a legenda em braile, pois assim eles podem sentir os emblemas que lhes são descritos, tornando assim a sua experiência mais completa e imersiva.

A rota será parcialmente gratuita, podendo haver gastos externos, como o pagamento de estacionamento nos parquímetros existentes na cidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação teve como objetivo central documentar, analisar e valorizar o património heráldico da cidade de Lamego, propondo um roteiro turístico que resgatasse a memória das famílias nobres e dos bispos que marcaram a história local. Após o desenvolvimento deste trabalho, importa sistematizar as principais conclusões alcançadas, as contribuições teóricas e práticas, as limitações encontradas e as possibilidades para investigações futuras.

O levantamento sistemático dos vinte e dois exemplares heráldicos existentes na cidade permitiu a criação de um *corpus* documental inédito, categorizando-os em três tipologias: heráldica nacional, eclesiástica e familiar. Esta categorização revelou-se fundamental para a compreensão da dimensão e da diversidade do património heráldico lamecense, evidenciando a importância histórica da cidade no contexto regional e nacional.

A análise detalhada dos elementos heráldicos possibilitou a identificação de padrões e particularidades nas representações simbólicas, destacando-se a predominância das partições em aspa e esquartelada nos escudos, bem como a recorrência de figuras heráldicas específicas como os escudetes, cruzes, estrelas e leões. Esta sistematização constitui um contributo significativo para o estudo da heráldica portuguesa, particularmente no contexto urbano do interior norte.

A proposta da "Rota dos Nobres e Bispos" representa uma inovação no panorama turístico local, ao criar um produto cultural baseado num património até agora subvalorizado. A metodologia de desenvolvimento desta rota, com ênfase na inclusão e acessibilidade, estabelece um modelo que pode ser replicado em outros contextos patrimoniais semelhantes.

Do ponto de vista teórico, este trabalho contribui para o aprofundamento do estudo da heráldica enquanto elemento identitário e recurso turístico, estabelecendo pontes entre a análise histórica e as estratégias contemporâneas de valorização patrimonial. A abordagem interdisciplinar adotada demonstra a relevância de integrar conhecimentos de áreas como a história, o turismo cultural, o *design* de experiências e a gestão do património.

Durante o nosso trabalho de campo e recolha de dados, pudemos constatar diferentes estados de conservação dos exemplares heráldicos. Alguns encontram-se muito bem preservados e valorizados, mas outros apresentam problemas significativos. Destacam-se

dois exemplares em que o elmo situado acima do escudo está em estado avançado de degradação, impossibilitando a leitura do título nobiliárquico da família representada.

Particularmente preocupante é a situação do Solar das Brolhas, que se encontra num avançado estado de decadência. As janelas deste imponente edifício estão bastante danificadas e a sua frontaria, outrora majestosa, apresenta sinais evidentes de deterioração, com extensas manchas de verdete nas pedras que durante séculos abrigaram uma das famílias mais ilustres de Lamego.

A Casa da Roda, que pertenceu a uma família nobre até meados de 1700 e posteriormente integrou as propriedades da Ordem de Cister, sofreu alterações significativas ao ser adaptada para habitação. Estas modificações resultaram no desaparecimento da famosa roda dos enjeitados que dava nome a esta casa no Bairro do Castelo, comprometendo assim parte importante da sua história e valor patrimonial.

Estas situações evidenciam a urgência de implementar medidas de conservação e restauro, reforçando a relevância da rota proposta como instrumento de sensibilização para a preservação deste património.

Esta investigação enfrentou várias limitações que importa reconhecer:

- Escassez de fontes documentais específicas: a raridade de estudos recentes sobre heráldica e a limitada disponibilidade de publicações especializadas na Biblioteca e Arquivo Municipal de Lamego constituíram um desafio inicial significativo. A maioria das obras de referência utilizadas, devido à sua antiguidade, só pôde ser consultada através de um esforço considerável de pesquisa em alfarrabistas, implicando custos adicionais e tempo de procura.
- Dificuldade de acesso aos proprietários: a impossibilidade de realizar entrevistas com os atuais proprietários dos edifícios onde as pedras heráldicas estão inseridas limitou a recolha de informações sobre a história oral e memórias familiares associadas. Esta situação deve-se a dois fatores principais: muitas das casas foram vendidas e já não pertencem às famílias originais; e mesmo quando ainda são propriedade dos descendentes, estes frequentemente não residem em Lamego, deslocando-se à cidade apenas em visitas esporádicas.
- Condições de acesso físico a alguns exemplares: em determinados casos, a localização dos brasões em propriedades privadas ou em posições de difícil

visibilidade dificultou a sua documentação fotográfica detalhada e a análise minuciosa de todos os elementos.

- Degradação de alguns exemplares: o estado de conservação precário de certas pedras de armas impediu a identificação completa de todos os elementos heráldicos, limitando a precisão da análise em alguns casos;
- Ausência de registos cromáticos originais: a perda das cores originais na maioria dos exemplares, característica comum nas representações pétreas, dificultou a interpretação completa da simbologia heráldica, que frequentemente depende da combinação específica de cores (esmaltes) para sua correta leitura.

Com base nos resultados obtidos e nas limitações identificadas, sugerem-se as seguintes linhas de investigação futura:

- Estudo comparativo regional: alargar o âmbito geográfico da investigação para incluir outras localidades da região do Douro, permitindo uma análise comparativa dos padrões heráldicos e estabelecendo conexões entre as famílias nobres que influenciaram o desenvolvimento regional.
- Digitalização tridimensional do património heráldico: implementar técnicas avançadas de fotogrametria e modelação 3D para criar um arquivo digital de alta resolução dos exemplares heráldicos, permitindo a sua preservação digital e facilitando estudos posteriores, independentemente do estado de conservação física dos originais.
- Estudo de impacto turístico: após a implementação da rota proposta, realizar uma investigação sobre o seu impacto económico e cultural na cidade, avaliando métricas como o aumento do tempo médio de permanência dos visitantes, a dispersão dos fluxos turísticos e a sensibilização para a preservação patrimonial.
- Desenvolvimento de materiais educativos: criar recursos pedagógicos baseados no património heráldico local para utilização em contextos educativos, promovendo o conhecimento da história local e a valorização identitária junto das gerações mais jovens.
- Análise laboratorial dos materiais: empreender estudos técnicos sobre os materiais pétreos utilizados nas pedras de armas, determinando a sua proveniência geológica e contribuindo para o conhecimento das técnicas construtivas e artísticas empregues em diferentes períodos.

- Recuperação da memória oral: desenvolver um projeto de história oral focado na recolha de testemunhos de descendentes das famílias nobres lamecenses, preservando memórias, tradições e narrativas familiares que complementem a informação documental e heráldica.

A aliança entre património heráldico e turismo cultural apresenta-se como uma estratégia promissora para a valorização sustentável do legado histórico de Lamego. Num momento em que o turismo se orienta cada vez mais para experiências autênticas e diferenciadoras, a "Rota dos Nobres e Bispos" oferece uma oportunidade única de posicionar a cidade no mapa do turismo cultural de qualidade.

O património heráldico, mais do que um conjunto de símbolos esculpido em pedra, constitui um repositório da memória coletiva e da identidade local. A sua preservação e interpretação contribuem para o fortalecimento dos laços comunitários e para a construção de uma narrativa histórica inclusiva, que reconhece a importância das diferentes forças sociais – nobreza, clero e poder institucional – na configuração do espaço urbano e da vida social ao longo dos séculos.

Este trabalho pretende ser não apenas um contributo académico para o estudo da heráldica portuguesa, mas também um instrumento prático para a valorização do património cultural de Lamego e para o desenvolvimento turístico sustentável da região. A metodologia desenvolvida e as propostas apresentadas poderão servir de inspiração para iniciativas semelhantes em outros contextos, contribuindo para a salvaguarda e divulgação do rico património heráldico nacional.

## REFERÊNCIAS

- Azevedo, C. d. (1974). *Brasões e Casas Brasonadas do Douro*. Lamego: Gráfica de Lamego.
- Bernardo, E. (2013). *Uma introdução ao Turismo - conceitos, classificações e tipologias*. Obtido de <https://repositorio.iscte-iul.pt/>: <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/9851>
- Borges, J. d. (2000). *Livro do Armeiro-Mor*. Lisboa : Academia Portuguesa de História e Edições INAPA.
- Canpenhoudt, L. V., Marquet, J., & Quivy, R. (2019). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Chizzotti, A. (2005). *Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais* . São Paulo- Brasil : Cortez Editora.
- Corte, M. (2024). *Meio Corte, Sinalização de Trânsito*. Obtido de Meio Corte : <https://meiocorte.pt/>
- Costa, M. G. (1977). *História do Bispado e Cidade de Lamego- Vol 1*. Braga: Oficinas Gráficas de Barbosa & Xavier.
- Costa, M. L. (3 de Março de 2021). *Rotas Culturais: Património e Sistemas de Wayfinding* . Obtido de Revista Convergências : <http://convergencias.esart.ipcb.pt/?p=article&id=386>
- Costa, V. C. (2020). *Rotas Turísticas Como Estratégia de desenvolvimento do Território- A Rota do Mosaico Romano* . Coimbra : Universidade de Coimbra.
- Douro, E. (2020). *Explora Douro, Produtos e serviços*. Obtido de Explora Douro: <https://www.exploradouro.com/>
- Duarte, J. C. (2013). *História da Igreja de Lamego*. Lamego: Diocese de Lamego.
- Ferreira, I. (5 de Maio de 2023). *A Rádio-Dão Digital*. Obtido de Dão Digital: <https://daodigital.pt>
- Figueira, L. M. (2013). *Manual para Elaboração de Roteiros de Turismo Cultural*. Tomar: Instituto Politécnico de Tomar.

- Fonseca, J. d. (2000). *Nobreza de Portugal e do Brasil* (Vol. II). Lisboa: Edições Zairol.
- ignara, L. R. (2001). *Fundamentos do Turismo*. São Paulo : Editora Pioneira.
- Kripka, R., Scheller, M., & Bonotto, D. (Julho-Dezembro de 2015). Pesquisa Documental na Pesquisa Qualitativa. *Revista de Investigaciones UNAD, Vol. 14 n º2*, pp. 55-73.
- Lamego, M. d. (2020). *O Teatro*. Obtido de Teatro Ribeiro da Conceição: <https://trc.cm-lamego.pt/>
- Laranjo, F. J. (1990). *Cidade de Lamego- Igreja Catedral*. Lamego: Câmara Municipal de Lamego.
- Matos, G. d., & Bandeira, L. S. (1969). *Heráldica*. Lisboa/ Cacém : Verbo.
- Morais, C. A., & Seixas, M. M. (2013). *Compendio das Armas dos Reynos de Portugal e Algarve e das cidades e Villas principaes Delles*. Porto: Caminhos Romanos; Universidade Lusiana de Lisboa; Centro Luisada de Estudos Geneologicos e Heraldicos.
- Moreira, A. R. (2018). *O Estudo da Casa Nobre na Cidade de Lamego*. Lamego: Museu de Lamego.
- Moscardo, G. (5 de Junho de 2014). *Encouraging sustainability beyond the tourist experience: ecotourism, interpretation and values*. Obtido de Taylor& Francis : <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/09669582.2014.918134>
- Mota, C. M. (2020). *Avaliação das Rotas Turísticas em Portugal Continental*. Lisboa : ISCTE IUL- Universidade Europeia .
- Nascimento, M., Marques, F., & Alcântara, A. A. (6 de Junho de 2023). Turismo Cultural, Itinerários Turísticos e Impactos nos destinos . *Tourism and Hospitality International Journal* , pp. 49-71.
- Paiva, O., Seabra, C., Abrantes, J. L., Reis, M., & Pereira, A. (s.d.). Rotas Culturais no Centro de Portugal: Duas Propostas. *Turismo no Centro de Portugal*, pp. 379-400.
- Portugal. (8 de Setembro de 2001). Lei 107/2001. *Diário da República Eletrónico*. Obtido de Diário da República: <https://diariodarepublica.pt>

- Portugal. (4 de Setembro de 2023). *Decreto-Lei n.º 79/2023*. Obtido de Diário da República: <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/decreto-lei/79-2023-221225700>
- Ribeiro, J. C. (1907). *Tratado de Armaria*. Lisboa : Empreza da História de Portugal.
- Rica, A., & Cabral, F. (2006). *Ilustres de Lamego*. Lamego: Câmara Municipal de Lamego.
- Serra, A. (2008). *Manual de Metodologias de Investigação Científica* . Maputo: Instituto Superior Politecnico e Universitario/ISPU.
- Silva, J. S. (2002). *O Mosteiro das Chagas De Lamego*. Coimbra: Quarteto.
- Sousa, F. V. (s.d.). Lamego [A. Silva gravado]. Lamego, Viseu , Portugal.
- Tilden, F. (2007). *Interpreting Our Heritage* . North Carolina : University of North Carolina Press .
- Turismo de Portugal. (09 de 06 de 2023). *Turismo Sustentável*. Obtido de Turismo de Portugal: <https://business.turismodeportugal.pt/>
- UNESCO. (16 de novembro de 1972). *UNESCO world Heritage center*. Obtido de <https://whc.unesco.org/archive/convention-pt.pdf>:  
<https://whc.unesco.org/archive/convention-pt.pdf>
- União Europeia. (2010). *Tratado de Funcionamento da União Europeia*. Bruxelas: Jornal Oficial da União.
- União Europeia. (12 de Dezembro de 2011). *Património Cultural*. Obtido de European Commission: <https://culture.ec.europa.eu/pt-pt/policies/selected-themes/cultural-heritage>
- UNWTO. (s.d.). *Definição de Turismo* . Obtido de UN Tourism: <https://www.unwto.org/>
- Vasconcelos, D. A. (abril de 2005). *Periodico Univali*. Obtido de Univali: <https://periodicos.univali.br/>
- Yin, R. K. (2016). *Pesquisa Qualitativa do Início ao Fim*. Porto Alegre- Brasil: Editora Penso.
- Zuquete, A. (2000). *Nobreza de Portugal e Brasil, volume 2*. Lisboa : Edições Zairol .
- Zuquete, A. E. (2000). *Armorial Lusitano*. Lisboa: Edições Zairol.

## APÊNDICES



### Apêndice A - Grelhas dos Brasões de Lamego

#### Heráldica Nacional

<b>Fotografia</b>	 <p>Datas fotografias: 15/01/2025 e 16/01/2025</p>
<b>Nome</b>	Brasão Municipal
<b>Localização</b>	Fonte do Lamego (41°06'02.1"N 7°48'39.9"W), Jardim da República (41°06'03.3"N 7°48'38.3"W), Câmara Municipal (Av. Padre Alfredo Pinto Teixeira, 5100-150 Lamego) e Fonte do Espírito Santo (41°05'44.4"N 7°48'30.9"W)
<b>Fotografia Casa</b>	---
<b>Casa (breve descrição)</b>	---
<b>Família/ Descendentes</b>	---
<b>Feitos</b>	---
<b>Descrição Brasão</b>	<p>Neste conjunto de fotografias podemos ver o Brasão Municipal da Cidade de Lamego e sua evolução, sendo que o mais atual é o que se encontra nos azulejos do Jardim do Campo, em frente à Câmara Municipal de Lamego (Fig.4).</p> <p>O brasão da cidade de Lamego é muito antigo, pois já aparece num arquivo manuscrito do século XVI cuja autoria é de Cristóvão Alão de Morais, e</p>

	<p>que se encontra na Biblioteca Pública Municipal do Porto na secção de Reservados, tendo sido este arquivo publicado em 2013 pela editora Caminhos Romanos sob a alçada de Miguel Metelo de Seixas.</p> <p>O escudo do brasão da cidade de Lamego é um escudo designado de Português, com um fundo a vermelho, e uma pequena elevação a verde. No centro sob a elevação vemos uma torre com porta aberta encimada por três torres sendo a mais alta a central, esta construção é de cor prateada. Este conjunto é ladeado por duas árvores da sua cor naturalista, o verde, apresentando frutos a dourado, estas árvores são os Lamegueiros, árvores que existiam em grande número na cidade. No cimo da árvore do lado direito podemos ver uma meia lua prateada e no cimo da árvore da esquerda uma estrela de cinco raios. Encimando as torres podemos encontrar um escudete com fundo prata, cortado por duas faixas formando uma cruz firmada de cor azul.</p> <p>No topo do escudo podemos ver a coroa mural, coroa usada pelas cidades na heráldica municipal de Portugal podendo assim ser afirmado que são as coroas que distinguem as cidades, das vilas e aldeias de Portugal, pois até mesmo estas têm a sua heráldica, esta coroa mural de cidade é constituída por muralhas e torres, possuindo estas portas e frestas abertas.</p> <p>Fonte: adaptado de (Ribeiro, 1907, p. 127) , (Matos &amp; Bandeira, 1969, pp. 64-96) e (Morais &amp; Seixas, 2013, p. 220)</p>
--	---

*Tabela 1 – Brasão Municipal*

<p><b>Fotografia</b></p>	 <p>Data fotografia: 15/01/2025</p>
<p><b>Nome</b></p>	<p>Brasão do Reino de Portugal</p>
<p><b>Brasão</b> <b>Colorido</b></p>	 <p>Versão do Século XV, presente no “Livro do Armeiro-Mor” da autoria de João du Crós, rei d’armas de D. Manuel I, editado pela Inapa no ano 2000 com estudos de José Calvão Borges. (Borges, 2000)</p>
<p><b>Localização</b></p>	<p>Teatro Ribeiro da Conceição (Largo de Camões, 5100-155 Lamego)</p>


<p><b>Fotografia</b> <b>Casa</b></p>	 <p>Data da Fotografia:15/01/2025</p>
<p><b>Casa (breve descrição)</b></p>	<p>Construído em 1727, o edifício funcionou como Hospital da Misericórdia, até 1892. Em 1897 o edifício albergou o regimento de Lamego, mas no mesmo ano dá-se um incêndio que o reduz a cinzas. Em 1924 o edifício é adquirido pelo comendador Ribeiro da Conceição, que o reconstrói fazendo assim uma importante sala de espetáculos para a cidade. Após muitos anos encerrado devido ao estado de degradação, a Câmara de Lamego em 2005 inicia as obras de requalificação do espaço e em 2008 o Teatro é reaberto ao público. (Lamego, 2020)</p>
<p><b>Família/ Descendentes</b></p>	<p>Edifício Municipal.</p>
<p><b>Feitos</b></p>	<p>Casa de Espetáculos.</p>
<p><b>Descrição</b> <b>Brasão</b></p>	<p>O brasão que está na fachada do edifício é o brasão do Reino de Portugal. No seu topo temos a coroa real, e o escudo é ladeado por dois <i>puttis</i> tenentes, sendo este um método de decoração exterior dos brasões. (Matos &amp; Bandeira, 1969, pp. 167, 168). O escudo é de prata com cinco escudetes de azul postos em cruz, carregados com cinco besantes de prata postos em sautor, ou para facilitar a compreensão em formato de “X”. A bordadura é de vermelho com sete castelos de ouro. (Zuquete A. E., Armorial Lusitano, 2000).</p>


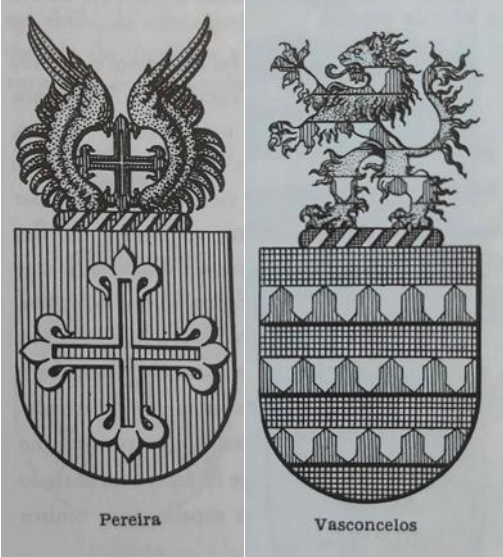
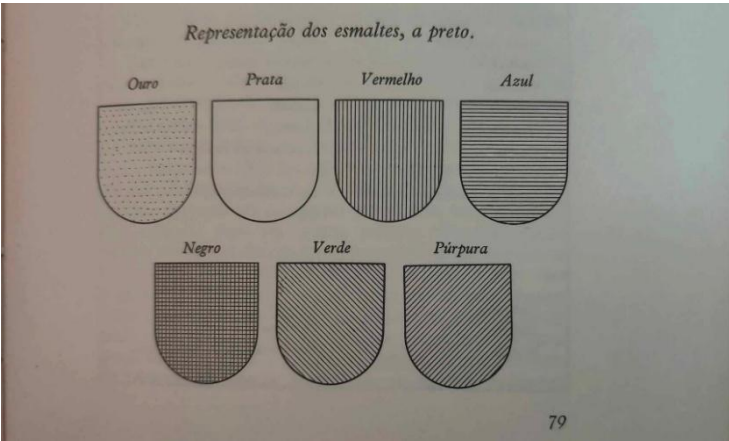
Tabela 2- Brasão do Reino de Portugal

## Heráldica Eclesiástica

<b>Fotografia</b>	 <p data-bbox="454 629 852 667">Data da fotografia: 15/01/2025</p>
<b>Nome</b>	Brasão Messe de Oficiais, antigo Seminário
<b>Localização</b>	Avenida Regimento de Infantaria 9 5100-155 Lamego
<b>Fotografia</b> <b>Casa</b>	 <p data-bbox="454 1193 852 1232">Data da fotografia: 15/01/2025</p>
<b>Casa (breve descrição)</b>	Nesta casa de dois pisos, funcionou durante muitos anos o seminário de Lamego. Atualmente o edifício faz parte do património do exército, sendo atualmente a messe de oficiais de Lamego. (Azevedo, 1974, p. 74).
<b>Família/ Descendentes</b>	O brasão pertence ao Bispo D. António da Trindade Vasconcelos Pereira de Melo, nascido em Amarante em 28 de agosto de 1812 de eleito Bispo de Lamego em 28 de outubro de 1862. Era filho de António de Vasconcelos Pereira de Carvalho Carneiro e Melo e D. Teresa de Jesus da Cunha Sousa e Silva, senhores da Casa de S. Bento em Santa Cristina de Figueiró, Amarante. (Azevedo, 1974, pp. 74,75).
<b>Feitos</b>	Este bispo introduziu um curso de ciências eclesiásticas no Seminário de Lamego, e em 1866 concluiu o edifício, construído em colaboração com a população, funcionando este como um asilo de infância desvalida,

	funcionando sobre a evocação de N.S dos Remédios. (Azevedo, 1974, p. 75)
<b>Descrição</b> <b>Brasão</b>	<p>O brasão é um rico trabalho em chumbo fundido, feito no século XIX pelo artista lamecense Manuel de Almeida. Este brasão esquartelado apresenta duas incorreções, no primeiro quartel o emblema das três estrelas prateadas que representam os Trindade são uma fantasia, pois os Trindade não constam no Armorial Lusitano, no segundo quartel podemos ver as armas dos Vasconcelos, de negro com três faixas veiradas de prata e vermelho. No terceiro quartel encontramos mais uma incorreção, neste quartel onde deveria estar a cruz de prata florenciada e aberta dos Pereira, encontramos uma cruz de Cristo, apesar de as cores de fundo visíveis serem as corretas para os Pereira, o vermelho. No quarto quartel podemos ver a representação dos Melo, com as cores vermelho com uma cruz dupla, ou dobre-cruz, como consta nos armoriais, de ouro, acompanhada de seis besantes de prata e bordadura de prata. (Azevedo, 1974, p. 74) e (Zuquete A. E., Armorial Lusitano, 2000).</p> <p>A completar este conjunto, na parte cimeira do escudo podemos encontrar o chapéu cardinalício, com três ordens de borlas, ilustrando assim que estamos perante uma autoridade eclesiástica.</p> <p>Infelizmente este brasão encontra-se num pobre estado de conservação, como mostram as fotografias, necessitando de um restauro para se manterem as cores do mesmo, facilitando assim a sua compreensão, pois apesar alguma da policromia ainda ser visível, em alguns quartéis do escudo já se começa a esbater.</p>

*Tabela 3- Brasão da Messe de Oficiais, antigo Seminário*

<p><b>Fotografia</b></p>	 <p>Data fotografia: 15/01/2025</p>
<p><b>Nome</b></p>	<p>Brasão Museu de Lamego</p>
<p><b>Localização</b></p>	<p>Museu de Lamego, Largo Camões, 5100-147 Lamego</p>
<p><b>Brasão Colorido</b></p>	 <p>Fonte. (Zuquete A. E., Armorial Lusitano, 2000)</p>
<p><b>Legenda Cromática</b></p>	<p><i>Representação dos esmaltes, a preto.</i></p>  <p>Fonte: (Matos &amp; Bandeira, 1969)</p>



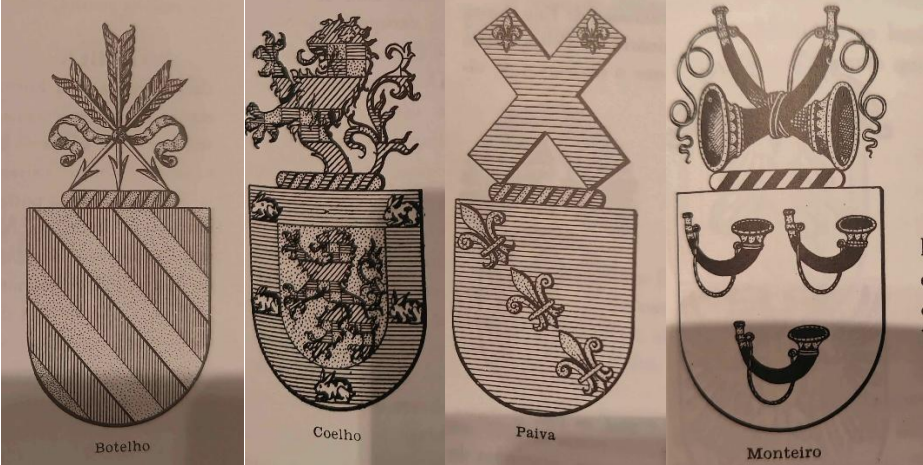
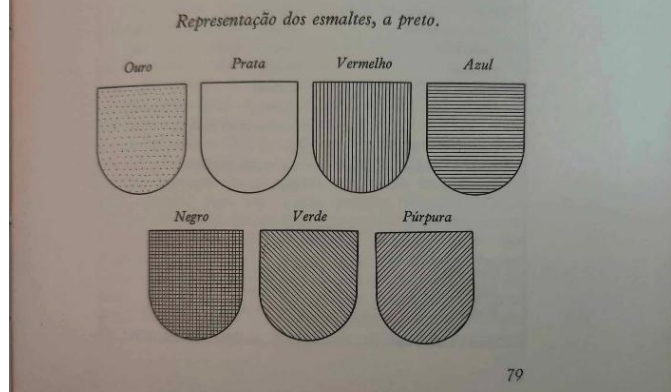

<p><b>Fotografia</b> <b>Casa</b></p>	 <p>Data fotografia: 15/01/2025</p>
<p><b>Casa (breve descrição)</b></p>	<p>O museu de Lamego é um edifício imponente setecentista, construído em dois pisos, no seu construído em planta quadrangular composto por quatro alas no seu centro é visível um pátio empedrado.</p> <p>Edifício voltado para poente e de desenvolvimento horizontal, a maior carga decorativa do edifício encontra-se no piso superior, com as janelas, sacadas e a pedra de armas. (Moreira, 2018, p. 73)</p>
<p><b>Família/ Descendentes</b></p>	<p>Brasão pertencente ao Bispo de Lamego, D. Manuel de Vasconcelos Pereira.</p>
<p><b>Feitos</b></p>	<p>Este prelado sagrou a catedral a 20 de novembro de 1776 e renovou o paço episcopal, fazendo a sua ampliação e adorno. (Azevedo, 1974, p. 69;70).</p>
<p><b>Descrição</b> <b>Brasão</b></p>	<p>O brasão esculpido em granito é encimado em primeira ordem com um chapéu cardinalício do com três ordens de borlas, estas borlas enquadram um diadema com cinco hastes floreadas intercaladas por cinco hastes encimadas por pérolas, tendo como timbre uma cruz.</p> <p>O escudo é partido em pala, sendo que na primeira pala estão representadas as armas dos Pereira, de vermelho com cruz prata florida. Na segunda pala encontram-se representadas as armas dos Vasconcelos, de negro com três faixas veiradas de prata e vermelho. (Moreira, 2018, p. 75).</p>

Tabela 4- Museu de Lamego


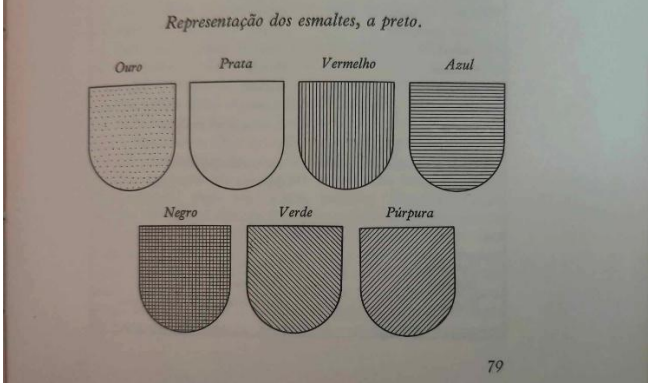

<p><b>Fotografia</b></p>	 <p>Brasão 1                      Brasão 2</p> <p>Data fotografia: 15/01/2025</p>
<p><b>Nome</b></p>	<p>Casa dos Mores</p>
<p><b>Localização</b></p>	<p>Largo da Vitória 13, 5100-149 Lamego (41°05'48.7"N 7°48'21.8"W)</p>
<p><b>Brasão Colorido</b></p>	 <p>Botelho                      Coelho                      Paiva                      Monteiro</p> <p>Fonte: (Zuquete A. E., Armorial Lusitano, 2000)</p>
<p><b>Legenda cromática</b></p>	<p><i>Representação dos esmaltes, a preto.</i></p>  <p>Ouro      Prata      Vermelho      Azul</p> <p>Negro      Verde      Púrpura</p> <p>79</p>

	Fonte: (Matos & Bandeira, 1969)
<b>Fotografia</b> <b>Casa</b>	 <p>Data fotografia: 15/01/2025</p>
<b>Casa (breve descrição)</b>	<p>Casa quadrangular dividida em dois pisos, o térreo e o superior. Os acessos à casa são feitos através do pórtico principal da fachada, e os acessos secundários fazem-se pelas alas laterais do edifício. A fachada está voltada para poente tendo um desenvolvimento horizontal. A decoração do edifício é feita através de pilastras, frisos e cornijas em pedra, e claro das duas pedras de armas postas nas esquinas do edifício.</p> <p>Neste edifício funcionou em 1931 o Internato académico de Lamego e em 1975 a Casa de Saúde. (Moreira, 2018, pp. 97,98, 99)</p>
<b>Família/ Descendentes</b>	<p>Esta casa pertenceu às famílias Coelho de Magalhães e Botelho Machuca. Sendo ambas famílias de poder Municipal. (Moreira, 2018, p. 112).</p>
<b>Feitos</b>	<p>São membros desta família Diogo de Magalhães Botelho de Meneses que foi Capitão-mor em Lamego, António Osório Magalhães Botelho Soares Machuca que foi Vereador da Câmara Municipal de Lamego, Francisco Osório Magalhães Botelho Soares Machuca que foi Tenente-coronel de milícias, Vereador da Câmara de Lamego e Almotacé, e de última geração temos António Osório de Aragão Magalhães que foi Vereador na Câmara de Lamego e Membro do Conselho Municipal. (Moreira, 2018, p. 112).</p>
<b>Descrição</b> <b>Brasão</b>	<p>Esta casa possui dois brasões colocados, por isso para melhor compreensão numeramos ambos.</p>

	<p><u>Brasão 1:</u> Escudo pleno que conta com um chapéu cardinalício com três ordens de borlas na sua parte superior, no escudo pleno é visível uma bordadura de azul carregada por sete coelhos voltados para um escudete de ouro com um leão purpura armado e linguado. São estas as armas da Família Coelho.</p> <p>Fonte: (Moreira, 2018, p. 100).</p> <p><u>Brasão 2:</u> Pedra de armas que conta na sua parte superior com um chapéu cardinalício com três ordens de borlas. O escudo encontra-se esquartelado. No primeiro e quarto quartéis do escudo estão representadas as armas dos Botelho, compostas por três bandas de vermelho em fundo de ouro. No segundo quartel estão representadas três buzinas negras com bocais e guarnições de ouro e cordões a vermelho, todas sob um fundo de prata, representando assim as armas dos Monteiro. No terceiro quartel o escudo recebe três flores de lis de ouro sob fundo azul representando as armas dos Paiva.</p> <p>Fonte: (Moreira, 2018, p. 100).</p>
--	---

Tabela 5-Casa dos Mores


<p><b>Fotografia</b></p>	<div style="display: flex; justify-content: space-around;"> <div style="text-align: center;">  <p>Brasão 1</p> </div> <div style="text-align: center;">  <p>Brasão 2</p> </div> </div> <p>Data fotografia: 15/01/2025</p>
--------------------------	--

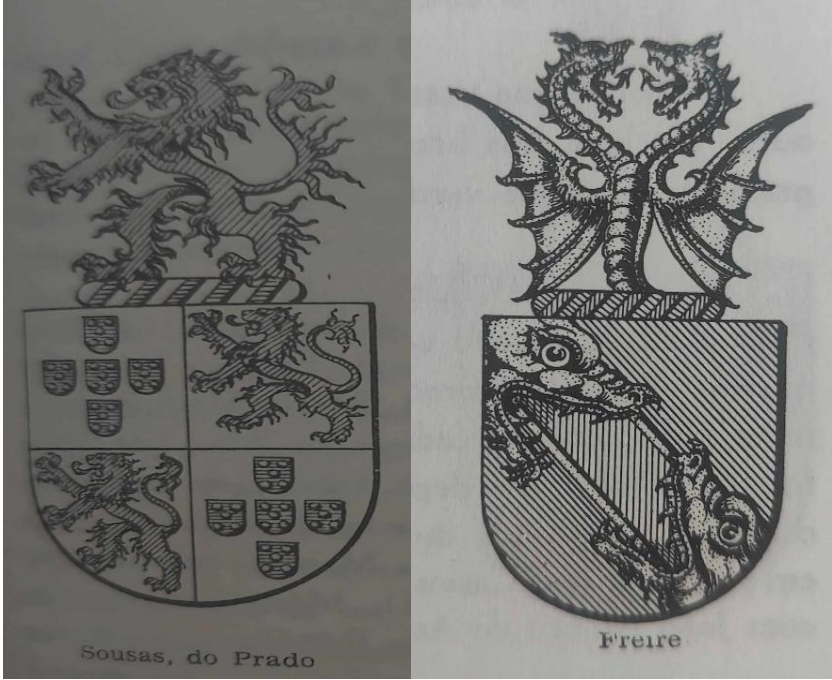
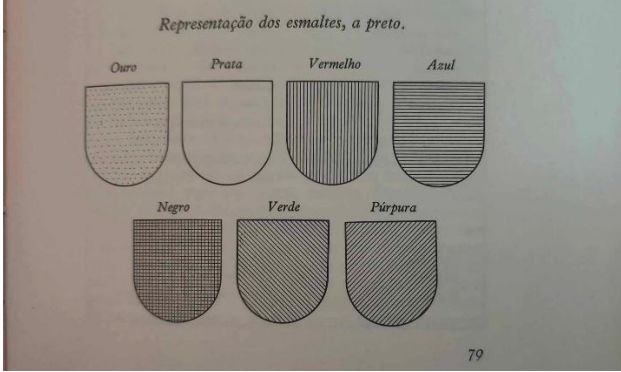
<b>Nome</b>	Brasões dos Bispos
<b>Localização</b>	Sé de Lamego, Largo da Sé, 5100-098 Lamego
<b>Brasão Colorido</b>	 <p>Câmara de Lobos</p> <p>Fonte: (Zuquete A. E., Armorial Lusitano, 2000).</p>
<b>Legenda cromática</b>	<p><i>Representação dos esmaltes, a preto.</i></p>  <p>79</p> <p>Fonte. (Matos &amp; Bandeira, 1969).</p>
<b>Fotografia Casa</b>	 <p>Data Fotografia: 15/01/2025</p>

<b>Casa (breve descrição)</b>	<p>A Sé de Lamego é um edifício marcante da cidade de Lamego, na sua fachada é possível ver vários estilos, desde o século XIII, com a torre sineira desse período, o século XVI com o corpo central e claustros e o século XVII que se encontra presente nas janelas da Casa do Cabido. Nesta mesma fachada podemos encontrar os pórticos do gótico flamejante.</p> <p>Os tetos que se podem admirar no seu interior são da autoria de Nicolau Nasoni e representam, em pequenas vinhetas, fases da Bíblia desde a criação à esperança da vinda do Salvador. (Laranjo, 1990, p. 3)</p>
<b>Família/Descendentes</b>	<p>-----</p> <p>-----</p>
<b>Feitos</b>	<p>D. Manuel de Noronha foi o Bispo construtor de Lamego, foi um verdadeiro mecenas para a cidade, onde instituiu o Colégio de São Nicolau, construiu a parte superior da torre da sé para a colocação dos sinos, colocou um órgão na sé, mandou construir o claustro, mandou trazer a água do monte de Santo Estevão para o Largo do Rossio, mandou transladar a capela de Santo Estevão para a capela onde atualmente se ergue o Santuário, mandou construir a Capela de Nossa Senhora dos Meninos, no Bairro da Ponte e reedificou a capela do Espírito Santo. (Rica &amp; Cabral, Ilustres de Lamego, 2006, pp. 22, 23)</p>
<b>Descrição Brasão</b>	<p>A sé possui dois brasões dos quais iremos falar.</p> <p><u>Brasão 1:</u> Brasão do Bispo D. Frei Feliciano de Nossa Senhora. O Brasão apresenta na sua área superior um chapéu cardinalício, com três ordens de Borlas, que enquadram uma cruz. O brasão é partido em pala, sendo que na primeira pala se encontra uma cruz de cristo, e na segunda pala um pelicano. Este escudo é um escudo de fantasia, pois nenhum dos emblemas heráldicos presentes se encontra nos armoriais, sendo este, provavelmente, criado após a aclamação de Frei Feliciano a Bispo de Lamego.</p> <p>Fonte: (Laranjo, 1990, p. 18).</p>

	<p><u>Brasão 2</u>: Brasão do Bispo D. Manuel de Noronha. A pedra apresenta um chapéu cardinalício com quatro ordens de borlas, note-se que houve um erro de cantaria neste brasão, pois na comparação de todos os brasões dos bispos de Lamego, este deveria de ter três ordens de borlas como todos os outros e não quatro ordens de borlas. Enquadrado com o chapéu num plano inferior está uma estrela raiada. O escudo pleno representa a família Câmara de Lobos. As armas desta família são de negro, com uma torre de prata assente num monte verde, sustida por dois lobos rampantes de ouro. (Zuquete A. E., Armorial Lusitano, 2000).</p>
--	--

Tabela 6- Sé de Lamego

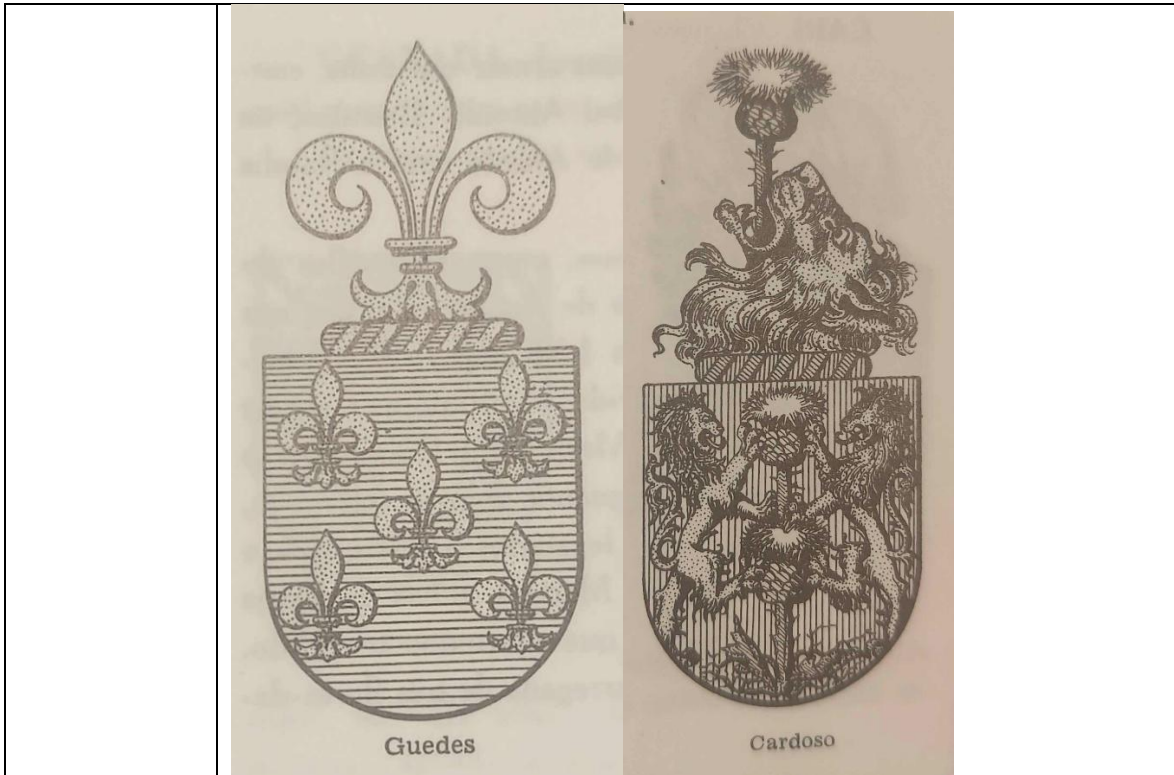
<p><b>Fotografia</b></p>	 <p>Data fotografia: 15/01/2025</p>
<p><b>Nome</b></p>	<p>Casa do Deão</p>
<p><b>Localização</b></p>	<p>Rua dos Fornos (41°05'49.2"N 7°48'19.6"W)</p>

<p><b>Brasão</b> <b>Colorido</b></p>	 <p>Sousas, do Prado</p> <p>Freire</p> <p>Fonte: (Zuquete A. E., Armorial Lusitano, 2000).</p>
<p><b>Legenda cromática</b></p>	<p><i>Representação dos esmaltes, a preto.</i></p>  <p>Ouro Prata Vermelho Azul</p> <p>Negro Verde Púrpura</p> <p>79</p> <p>Fonte: (Matos &amp; Bandeira, 1969)</p>
<p><b>Fotografia</b> <b>Casa</b></p>	<p>-----</p> <p>-----</p>
<p><b>Casa (breve descrição)</b></p>	<p>A casa do Deão é uma construção do Século XVI, recebendo uma grande reforma de obras pelas mãos de D. António Freire Gameiro de Sousa, que foi deão da Sé.</p> <p>Fachada voltada para norte com três pisos, e de construção horizontal, os vãos das janelas são muito simples, sendo o mais decorado o da janela de secada, tendo um frontão invertido como remate. A pedra de armas encontra-se no centro do lintel da porta.</p>

	Fonte: (Moreira, 2018, pp. 117, 118, 119).
<b>Família/ Descendentes</b>	A casa pertenceu a D. António Freire Gameiro de Sousa. Fonte: (Moreira, 2018, p. 120).
<b>Feitos</b>	D. António Freire Gameiro de Sousa foi Reitor do Colégio de S. Pedro, Fidalgo capelão de sua majestade, Deão da Sé de Lamego, Abade Colegial da Igreja de Santa Maria de Almacave, Provisor do Convento de São domingos do Tojal e Primeiro bispo da diocese de Aveiro. Fonte: (Moreira, 2018, p. 120).
<b>Descrição Brasão</b>	Este brasão, apesar de pertencer ao Deão da Sé, D. António Freire gameiro de Sousa, não representa o grau de Deão, mas sim de Bispo, pois D. António foi o primeiro bispo da diocese de Aveiro, logo podemos assumir que este brasão terá sido colocado após a sua eleição para Bispo de Aveiro.  A pedra de armas, como as suas semelhantes, apresenta um chapéu cardinalício com três ordens de borlas, e umas decorações vegetalistas no seu exterior.  O escudo, que segundo a classificação sugerida por Gastão de Matos e Luís Bandeira é de formato italiano, encontra-se partido em pala, na primeira pala estão apresentadas as armas dos Freire, de verde com uma banda de vermelho bordada a ouro saindo da boca de duas serpes. Na segunda pala estão apresentadas as armas dos Sousas do Prado, estas armas são esquarteladas, sendo que no primeiro e quarto quartel se apresentam em fundo de prata cinco escudetes a azul, carregados de cinco besantes a prata. E nos segundo e terceiro quarteis podemos ver um leão púrpura em fundo de prata.  Fontes: (Moreira, 2018, p. 119) e (Matos & Bandeira, 1969).

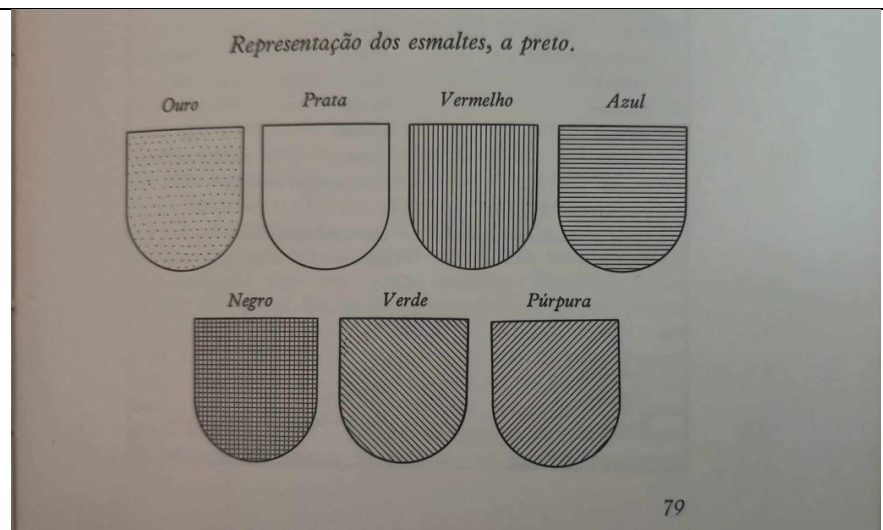
Tabela 7- Casa do Deão

<p><b>Fotografia</b></p>	 <p>Brasão 1                      Brasão 2                      Brasão 3</p> <p>Data fotografia: 15/01/2025</p>
<p><b>Nome</b></p>	<p>Casa do Espírito Santo, atual Milenium Banco</p>
<p><b>Localização</b></p>	<p>Avenida Visconde Guedes Teixeira</p>
<p><b>Brasão Colorido</b></p>	 <p>Botelho                      Magalhães                      Cunha</p>



Fonte: (Zuquete A. E., Armorial Lusitano, 2000).

**Legenda cromática**



Fonte: (Matos & Bandeira, 1969).

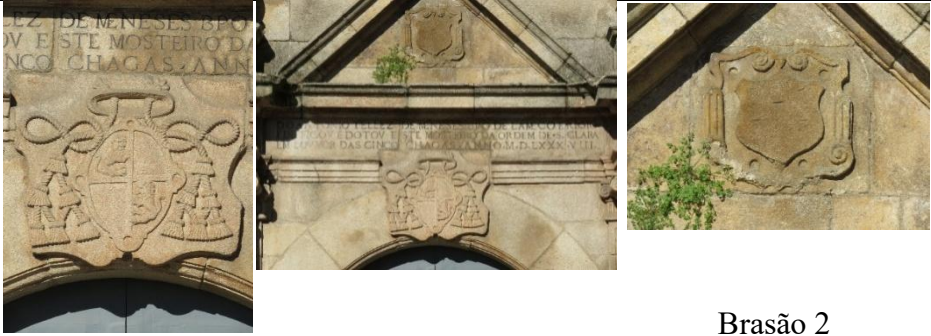
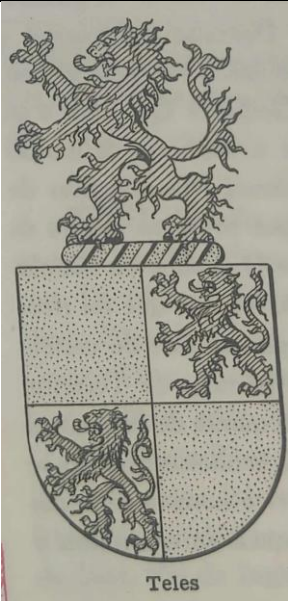
**Fotografia Casa**

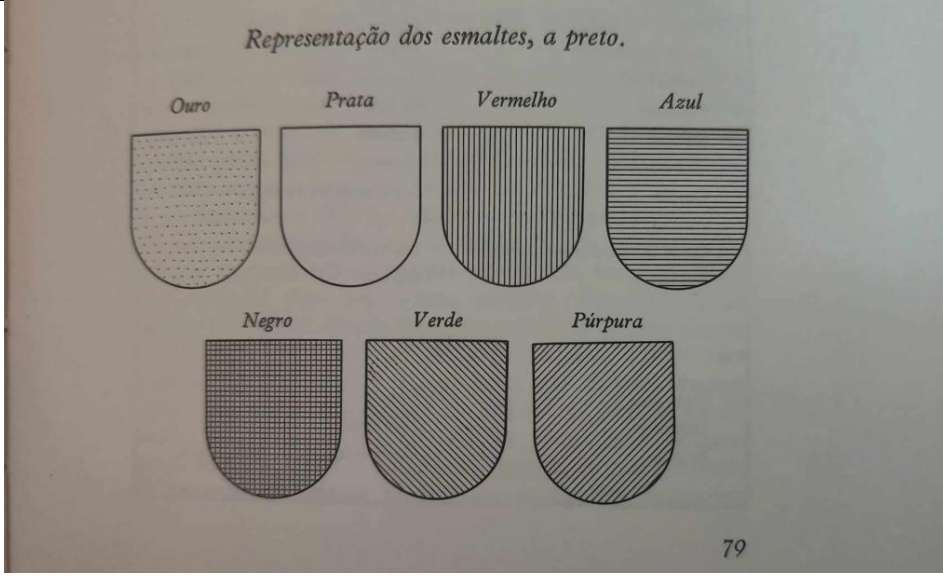

-----  
-----

<b>Casa (breve descrição)</b>	Casa de planta retangular, sendo um edifício do Seculo XVII. Atualmente o Clube de Lamego é o proprietário da casa. E no piso Térreo funciona o Banco Milenium BCP.  Fonte: (Moreira, 2018, p. 245).
<b>Família/ Descendentes</b>	Casa que pertenceu à família Guedes de Magalhães.
<b>Feitos</b>	São desta família D. Luís Guedes da Cunha, deão da Sé, António José Guedes de Magalhães Osório morgado de Santa Comba, Tenente-coronel do regimento de milícias da comarca de Pinhel e do regimento de Lamego, coronel do regimento de milícias de Arouca, Cavaleiro professo e comendador da ordem de Cristo, Cavaleiro da ordem de Malta, Cavaleiro Honorário da ordem de São João de Jerusalém e vereador e Almotacé da câmara de Lamego. Pedro Guedes de Magalhães Osório Coelho da Silva, administrador da santa casa da misericórdia, Frade Francisco Guedes de Magalhães Osório bailio de Leça, comendador de Vila Cova e vice-chanceler e bailio de Áquila. E por último Frade Manuel Guedes de Magalhães Osório ministro da corte de Lisboa e Madrid, Comendador de Vera cruz e governador do Forte Marmel.  Fonte: (Moreira, 2018, pp. 260, 261).
<b>Descrição Brasão</b>	Esta casa possui três brasões, dois são visíveis nas artérias principais da cidade, o outro encontra-se mais oculto, estando na artéria a que se dá o nome Rua dos Loureiros.  <u>Brasão 1:</u> Pedra de armas que apresenta no seu topo um chapéu cardinalício com uma borla, pois devido às decorações vegetalistas, as segunda e terceira ordem podem ser derivadas dessa decoração, assim sendo a pedra representa um prelado. O escudo, encontra-se partido em pala. Na primeira pala estão visíveis as armas dos Botelhos, que são de ouro com quatro bandas de vermelho. Na segunda pala estão visíveis as armas dos Magalhães, que são de prata com três faixas xadrezadas de

	<p>vermelho e prata, de três tiras.</p> <p><u>Brasão 2:</u> A pedra apresenta um chapéu cardinalício com três ordens de borlas, mas algumas estão ocultas pela decoração vegetalista e pela grande erosão que se faz sentir nesse exemplar. O escudo encontra-se partido em pala. Na primeira pala estão visíveis as armas dos Cunha, que são de ouro, com nove cunhas de azul, postas 3, 3 e 3. Na segunda pala estão visíveis as armas dos Guedes, que são de azul com cinco flores de lis de ouro, postas em sautor.</p> <p><u>Brasão 3:</u> Pedra de armas de Nobreza sem ligação eclesiástica, que possui um elmo no seu nível superior, infelizmente o seu desgaste não ajuda na sua leitura, não sendo possível saber se estamos perante um brasão de um conde ou visconde, ou mesmo de fidalgo de velha linhagem. O escudo pleno, apresenta as armas dos Cardoso, que são de vermelho, com um cardo de verde, florido de duas peças de prata, uma sobre a outra, arrancado de ouro e sustido por dois leões afrontados de ouro. A descrição das armas dos Cardoso no Armorial faz referência ao “arrancado de ouro”, mas no seu desenho e coloração e comparação com a paleta cromática, o desenho deixa em aberto o arrancado de ouro, sendo mais provável o arrancado de verde, pois é a cor que se encontra na coloração das raízes arrancadas.</p> <p>Fonte: (Moreira, 2018, pp. 249, 251) e (Zuquete A. E., Armorial Lusitano, 2000).</p>
--	--

*Tabela 8- Casa do Espírito Santo*


<p><b>Fotografia</b></p>	 <p>Brasão 1</p> <p>Brasão 2</p> <p>Data fotografia: 16/01/2025</p>
<p><b>Nome</b></p>	<p>Igreja Das Chagas</p>
<p><b>Localização</b></p>	<p>R. das Acácias 70, 5100-070 Almacave</p>
<p><b>Brasão Colorido</b></p>	 <p>Teles</p> <p>Fonte: (Zuquete A. E., Armorial Lusitano, 2000)</p>

<p><b>Legenda cromática</b></p>	<p style="text-align: center;"><i>Representação dos esmaltes, a preto.</i></p>  <p style="text-align: right;">79</p> <p>Fonte: (Matos &amp; Bandeira, 1969)</p>
<p><b>Fotografia Casa</b></p>	 <p>Data da fotografia: 16/01/2025</p>
<p><b>Casa (breve descrição)</b></p>	<p>Igreja que pertencia ao Mosteiro das Chagas, mandado edificar por D. António Teles de Meneses como se pode ler no pòrtico da igreja, onde esta inserido na parte baixa o escudo do prelado. À parte de cima da epigrafe, sustentado por duas colunas está um frontão que têm um escudo enquadrado no seu centro fazendo alusão às armas do mosteiro.</p>
<p><b>Família/ Descendentes</b></p>	<p>Mosteiro das Clarissas.</p>
<p><b>Feitos</b></p>	<p>----- -----</p>
<p><b>Descrição Brasão</b></p>	<p>Como foi dito na descrição, temos dois Brasões neste edifício.</p> <p><u>Brasão 1:</u> O escudo é composto por um chapéu cardinalício com três</p>

	<p>ordens de borlas no seu nível superior.</p> <p>O escudo oval esquartelado que representa a família Teles de Meneses. Nos primeiro e quarto quartel são visíveis as armas dos Silva, que são de prata com um leão púrpura., armado e lampassado de azul. Nos segundo e terceiro quartéis são visíveis as armas dos Meneses, que são de ouro liso. (Zuquete A. E., Armorial Lusitano, 2000, p. 520).</p> <p><u>Brasão 2:</u> Este brasão é uma Heráldica de corporação religiosa. Representa as Chagas de Cristo, que deram o nome à Igreja e antigo Convento, este convento pertencia à ordem de Santa Clara.</p>
--	---

Tabela 9- Igreja das Chagas



<p><b>Fotografia</b></p>	 <p>Data fotografia: 13/03/2025</p>
<p><b>Nome</b></p>	<p>Casa da Roda</p>
<p><b>Localização</b></p>	<p>Porta do Sol, R. do Castelo 48, 5100-127 Lamego</p>
<p><b>Brasão</b> <b>Colorido</b></p>	<hr/> <hr/>
<p><b>Legenda cromática</b></p>	<hr/> <hr/>


<p><b>Fotografia</b></p> <p><b>Casa</b></p>	 <p>Data fotografia: 13/03/2025</p>
<p><b>Casa (breve descrição)</b></p>	<p>Esta casa do Século XVII, fica dentro da cerca murallhada da cidade, junto à porta do Sol. Nesta casa encontra-se um arco datado de 1642, cuja obra foi mandada fazer por António de Castro Soares. Nesta casa podemos ver a pedra de armas da ordem de Cister. Durante muitos anos esta casa foi conhecida pela casa da roda, pois segundo os mais antigos, na porta da casa havia uma roda que era chamada de Roda dos Enjeitados. (Moreira, 2018, p. 323).</p>
<p><b>Família/ Descendentes</b></p>	<p>Casa de Castro Soares até ao século XVI. Casa da Ordem de Cister em Lamego. (Moreira, 2018, p. 333).</p>
<p><b>Feitos</b></p>	<p>Nesta família dos Castro Soares nasceu Joaquim Castro Soares que foi cavaleiro professo da Ordem de Cristo. (Moreira, 2018, p. 333).</p>
<p><b>Descrição</b></p> <p><b>Brasão</b></p>	<p>A pedra de armas presente nesta casa é um exemplar da passagem da ordem de Cister por Lamego, e também por Portugal. Envolta numa decoração vegetalista, o escudo apresenta na extremidade superior um diadema estando este também assente num chapéu eclesiástico, sendo uma alusão para a Mitra usada pelos Bispos. O escudo é partido em pala por um báculo. Estando as armas da ordem presentes neste, essas armas podem ser visíveis nos monumentos que pertenceram à ordem de Cister, na sua destra temos uma banda axadrezada, e no sua sinistra as armas do</p>

	reino de Portugal. Fonte: (Azevedo, 1974)
--	--

Tabela 10- Casa da Roda

## Heráldica Familiar


<b>Fotografia</b>	 <p>Data fotografia: 15/01/2025</p>
<b>Nome</b>	Brasão dos Albergarias
<b>Localização</b>	Rua da Olaria, Lamego
<b>Brasão Colorido</b>	 <p>Vilhena</p> <p>Fonte: (Zuquete A. E., Armorial Lusitano, 2000)</p>

<p><b>Fotografia</b> <b>Casa</b></p>	 <p>Data fotografia: 15/01/2025</p>
<p><b>Casa (breve descrição)</b></p>	<p>Recentemente a casa esteve em obras de requalificação, como é possível ver na fotografia, sendo que lhe foi acrescentado um terceiro piso, inexistente na altura da sua construção original.</p> <p>A casa esteve em grande declínio, durante bastante tempo, sendo que se encontrava ao abandono. A maior carga decorativa encontra-se nas mísulas que rematam as sacadas e nos suportes das janelas. (Moreira, 2018, p. 300).</p> <p>Nesta casa esteve a funcionar a Associação de Sapateiros. (Azevedo, 1974, p. 90).</p>
<p><b>Família/ Descendentes</b></p>	<p>Infelizmente a família dos Albergaria não foi uma família muito importante, sendo que se extinguiu cedo passando a casa a fazer parte da família que habitava no solar dos Padilhas, que eram seus familiares em Linha indireta. (Azevedo, 1974, p. 89;90).</p>
<p><b>Feitos</b></p>	<p>----- -----</p>
<p><b>Descrição</b> <b>Brasão</b></p>	<p>O brasão que se nos apresenta é decorado exteriormente pelo Paquife, que se originou pelo lenço usado pelos cavaleiros para proteger o Elmo da incidência direta do sol. Esse paquife forma uma decoração vegetalista. O paquife é preso ao elmo pelo virol, uma peça redonda de couro que prendia os dois elementos ao elmo. Estes são rematados pelo Timbre, que apresenta um animal, impercetível no angulo da fotografia, mas virado para a esquerda. (Matos &amp; Bandeira, 1969, p. 145;149;163).</p> <p>O elmo de prata está virado a um terço de frente, com nove grades de ouro, que simbolizam a presença de um conde ou visconde. (Moreira,</p>

	<p>2018, p. 301).</p> <p>O escudo esquadrelado representa quatro famílias. No primeiro quartel os cinco crescentes de vermelho em fundo prata, representa a família dos Pinto. No segundo quartel uma cruz de ouro potenteia, ou seja, retangular nas suas extremidades, e vazia sob fundo azul representa a família dos Teixeira. No terceiro quartel a cinco estrela de cinco raios de vermelho sobre fundo de ouro representa a família dos Coutinho, e no quarto quartel uma asa aberta de ouro terminada numa mão de carnação empunhando uma espada de prata guarnecida de ouro sobre fundo vermelho representa a família dos Vilhena. (Moreira, 2018, p. 301) e (Zuquete A. E., Armorial Lusitano, 2000).</p>
--	---


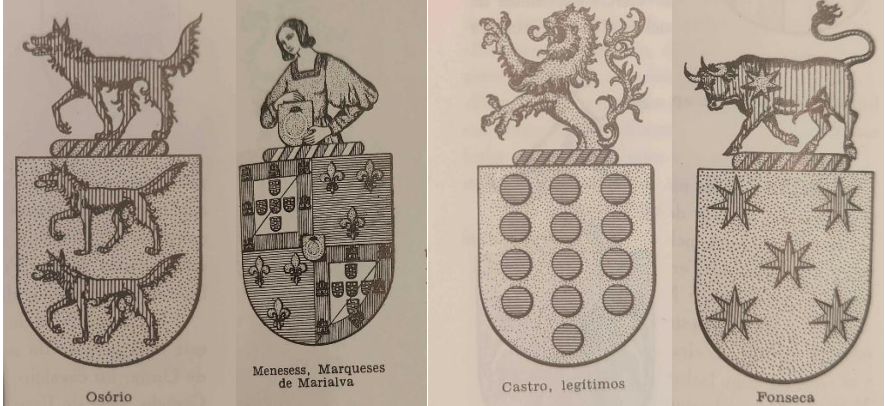
Tabela 11- Casa dos Albergarias


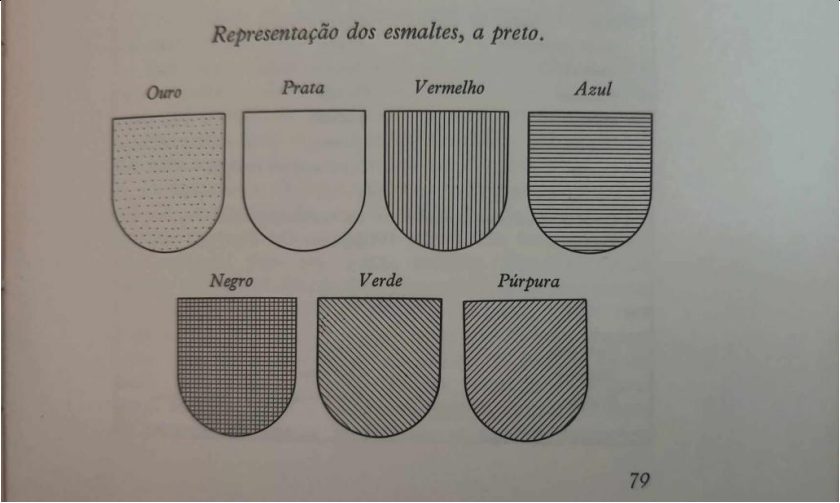

<p><b>Fotografia</b></p>	 <p>Data fotografias: 15/01/2025</p>
<p><b>Nome</b></p>	<p>Solar dos Padilha</p>
<p><b>Localização</b></p>	<p>Rua dos Bancos, R. dos Bancos 9, 5100-115 Lamego</p>
<p><b>Brasão</b> <b>Colorido</b></p>	 <p>Vilhena</p>

	Fonte: (Zuquete A. E., Armorial Lusitano, 2000)
<b>Fotografia</b> <b>Casa</b>	 <p>Data Fotografia: 15/01/2025</p>
<b>Casa (breve descrição)</b>	<p>Voltada para Norte, a entrada é enquadrada por pilastras almofadadas suportando uma arquitrave sendo esta rematada por um frontão. A casa é dividida em dois pisos, sendo que na parede do piso superior se encontra o a pedra de armas.</p> <p>A casa apresenta um desenvolvimento horizontal.</p> <p>Esta casa faz parte atualmente da sede da Turismo do Porto e Norte. (Moreira, 2018, p. 390)</p>
<b>Família/ Descendentes</b>	----- -----
<b>Feitos</b>	----- -----
<b>Descrição</b> <b>Brasão</b>	<p>A pedra de armas é decorada com elementos vegetalistas sendo possível ver os <i>putti</i> que parecem sustentar o escudo, funcionando como tenentes. (Moreira, 2018, p. 391) e (Matos &amp; Bandeira, 1969, p. 168).</p> <p>O timbre aparece assente num diadema de sete hastes, sendo este de condes palatinos, este diadema remata o escudo na sua parte superior. (Matos &amp; Bandeira, 1969, pp. 159,160) e (Moreira, 2018, p. 391).</p> <p>O escudo esquartelado apresenta no primeiro quartel os crescentes vermelhos sobre fundo de prata que representa a família dos Pinto, nos segundo e terceiro quartel são visíveis as cinco estrelas vermelhas de cinco raios sobre o fundo dourado dos Coutinho, e no quarto quartel a asa aberta de ouro, terminada por uma mão de carnação que empunha uma</p>

	<p>espada de prata guarnecida de ouro, sobre fundo vermelho, que representa os Vilhena.</p> <p>Esta casa é conhecida como a casa dos Padilha, mas no brasão não há referencia a esta família, sendo quase impossível de encontrar uma solução ou explicação para o porquê de ser ligada a essa família.</p> <p>(Moreira, 2018, p. 391) e (Zuquete A. E., Armorial Lusitano, 2000).</p>
--	--

Tabela 12- Solar dos Padilha

<p><b>Fotografia</b></p>	 <p>Data fotografia: 15/01/2025</p>
<p><b>Nome</b></p>	<p>Solar das Brolhas</p>
<p><b>Localização</b></p>	<p>Rua Macário de Castro, 5100-138 Lamego</p>
<p><b>Brasão Colorido</b></p>	

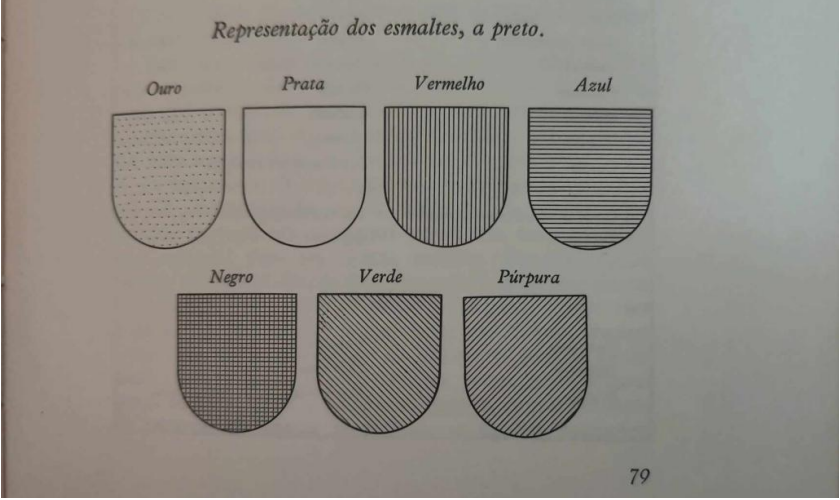

	 <p>Vilhena</p> <p>Fonte: (Zuquete A. E., Armorial Lusitano, 2000)</p>
<p><b>Legenda cromática</b></p>	 <p>Representação dos esmaltes, a preto.</p> <p>Ouro Prata Vermelho Azul</p> <p>Negro Verde Púrpura</p> <p>79</p> <p>Fonte: (Matos &amp; Bandeira, 1969)</p>
<p><b>Fotografia Casa</b></p>	 <p>Data Fotografia: 15/01/2025</p>
<p><b>Casa (breve descrição)</b></p>	<p>Em 1777 as renovações na casa foram levadas a cabo por Pedro da Fonseca e Castro e Sousa Osório e Melo. A casa é de planta quadrangular com pátio ao centro, desenvolvendo-se me quatro pisos, o acesso principal é feito pelo pórtico da fachada principal e os secundários pelos portões que ladeiam a casa, dando estes para o jardim. A fachada</p>

	desenvolve-se em dois pisos com cinco panos verticais decorados com pilastras, no cimo do pano central encontra-se um grande frontão onde está inserida ao centro a pedra de armas. (Moreira, 2018, p. 126)
<b>Família/ Descendentes</b>	Esta casa pertence às famílias Castro e Fonseca e Fonseca Coutinho. (Moreira, 2018, p. 136).
<b>Feitos</b>	Nesta família nasceram Fernão da Granja, que foi alcaide-mor de Lamego no reinado de D. João I, Diogo Osório de Castro, que foi tesoureiro da sé de Lamego, Joaquim de Castro da Fonseca e Sousa Osório Seabra que foi Cavaleiro da Ordem de Cristo, Coronel no regimento de Milícias da cidade de Lamego, Vereador, almotacé, informador e eleitor na Câmara de Lamego, e por fim Macário de Castro da Fonseca e Sousa, que foi oficial do exército do reino, procurador da junta geral do distrito, vereador da Câmara de Lamego e membro do Conselho Municipal.  Fonte: (Moreira, 2018, p. 136) .
<b>Descrição Brasão</b>	A pedra de armas é encimada por um diadema, com cinco hastes rematadas por um trevo e intercaladas por hastes menores que possuem no seu remate uma pérola. Esta pedra de armas apresenta-se também decorada com elementos vegetalistas. O escudo encontra-se partido em faixa, na partida superior, ou do chefe, podemos ver no lado direito as armas dos Osório, dois lobos de vermelho em fundo de ouro, no lado esquerdo estão representadas as armas dos Meneses, estas armas são esquarteladas, sendo que no primeiro e quarto quartéis estão representadas as armas do reino com um filete negro em barra, no segundo e terceiro quareis estão três flores de lis de ouro em fundo azul, no centro encontra-se um anel de rubi voltado para chefe, estas armas dos Meneses fazem alusão aos Marqueses de Marialva, seus familiares. Na segunda partida ou contrachefe, são representadas à esquerda as armas dos Castro, que são constituídas por treze arruelas azuis em fundo de ouro, ao centro manteladas estão as armas dos FONSECAS, cinco estrelas vermelhas de cinco raios em fundo de ouro, e no lado esquerdo as armas

	<p>dos Vilhena, a asa de ouro aberta, terminada em mão de carnação empunhando uma espada de prata guarnecida a ouro sob fundo vermelho, esta família usa por armas as mesmas dos Manuel, visto nos armoriais haver um ramo chamado Manuel de Vilhena.</p> <p>Fonte: (Moreira, 2018, p. 127) e (Zuquete A. E., 2000).</p>
--	--

Tabela 13- casa das Brolhas

<p><b>Fotografia</b></p>	 <p>Data fotografia: 15/01/2025</p>
<p><b>Nome</b></p>	<p>Brasão do Visconde de Arneirós</p>
<p><b>Localização</b></p>	<p>R. da Pereira, 5100-196 Lamego</p>
<p><b>Brasão Colorido</b></p>	 <p>Pinheiro (de Barcelos)</p> <p>Fonseca</p>


	Fonte: (Zuquete A. E., Armorial Lusitano, 2000).
<p><b>Legenda cromática</b></p>	 <p>Fonte: livro Heráldica de Gastão de Matos e Luís Bandeira, 1969. (Matos &amp; Bandeira, 1969)</p>
<p><b>Fotografia Casa</b></p>	 <p>Data fotografias: 15/01/2025</p>
<p><b>Casa (breve descrição)</b></p>	<p>A casa dos Visconde de Arneirós, que, por extinção da linhagem com o 2º visconde, terá passado para a família dos Girões ou Loureiros (habitantes na casa dos Loureiros), é um edifício de linhas grandiosas. Podemos ver que a casa possui três pisos e umas colunas que enquadram as saídas para as varandas. Também é possível vermos três janelas com uma arquitetura clássica, que muito provavelmente serão da altura da construção que se encontra no lintel da entrada, 1618.</p> <p>Destacamos ainda as gárgulas que se encontram na parte superior da casa, fazendo a ligação ao terceiro piso.</p> <p>Fonte: Adaptado de (Moreira, 2018)</p>

<p><b>Família/ Descendentes</b></p>	<p>A casa pertenceu ao 1º visconde de Arneirós, António Pinheiro da Fonseca Osório Vieira da Silva. O seu título foi atribuído em vida, por um decreto de D. Luís, a 23 de dezembro de 1870, e por carta concedida em 7 de janeiro de 1871.</p> <p>O 1º Visconde foi uma personalidade marcante, formado em Direito pela Universidade de Coimbra; viria a ser fidalgo-cavaleiro por sucessão, estando esse título presente na sua família desde o seu 4º avô.</p> <p>António Pinheiro destacou-se na política municipal, tendo sido vereador e presidente de Câmara; na política distrital, foi presidente da Junta Geral do Distrito de Viseu; e, por último, destacou-se na política nacional tendo sido deputado da nação por quatro legislaturas. Também se destacou em importantes obras, tendo sido 5º administrador do Vínculo e Capela de Nossa Senhora do Pilar, nesta cidade de Lamego.</p> <p>O 2º Visconde de Arneirós foi Adolfo Pinheiro Osório, nascido do primeiro casamento de António com D. Maria Cândida de Araújo Martins Sarmiento. A autorização para utilização do título foi concedida por D. Manuel II. Foi um grande proprietário e administrador do concelho, tendo seguido os passos do pai, chegando a assumir a função Presidente da Câmara de Lamego.</p> <p>Fonte: Adaptado de (Fonseca, 2000)</p>
<p><b>Feitos</b></p>	<p>1º Visconde:</p> <p>Vereador da Câmara de Lamego,</p> <p>Presidente de Câmara de Lamego,</p> <p>Reformador das Aulas no Liceu de Lamego (1880)</p> <p>Presidente da Junta Geral do Distrito de Viseu</p> <p>Deputado nacional (4 legislaturas)</p> <p>5º administrador do Vínculo e Capela de Nossa Senhora do Pilar (Lamego)</p>

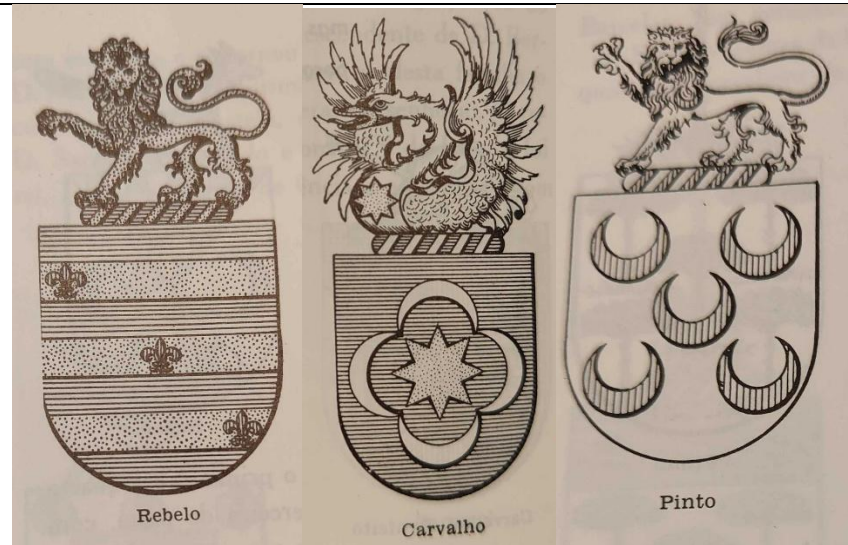
	<p>Provedor da Santa Casa da Misericórdia (Lamego)</p> <p>2º Visconde:</p> <p>Administrador do Concelho de Lamego</p> <p>Presidente da Câmara de Lamego</p> <p>Fonte: Adaptado de (Rica &amp; Cabral, Ilustres de Lamego, 2006)</p>
<p><b>Descrição</b></p> <p><b>Brasão</b></p>	<p>Correia de Azevedo, no seu livro das Casas Brasonadas do Douro, faz a descrição de um brasão legado ao 4º avô do 1º Visconde de Arneirós. Infelizmente, esse brasão não é o que se encontra na frontaria do solar onde ele habitou.</p> <p>Nesse brasão, que mostra um excelente trabalho de cantaria em granito, podemos encontrar um brasão com um escudo oval, esquartelado. No primeiro quartel que se encontra em chefe (isto é, à destra do escudo), e no quarto quartel (que se encontra em ponta sinestra), podemos encontrar o brasão que representa os Pinheiros, da linhagem de Barcelos, de cor Góles (vermelho), tendo por figuras um pinheiro de Sable (verde) com frutos de ouro, tendo também representado um leão de ouro rampante para a destra contra o tronco da árvore.</p> <p>Já nos cantões chefe sinestro e ponta destra, este brasão trás por armas os Fonseca. As cores desta família são o Ouro, que se encontra presente em todo o escudo, com cinco estrelas de cinco pontas, a variação dos Coutinhos, de Góles (vermelho).</p> <p>O elmo, de conde ou visconde, adorna a composição, sendo este possível de identificar através das nove grades e da sua posição de um terço para a frente.</p> <p>O timbre utilizado é uma concha, representando os Vieira.</p> <p>Podemos ver um paquife que adorna o exterior do escudo, preso pelo Virol, que sustenta a Concha.</p>

	<p>Também é perceptível uma outra decoração exterior, um cordão que parece ser sustido pelas bordaduras de pedra.</p> <p>A cabeça de touro presente também no conjunto escultórico, mas mais distanciada do timbre da pedra de armas, têm dupla interpretação, não se sabendo qual delas será a certa, na primeira interpretação poderá ser uma alusão ao timbre dos FONSECAS, visto a família utilizar como timbre um touro, apesar de as pedras de armas só poderem utilizar um timbre como principal, já na segunda interpretação, esta escultura pode ser só um elemento arquitetónico servindo como um complemento à presença das gárgulas. Estas conjeturas infelizmente não estão comprovadas por nenhum historiador, nem existem muitas fontes sobre a mesma casa.</p> <p>Fonte: Adaptado de (Azevedo, 1974), (Zuquete A. E., Armorial Lusitano, 2000), (Matos &amp; Bandeira, 1969), (Ribeiro, 1907) e (Moreira, 2018)</p>
--	---

Tabela 14- Visconde de Arneirós

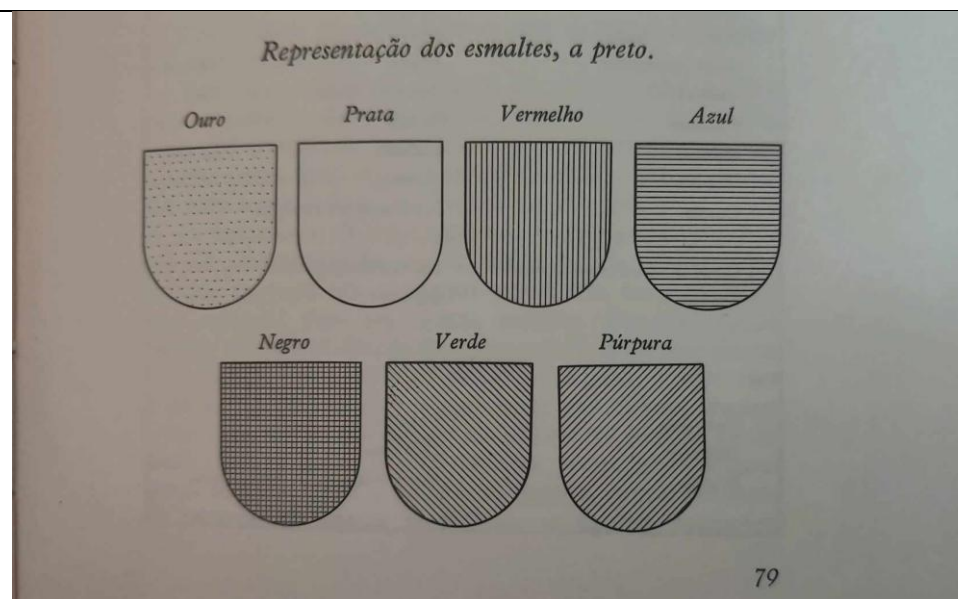
<p><b>Fotografia</b></p>	 <p>Data fotografias: 15/01/2025</p>
<p><b>Nome</b></p>	<p>Casa do Poço</p>
<p><b>Localização</b></p>	<p>Largo da Sé, 5100-006 Lamego</p>


**Brasão  
Colorido**



Fonte: (Zuquete A. E., Armorial Lusitano, 2000) e (Borges, 2000)


**Legenda  
cromática**



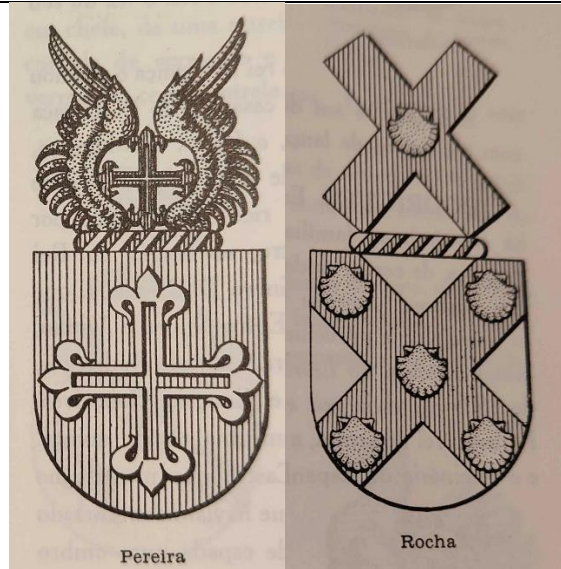
	Fonte: (Matos & Bandeira, 1969)
<b>Fotografia Casa</b>	 <p>Data fotografias: 15/01/2025</p>
<b>Casa (breve descrição)</b>	<p>Atualmente esta casa pertence à diocese de Lamego, e é onde funciona o Arquivo Diocesano e o Museu Diocesano de Lamego. Este edifício possui uma planta em U, com no acesso principal a ser feito pelo portão que se encontra voltado para a Sé, onde se encontram os dois brasões, sendo que a representação de ambos é da mesma família.</p> <p>Neste edifício funcionou a Ordem Soberana de São João de Malta, e mais tarde esta casa pertenceu à família Carvalho. Para além da pedra de armas, é de destacar neste edifício as janelas germinadas manuelinas que se voltam para Sul do edifício no acesso à Travessa dos Loureiro. (Moreira, 2018, p. 265).</p>
<b>Família/ Descendentes</b>	Esta casa pertenceu à família Carvalho. A descendência atual não é conhecida. (Moreira, 2018, p. 279)
<b>Feitos</b>	Nesta família nasceu Martim de Carvalho Rebelo de Figueiredo que foi contador da fazenda da comarca de Lamego, Ruy Lopes de Carvalho que foi Bispo de Miranda do Douro, Diogo de Carvalho e Sampaio que foi Cavaleiro da Ordem de Malta, Diogo Lopes Teixeira Rebelo de Carvalho que participou na Batalha de Alcácer-Quibir, Diogo Lopes de Carvalho que foi Vereador da Câmara de Lamego, Jerónimo de Carvalho Rebelo que foi fidalgo da casa real, comendador da Ordem de Malta e Vereador da Câmara de Lamego, e por último António Teixeira de Sousa da Silva Alcoforado que foi fidalgo da casa real e membro do Conselho Municipal de Lamego. (Moreira, 2018, p. 279).

<p><b>Descrição</b> <b>Brasão</b></p>	<p>O Escudo oval é encimado por um diadema de cinco hastes, todas da mesma dimensão e rematadas por uma pérola.</p> <p>O escudo oval apresenta-se esquartelado, no primeiro quartel podemos ver as armas dos Rebelos, esta família usam as armas de azul, com três faixas de ouro, cada faixa carregada de uma flor de lis a vermelho, estando as três flores de lis alinhadas em banda. No segundo quartel apresentam-se as armas dos Carvalhos, esta família usa armas de azul, com uma estrela de ouro de oito raios, encerrada numa caderna de crescentes de prata. No terceiro quartel encontramos as armas do reino de Portugal, que são de prata, com cinco escudetes de azul postos em cruz, cada escudete é carregado com cinco besantes de prata postos em sautor; bordadura de vermelho carregada de sete castelos de ouro. No quarto quartel apresentam-se as armas dos Pintos, as armas desta família são de prata, com cinco crescentes vermelhos postos em sautor.</p> <p>Fonte: (Moreira, 2018, p. 270) e (Zuquete A. E., Armorial Lusitano, 2000).</p>
---	---

Tabela 15- Casa do Poço

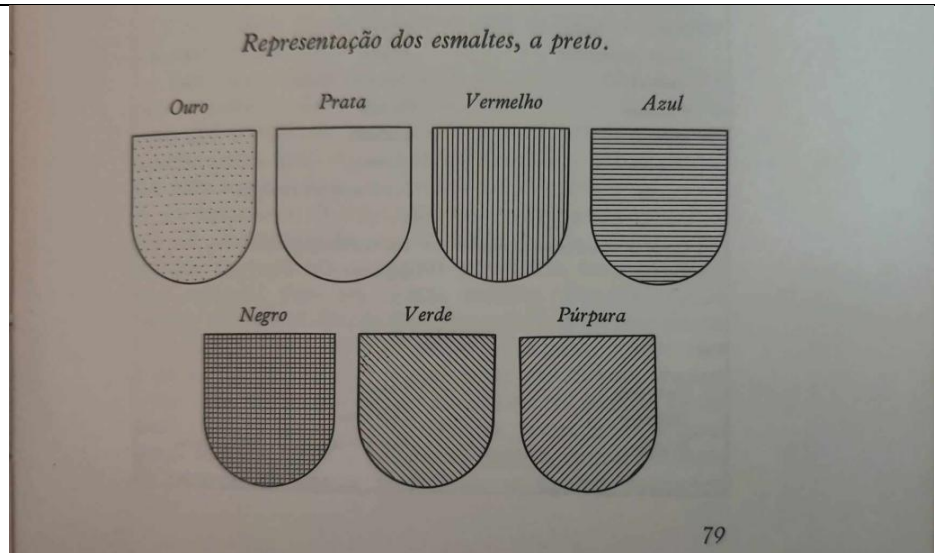
<p><b>Fotografia</b></p>	 <p>Data Fotografia: 15/01/2025</p>
<p><b>Nome</b></p>	<p>Solar dos Loureiros</p>
<p><b>Localização</b></p>	<p>Travessa dos Loureiros, 41°05'45.8"N 7°48'26.6"W</p>

**Brasão**  
**Colorido**



Fonte: (Zuquete A. E., Armorial Lusitano, 2000)

**Legenda**  
**cromática**



Fonte: (Matos & Bandeira, 1969)



**Fotografia**  
**Casa**

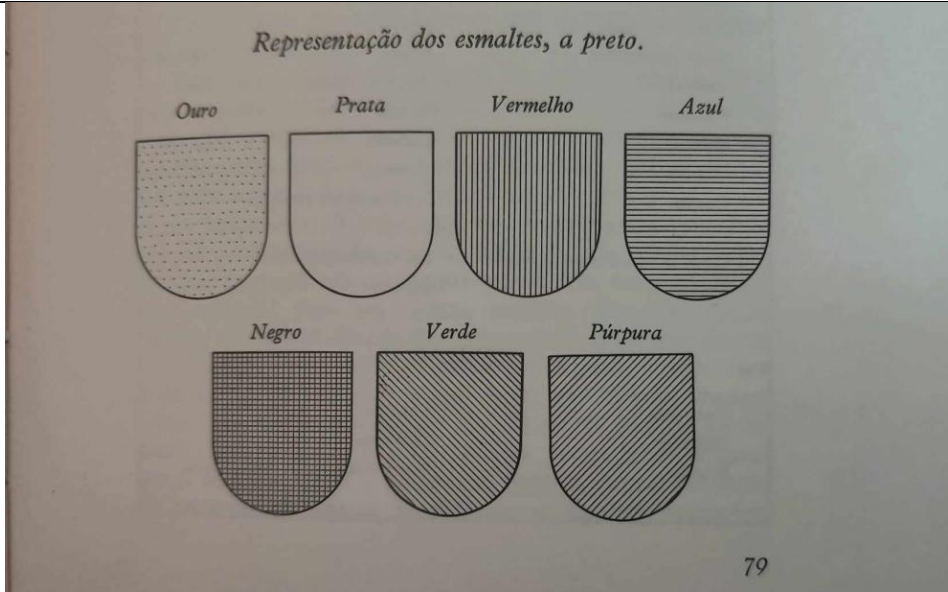



	Data Fotografia: 15/01/2025
<b>Casa (breve descrição)</b>	A casa foi mandada construir pelo primeiro conde de Alpendurada, que tinha de seu nome João Batista Pereira da Rocha, sendo um edifício do século XIX. Solar que se articula em três pisos e de planta retangular. O acesso à casa é feito pelo pórtico principal, ou por um portão de acesso secundário que dá acesso ao Jardim da casa. A pedra de armas está colocada na interceção do segundo e terceiro pisos. (Moreira, 2018, p. 201).
<b>Família/ Descendentes</b>	Casa pertencente à família Pereira da Rocha, também conhecidos por Loureiros ou Girões. O nome Girão provem da união familiar com a casa das Torres de Mesão Frio. Já o nome Loureiro provém das folhas de loureiro presentes na pedra de armas. (Moreira, 2018, p. 222).
<b>Feitos</b>	Nesta família nasceram Francisco Dionisio Pereira da Rocha, fidalgo da casa real, almotacé da câmara de lamego e membro do conselho municipal de Lamego, João Batista Pereira da Rocha primeiro conde de Alpendurada, título legado pelo casamento com a filha do primeiro visconde de Alpendurada, e Francisco António Pereira de Magalhães fidalgo da casa real, procurador à junta geral de distrito e segundo conde de Alpendurada. (Moreira, 2018, p. 222).
<b>Descrição Brasão</b>	<p>A pedra de armas é encimada por um elmo alado de prata, tarado a um terço de frente com nove grades de ouro, que simbolizam a presença de um conde ou visconde. O elmo é rematado por uma cruz florenciada, sendo este o timbre utilizado pelos Pereira, estando o timbre suspenso sem assentar no virol, sendo este também inexistente.</p> <p>No enquadramento do escudo é apresentada uma decoração vegetalista, que fazem referência a folhas de loureiro.</p> <p>O escudo partido em pala, apresenta na primeira pala as armas dos Pereira, que são estas de vermelho com uma cruz de prata florenciada e vazia. Na segunda pala são apresentadas as armas dos Rocha, estes trazem armas de prata, com aspa de vermelho, carregada de cinco vieiras</p>

	<p>de ouro.</p> <p>Fonte: adaptado de (Moreira, 2018, p. 203) e (Zuquete A. E., Armorial Lusitano, 2000).</p>
--	---


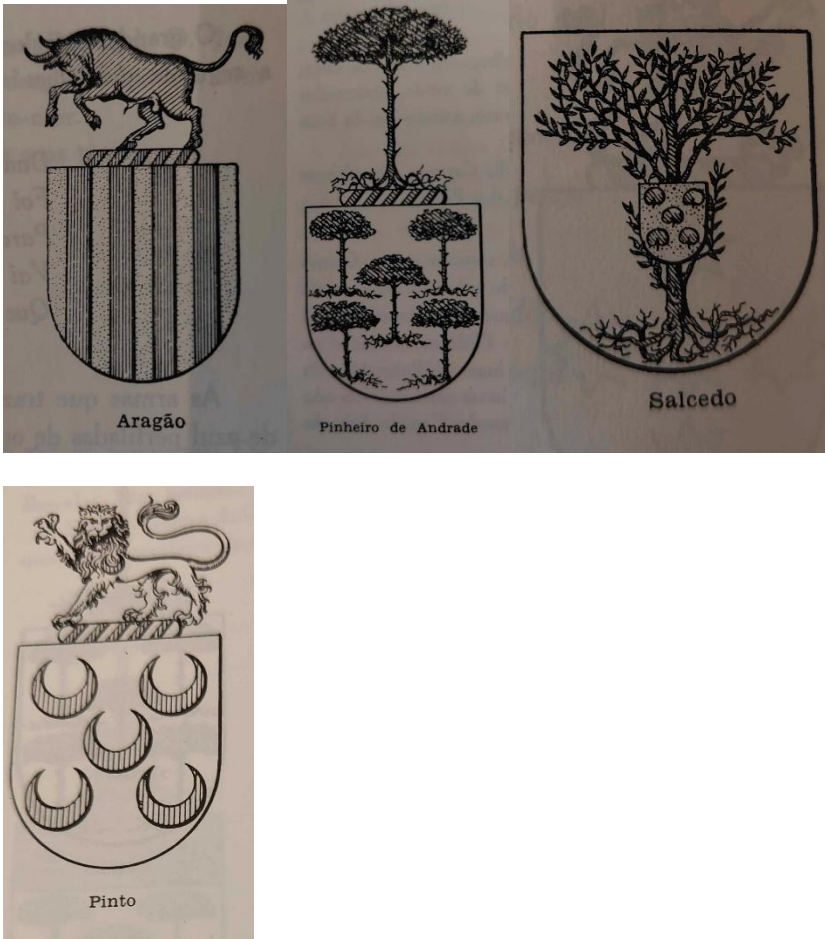
Tabela 16- Solar dos Loureiros

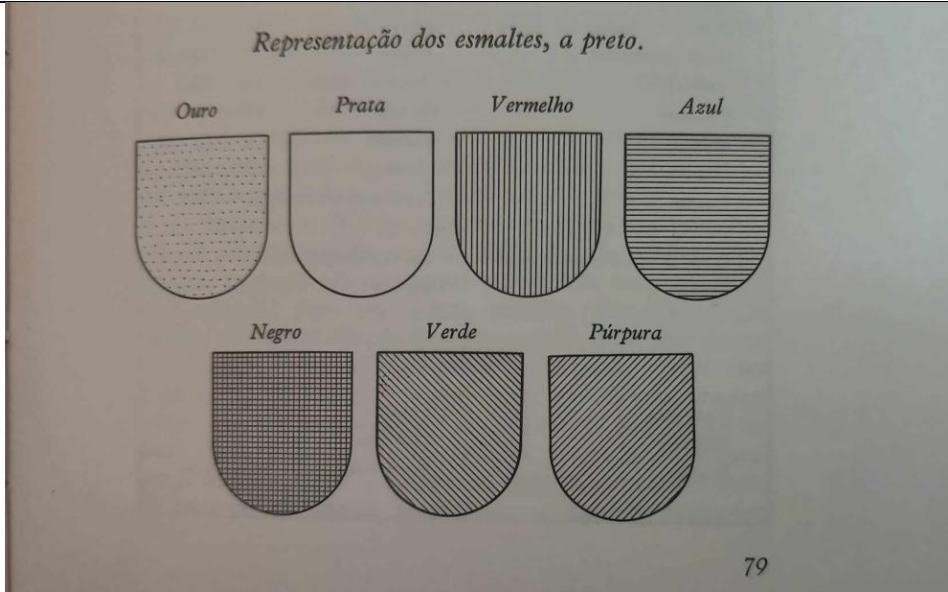

<p><b>Fotografia</b></p>	 <p>Data Fotografia: 16/01/2025</p>
<p><b>Nome</b></p>	<p>Solar dos Peixoto, atual Paço episcopal</p>
<p><b>Localização</b></p>	<p>Rua das Cortes, 41°05'57.3"N 7°48'38.9"W</p>
<p><b>Brasão</b> <b>Colorido</b></p>	 <p>Fonte: (Zuquete A. E., Armorial Lusitano, 2000) e (Borges, 2000)</p>

<p><b>Legenda cromática</b></p>	<p style="text-align: center;"><i>Representação dos esmaltes, a preto.</i></p>  <p style="text-align: right;">79</p> <p>Fonte: (Matos &amp; Bandeira, 1969)</p>
<p><b>Fotografia Casa</b></p>	 <p>Data Fotografia: 16/01/2025</p>
<p><b>Casa (breve descrição)</b></p>	<p>Solar de planta retangular, onde os acessos se fazem pela entrada que fica voltada para a rua das cortes. Esta casa possui um jardim, visível do terraço da Igreja de Almacave. O solar é do Século XVIII, e funcionou como Casa da Relação durante o cerco do Porto, entre 1832 a 1833 e como cadeia. Em 1834 o palacete foi comprado e restaurado e foi a habitação de Melchior Pereira Coutinho, morrendo este sem descendência, o palacete passou a ser propriedade de D. Maria Cândida de Castro da Fonseca Pereira Coutinho e sua irmã D. Maria Joana, ambas irmãs de D. Macário de Castro da casa das Brolhas. A 8 de agosto de 1941 as irmãs cedem a casa por testamento à diocese, passando esta a ser o Paço Episcopal.</p>

	<p>Fonte: adaptado de (Duarte, 2013, pp. 547-549).</p>
<b>Família/ Descendentes</b>	<p>Pertencia à família Pereira Coutinho de Vilhena e Meneses, sendo seu imóvel até 1941, ano da passagem para a Diocese de Lamego.</p> <p>Fonte: adaptado de (Moreira, 2018, p. 384).</p>
<b>Feitos</b>	<p>Casa de Melchior Pereira Coutinho, tio de Macário de Castro senhor da casa das Brolhas, exerceu os cargos de vereador da Câmara de Lamego e Membro do Conselho Municipal.</p> <p>Fonte: adaptado de (Moreira, 2018, p. 384).</p>
<b>Descrição Brasão</b>	<p>A rematar o escudo encontra-se um diadema de cinco hastes, estando o escudo envolvido em decorações vegetalistas.</p> <p>O escudo é esquartelado, no primeiro quartel encontram-se as armas do reino, segundo os armoriais, mas as mesmas só apresentam os cinco escudetes, que não possuem os característicos besantes postos em sautor, nem a bordadura exterior com os sete castelos. No segundo quartel estão visíveis as armas dos Pinto, que são de prata com cinco crescentes a vermelho. No terceiro quartel são visíveis quatro crescentes virados para chefe, este emblema não se encontra nos armoriais, sendo a sua possível interpretação como um erro de cantaria na representação dos Pinto. O quarto quartel representa as armas dos Botelho, que são de ouro com quatro bandas de vermelho.</p> <p>Fonte: adaptado de (Moreira, 2018, p. 374) e (Zuquete A. E., Armorial Lusitano, 2000).</p>


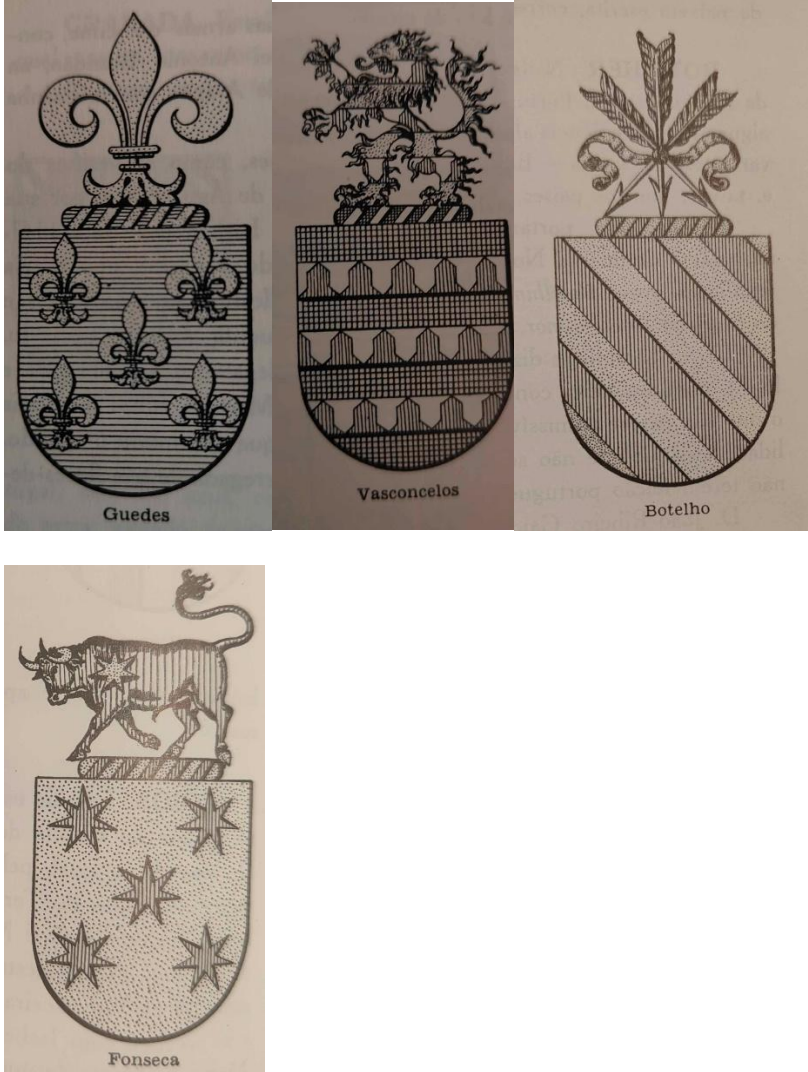
Tabela 17- Atual Paço Episcopal

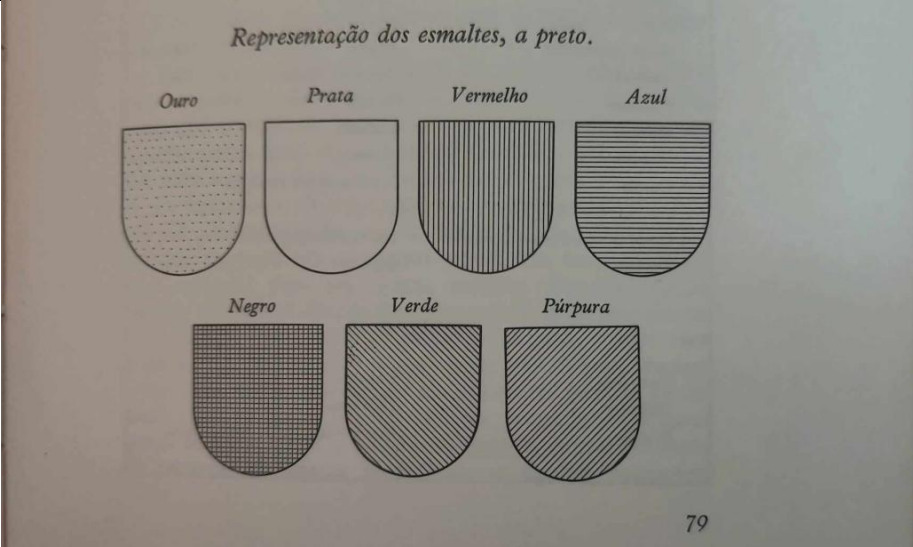
<p><b>Fotografia</b></p>	 <p>Data Fotografia: 16/01/2025</p>
<p><b>Nome</b></p>	<p>Solar dos Pinheiros de Aragão</p>
<p><b>Localização</b></p>	<p>Avenida Padre Alfredo Pinto Teixeira, 41°06'01.2"N 7°48'35.2"W</p>
<p><b>Brasão</b> <b>Colorido</b></p>	 <p>Aragão</p> <p>Pinheiro de Andrade</p> <p>Salcedo</p> <p>Pinto</p> <p>Fonte: (Zuquete A. E., Armorial Lusitano, 2000)</p>

<p><b>Legenda cromática</b></p>	<p style="text-align: center;"><i>Representação dos esmaltes, a preto.</i></p>  <p>Fonte: (Matos &amp; Bandeira, 1969)</p>
<p><b>Fotografia Casa</b></p>	 <p>Data Fotografia: 16/01/2025</p>
<p><b>Casa (breve descrição)</b></p>	<p>Casa de planta retangular em dois pisos, com a entrada principal virada para a avenida Padre Alfredo Pinto Teixeira. Foi solar da família Pinheiros de Aragão. De 1886 a 1937 este solar albergou o Liceu de Lamego, como a epigrafe na parede assim o faz lembrar, e atualmente é a sede da APITIL e de alguns serviços da Câmara Municipal de Lamego.</p> <p>Fonte: adaptado de (Moreira, 2018, p. 351).</p>

<b>Família/ Descendentes</b>	<p>Pertenceu à família dos Pinheiro de Aragão.</p> <p>Fonte: adaptado de (Moreira, 2018, p. 365).</p>
<b>Feitos</b>	<p>Desta família são os ilustres Bernardo Pinheiro de Aragão Sauzedo fidalgo da casa real, administrador da capela da Santíssima Trindade, e vereador da Câmara de Lamego. João Pinheiro de Aragão Sauzedo morgado de Passô, fidalgo da casa real, comendador da ordem de Cristo, Coronel agregado do regimento de milícias de Lamego, e foi vereador, almotacé, eleitor e informador da Câmara de Lamego. Bernardo Pinheiro de Aragão Sauzedo, neto do primeiro referido, fidalgo da casa real e vereador da Câmara de Lamego.</p> <p>Fonte: adaptado de (Moreira, 2018, p. 366).</p>
<b>Descrição Brasão</b>	<p>O escudo é rematado por um elmo, de aço de perfil com cinco grade e bordadura de prata, sendo essa a representação dos cavaleiros ou fidalgos de velha estirpe.</p> <p>O escudo apresenta-se esquartelado. No primeiro quartel estão visíveis as armas dos Aragão, que são de ouro com quatro palas de vermelho. No segundo quartel estão visíveis as armas dos Pinheiros, que são de prata com cinco pinheiros arrancados de verde, sendo esta a variação das armas pertencentes aos Pinheiro de Andrade. No terceiro quartel são visíveis as armas dos Salcedos, que são de prata com um salgueiro arrancado de verde e um escudete de ouro com cinco folhas de golfão verdes. No quarto quartel estão as armas dos Pinto, que são de prata com cinco crescentes de vermelho.</p> <p>Fonte: adaptado de (Moreira, 2018, p. 354) e (Zuquete A. E., Armorial Lusitano, 2000).</p>


Tabela 18- Solar dos Pinheiros de Aragão

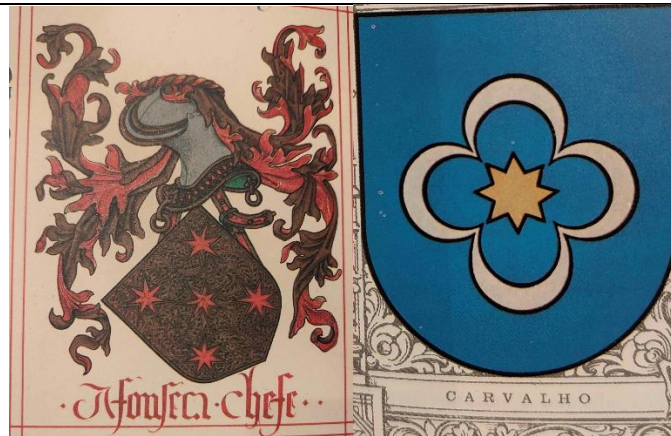
<p><b>Fotografia</b></p>	 <p>Data Fotografia: 15/01/2025</p>
<p><b>Nome</b></p>	<p>Solar dos Guedes Botelho</p>
<p><b>Localização</b></p>	<p>R. das Canastras 2, 5100-006 Lamego</p>
<p><b>Brasão</b> <b>Colorido</b></p>	 <p>Fonte: (Zuquete A. E., Armorial Lusitano, 2000)</p>

<p><b>Legenda cromática</b></p>	 <p>Representação dos esmaltes, a preto.</p> <p>Ouro Prata Vermelho Azul</p> <p>Negro Verde Púrpura</p> <p>79</p> <p>Fonte: (Matos &amp; Bandeira, 1969)</p>
<p><b>Fotografia Casa</b></p>	<p>-----</p> <p>-----</p>
<p><b>Casa (breve descrição)</b></p>	<p>Casa de planta pentagonal, com quatro pisos, sendo um deles subterrâneo. O acesso à casa faz-se pela fachada principal voltada para a Rua das Canastras, e a entrada secundária por uma porta que se abre para a Travessa dos Loureiros.</p> <p>Fonte: adaptado de (Moreira, 2018, p. 228).</p>
<p><b>Família/ Descendentes</b></p>	<p>A casa pertenceu à família Guedes Botelho e Guedes de Magalhães.</p> <p>Fonte: adaptado de (Moreira, 2018, p. 242).</p>
<p><b>Feitos</b></p>	<p>-----</p> <p>-----</p>
<p><b>Descrição Brasão</b></p>	<p>A pedra de armas está bastante desgastada, sendo impercetível a disposição do elmo que adorna o remate do escudo.</p> <p>O escudo esquartelado, apresenta no primeiro quartel as armas dos Guedes, as suas armas são de azul, com cinco flores de lis postas em sautor. No segundo quartel podemos ver as armas dos Vasconcelos, que são de negro com três faixas veiradas de prata e de vermelho. No terceiro quartel estão as armas dos Botelho, que são de ouro com quatro bandas de vermelho. No quarto quartel estão as armas dos Fonseca, que são de</p>

	<p>ouro com cinco estrelas de vermelhas de cinco raios postas em sautor.</p> <p>Fonte. Adaptado de (Moreira, 2018, p. 230) e (Zuquete A. E., Armorial Lusitano, 2000).</p>
--	--

Tabela 19- Solar dos Guedes Botelho

<p><b>Fotografia</b></p>	 <p>Data fotografia: 15/01/2025</p>
<p><b>Nome</b></p>	<p>Solar dos Silveiras</p>
<p><b>Localização</b></p>	<p>Largo da Sé e Av. Visc. Guedes Teixeira 7, 5100-073 Lamego</p>
<p><b>Brasão</b> <b>Colorido</b></p>	



Fonte: (Zuquete A. E., Armorial Lusitano, 2000) e (Borges, 2000)

**Fotografia**  
**Casa**



Data fotografia: 15/01/2025

**Casa (breve descrição)**


Casa de planta quadrangular composta por três pisos, sendo que o terceiro foi um acrescento tardio e foi colocado paralelo à fachada posterior. Os acessos originais eram feitos pela porta que está voltada para a sé e que é encimada pela pedra de armas, sendo que atualmente depois de várias transformações exercidas os acessos são feitos pela porta voltada para o Teatro Ribeiro Conceição, e a porta voltada para a Sé tornou-se um espaço comercial. Sendo que o piso térreo da mesma funciona para espaços comerciais, e no segundo e terceiros pisos funciona a Pensão Solar da Sé.

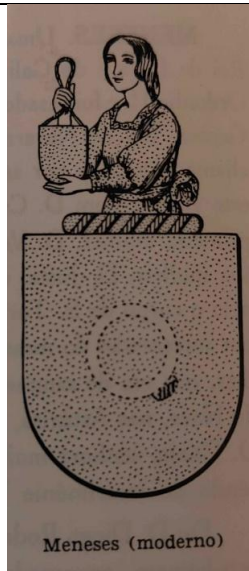
Fonte. Adaptado de (Moreira, 2018, p. 285).

<b>Família/ Descendentes</b>	Esta casa foi propriedade dos viscondes e viscondessa de Guiães.  Fonte: adaptado de (Moreira, 2018, p. 295)
<b>Feitos</b>	Nesta família nasceu Manuel de Teixeira Pimentel de Carvalho fidalgo da casa real e Vereador da Câmara de Lamego, José Taveira Pimentel de Carvalho e Meneses que foi fidalgo da casa real, comendador da ordem de Cristo, porta-bandeira do regimento de infantaria da Praça de Almeida, alferes de infantaria da Praça de Almeida, Coronel do regimento de Milícias de Lamego, Coronel agregado ao Regimento de Milícias do Porto, Vereador e Almotacé da Câmara de Lamego, e foi agraciado com o título de Visconde de Guiães, faz parte da família também João da Silveira Pinto da Fonseca que foi fidalgo da casa real, comendador da ordem de cristo, presidente da companhia geral de Vinhos do Alto Douro, Vereador da Câmara de Lamego e membro do Conselho Municipal e foi o segundo visconde de Várzea, título adquirido por casamento com a filha do primeiro visconde de Várzea.  Fonte: adaptado de (Moreira, 2018, p. 295).
<b>Descrição Brasão</b>	O timbre do brasão assenta num elmo de prata, tarado de um terço de frente possuindo nove grades de ouro, que remete para a presença de um conde ou visconde.  O escudo apresenta-se esquartelado, no primeiro quartel apresentam-se as armas dos Teixeira, que trazem armas de azul, com uma cruz de ouro potenteia e vazia. No segundo quartel apresentam-se as armas dos Borges, que trazem armas de vermelho com um leão armado e lampassado de azul; bordadura cosida de azul, semeada de flores de lis de ouro. No terceiro quartel apresentam-se as armas dos FONSECAS, que trazem armas de ouro com cinco estrelas de sete raios de vermelho postas em sautor. No quarto quartel apresentam-se as armas dos CARVALHOS, que trazem armas de azul, com uma estrela de ouro de oito raios, encerrada numa caderna de crescentes de prata.

	Fonte: adaptado de (Moreira, 2018, p. 288) e (Zuquete A. E., Armorial Lusitano, 2000).
--	--

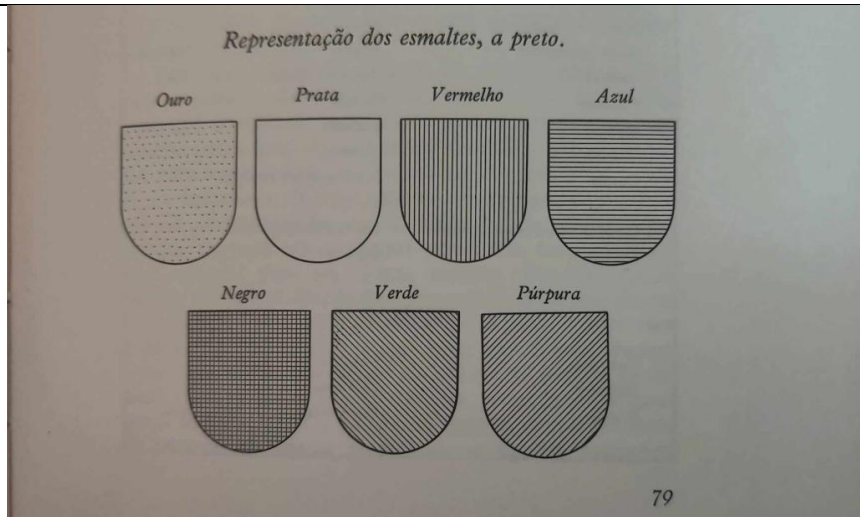
Tabela 20- Solar dos Silveiras

<p><b>Fotografia</b></p>	 <p>Data fotografia: 12/03/2025</p>
<p><b>Nome</b></p>	<p>Casa dos Pereira Coutinho de Vilhena</p>
<p><b>Localização</b></p>	<p>R. da Pereira 70, 5100-196 Lamego</p>
<p><b>Brasão Colorido</b></p>	 <div data-bbox="991 1615 1390 1910" style="border: 1px solid black; padding: 5px;"> <p>Este brasão dos Manuel, também é utilizado pelos Vilhena, pois deriva da ligação familiar dos Manuel de Vilhena.</p> </div>




Fonte: (Zuquete A. E., Armorial Lusitano, 2000)

**Legenda cromática**




Fonte: (Matos & Bandeira, 1969)

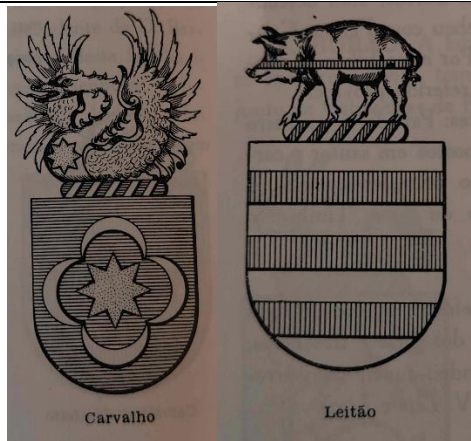
<p><b>Fotografia</b></p> <p><b>Casa</b></p>	 <p>Data fotografia: 12/03/2025</p>
<p><b>Casa (breve descrição)</b></p>	<p>Casa de planta retangular, dividida em dois pisos, o acesso é feito pelo pórtico que se abre na fachada principal. A fachada dividia em dois panos delimitados por pilastras. O telhado apresenta um frontão onde está enquadrado o brasão. (Moreira, 2018, p. 144).</p>
<p><b>Família/ Descendentes</b></p>	<p>Pertenceu à família Pereira Coutinho de Vilhena e atualmente pertence à Santa Casa da Misericórdia de Lamego. (Moreira, 2018, p. 156)</p>
<p><b>Feitos</b></p>	<p>Era membro desta família António Pereira Coutinho de Vilhena comendador honorário da ordem de cristo e cavaleiro da ordem de Jerusalém, foi também vereador, almotacé, informador e eleitor da Câmara de Lamego e membro do conselho Municipal. (Moreira, 2018, p. 156).</p>
<p><b>Descrição</b></p> <p><b>Brasão</b></p>	<p>O escudo é rematado por um diadema de cinco hastes floridas, onde assenta o timbre dos Pereira, ou seja, a cruz florenciada e vazia no interior.</p> <p>O escudo que se encontra envolto em elementos vegetalistas, é esquartelado. No primeiro quartel surgem as armas dos Pereira, que são de vermelho com cruz florenciada de prata com interior vazio. No segundo quartel surgem as armas dos Coutinho, que são de ouro com cinco estrelas vermelhas de cinco pontas, postas em sautor. No terceiro quartel surgem as armas dos Vilhena, que são de vermelho, com asa</p>

	<p>aberta de ouro, terminada numa mão de carnação empunhando uma espada de prata guarnecida a ouro, esta família utiliza as armas dos Manuel, por causa da derivação familiar Manuel de Vilhena. No quarto quartel estão representadas as armas dos Meneses, de ouro, com a sombra de um anel de rubi voltado para chefe.</p> <p>Este brasão é diferenciado na sua beleza, pois possui ornatos exteriores, que são indicados como Troféus. Estes ornatos bélicos simbolizam as honrarias do portador do brasão, neste caso as honrarias seriam as de Comendador honorário da ordem de Cristo e Cavaleiro da ordem de Jerusalém.</p> <p>Fonte. Adaptado de (Matos &amp; Bandeira, 1969, pp. 173,174) e (Moreira, 2018)</p>
--	---

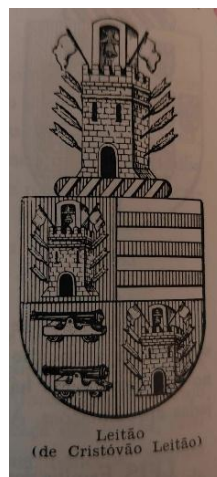
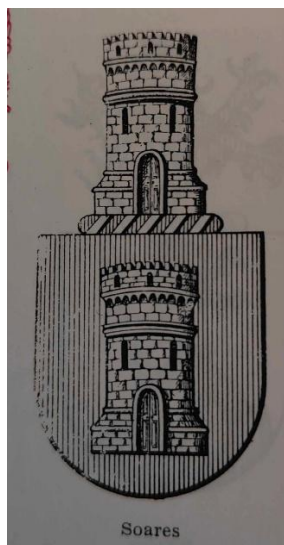
Tabela 21- Casa dos Pereira Coutinho de Vilhena

<p><b>Fotografia</b></p>	 <p>Data fotografia: 12/03/2025</p>
<p><b>Nome</b></p>	<p>Casa dos Serpa</p>
<p><b>Localização</b></p>	<p>R. das Canastras, 5100-196 Lamego</p>

**Brasão  
Colorido**

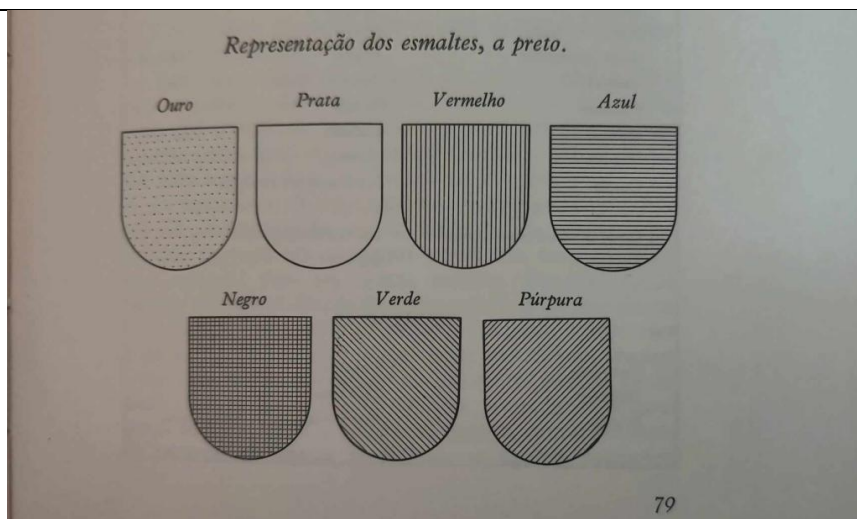


A torre crivada de setas de Cristóvão Leitão encontra-se presente neste brasão.




Fonte: (Zuquete A. E., Armorial Lusitano, 2000)

**Legenda  
cromática**



Fonte: (Matos & Bandeira, 1969)

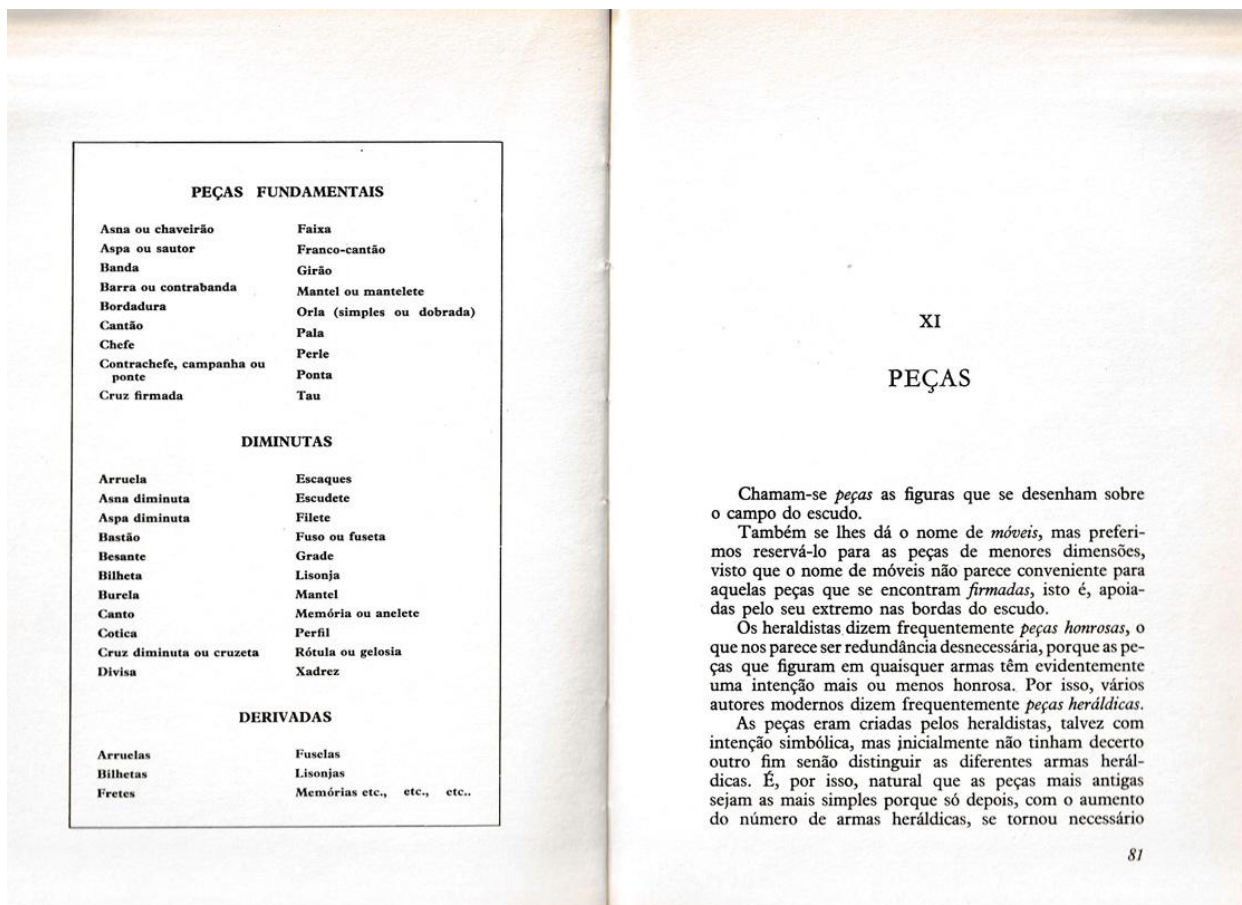
<p><b>Fotografia</b> <b>Casa</b></p>	 <p>Data fotografia: 12/03/2025</p>
<p><b>Casa (breve descrição)</b></p>	<p>A casa é um edifício do século XVII, mandada construir por António Leitão de Carvalho, casa que foi sofrendo várias alterações ao longo dos Séculos. No século XIX funcionou neste edifício o colégio padre Rosa que saiu da Rua dos Fornos para este solar. Atualmente funcionam neste edifício a Conservatória e Registo Civil, e o Tribunal de Trabalho.</p> <p>Fonte: adaptado de (Moreira, 2018, p. 161).</p>
<p><b>Família/ Descendentes</b></p>	<p>A casa era propriedade da família Leitão de Carvalho.</p>
<p><b>Feitos</b></p>	<p>São desta família José Leitão Pereira Rebelo Soares de Carvalho, fidalgo da casa real e vereador e almotacé da Câmara de Lamego. António Correia Leitão da Fonseca, fidalgo da casa real e vereador da câmara de Lamego. Bernardo Pereira Correia Leitão fidalgo da casa real e vereador da câmara de Lamego.</p> <p>Fonte: adaptado de (Moreira, 2018, p. 177).</p>
<p><b>Descrição</b> <b>Brasão</b></p>	<p>O escudo é encimado por um diadema de cinco hastes floridas intercaladas com hastes com pérolas.</p> <p>O escudo é decorado no seu exterior com motivos vegetalistas, sendo o mesmo de formato oval e surge esquartelado. No primeiro quartel estão visíveis as armas dos Carvalho, que são de azul com uma estrela de ouro de oito raios, dentro de uma caderna de crescentes de prata. No segundo quartel estão as armas dos Leitão, que são de prata com três faixas de vermelho. No terceiro quartel surge a representação da família Leitão,</p>

	<p>dada a Cristóvão Leitão por D. João III, essas armas são de vermelho, com uma torre de prata com frestas de negro crivadas com setas de ouro. No quarto quartel estão representadas as armas dos Soares, que são de vermelho, com uma torre de prata.</p> <p>Fonte: adaptado de (Moreira, 2018, p. 164) e (Zuquete A. E., Armorial Lusitano, 2000)</p>
--	---

*Tabela 22- Casa dos Serpa*

## ANEXOS

### Anexo A: Excertos do Livro “Heráldica” de Gastão de Mello de Matos e Luís Stubbs Saldanha Monteiro Bandeira (Matos & Bandeira, 1969)



variari mais a forma das divisões do escudo e das peças que nele figuravam.

As peças são de diferentes classes e, assim, muitos autores distinguem *peças* e *figuras*, enquanto outros dão indiferentemente a todos os desenhos existentes no campo do escudo o primeiro ou o segundo nome.

Por simples questão de método, adoptamos a classificação dos primeiros. Assim, chamaremos *peças* àqueles desenhos formados por linhas geométricas, e que só podem ser considerados, algumas vezes, representações esquemáticas de objectos reais, e *figuras* aos desenhos que representam pessoas, animais, vegetais, minerais, astros, elementos da Natureza, árvores, instrumentos, barcos, fortificações, etc.

As peças, dividem-se em: *fundamentais* ou *ordinárias*, *diminutas* e *derivadas*.

As figuras em: *naturais*, *artificiais*, *fantásticas* e *quiméricas*.

Evidentemente, esta classificação, como todas, não é inteiramente satisfatória e, por vezes, dois desenhos semelhantes poderão ser incluídos numa ou noutra das classes indicadas.

Como as regras da Heráldica, além de relativamente modernas, tiveram sempre muito de arbitrário, não podiam ser cumpridas rigorosamente, e a significação exacta dos nomes dados aos diferentes desenhos, provavelmente inspirados nas classificações da História Natural, não foi, e nunca poderá ser, um sistema completo que se possa reduzir a quadro.

Também se podem considerar peças o *banco de pinchar* e a *brica*, mas apenas são usados para indicar diferenças.

As peças são colocadas sobre o campo do escudo, devendo, portanto, ter relevo sobre ele.

Quando uma peça não assenta directamente sobre o campo do escudo mas sobre outra peça, diz-se que esta é *carregada*.

#### Peças fundamentais

Escolheu-se um certo número de desenhos a que «agradou» dar o nome de *peças fundamentais*.

Devemos observar, todavia, que não seria ilógico considerar como *derivadas* algumas das peças que os heraldistas incluem nas fundamentais, como teremos ocasião de ver.

São peças fundamentais, por ordem alfabética: a *asna* ou *chaveirão*, a *aspa*, a *banda*, a *barra* ou *contrabanda*, a *bordadura*, o *cantão*, o *chefe*, o *contrachefe* ou *campanha*, a *cruz*, a *faixa*, o *franco-quartel*, o *girão*, o *mantel*, a *orla* (simples ou dobrada), a *pala*, a *perle*, a *ponta*, e o *tau*.

A largura destas peças deve ser um terço da largura do campo, segundo os antigos heraldistas, mas é duvidoso que sempre assim tenha sucedido.

Fox Davies apenas admite um único exemplo (a *pala*) em que se verifique tal regra; em todas as outras peças fundamentais, segundo ele, somente quando a peça está isolada deve ser desenhada aproximadamente nessas proporções. Seria até impossível respeitá-las em muitos outros casos.

#### Asna ou chaveirão

A *asna* é constituída por uma meia banda e meia *contrabanda* tocando-se nos seus extremos superiores (*ponta*), podendo, assim, ser considerada uma peça *derivada*.

É, dentro das peças fundamentais, uma daquelas que convém desenhar com dimensões um pouco inferiores a um terço do campo.

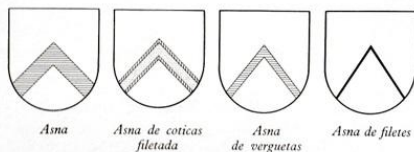
Quando a largura das pernas da *asna* é metade da indicada, pode-se-lhe chamar *asna de coticas* ou *cotica em asna*. Se a largura se reduz à quarta parte, pode-se-lhe chamar *vergueta em asna* ou *asna de verguetas*, e, se se reduz ainda a metade a *vergueta*, chama-se-lhe *asna de filetes*.

Estas sucessivas dimensões da largura dos móveis são aplicáveis a todos eles. Assim, a largura considerada normal ocupa 1/3 do campo; a *cotica* 1/6 do campo; a *vergueta* 1/12 do campo; o *filete* 1/24 do campo.

Se a redução é ainda feita para metade desta largura, chama-se *perfil* à figura resultante, mas estes não são usados como móveis independentes, servindo apenas para realçar os contornos de um móvel, que então se diz: *perfilado* de ...

Os extremos inferiores da *asna* ficam situados nos cantões inferiores do escudo, e a *ponta* deveria, portanto, tocar no centro do limite inferior do *chefe*. Admite, porém, bastantes variantes na sua figuração, e por isso se diz *abaixada* ou *alçada*, quando o vértice fica mais baixo ou mais alto do que a posição normal; *levantada*, quando a parte inferior fica acima do *contrachefe*.

T. H. P. chama *asna virada* ou *contra-asna* à que fica em posição inversa da normal, isto é, firmada nos cantos superiores do escudo e com a *ponta* para o *contrachefe* (os franceses chamam-lhe *chevron renversé*).



Podemos também chamar a *contra-asna elevada* ou *abaixada* conforme o seu vértice estiver mais alto ou mais baixo do que a posição normal.

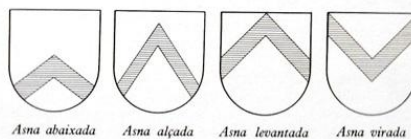
*Asna deitada* é a que fica firmada no lado dextro do escudo e com o vértice olhando para o lado sinistro; se tem a posição contrária a esta chama-se *asna deitada torcida*.

*Asna quebrada* é aquela que é formada de duas peças separadas. É necessário dizer o ponto onde a *asna* está quebrada.

*Asna partida* é uma variante da *asna quebrada* em que a *ponta* está fendida de forma que os dois lados se tocam apenas pelos seus ângulos internos.

A *asna* pode ser *lisa*, isto é, de um só esmalte, ou *carregada* de outras peças, ou *vazia*, quando através de uma abertura se vêem os esmaltes do escudo. Se a *asna* tem em ambos os bordos uma *cotica*, *filete*, ou *perfil* (de esmalte diferente) diz-se: *cotcada*, *fletada* ou *perfilada*.

Também se distinguem as *asnas* pela forma dos bordos, chamando-se *ameada* ou *bastilhada*, quando limitadas por linhas quebradas, formando ângulos rectos, semelhando a parte superior de um muro ameado; *cauda de pomba*, em que a linha de limite é quebrada, formando ângulos agudos e obtusos, alternadamente reentrantes e salientes, lembrando a forma da cauda de uma pomba;



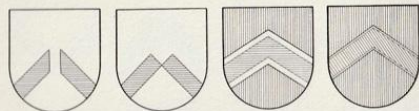


Contra-asna elevada    Contra-asna abaixada    Asna deitada    Asna deitada torcida

*çoçada* quando os limites são linhas quebradas, que formam alternadamente ângulos agudos e obtusos inclinados para o mesmo lado, lembrando a posição dos pêlos de um tecido gasto pelo uso; *endentada*, limitada por linhas quebradas, formando ângulos agudos; *ondeada*, quando é limitada por linhas curvas onduladas; *nublada*, quando limitada por linhas de dupla curvatura, alternadamente salientes e reentrantes, engranzando-se umas nas outras.

Dizem-se duas *asnas entrelaçadas*, uma asna e uma contra-asna que se cruzam, sobrepondo-se alternadamente.

Ainda, pela ornamentação dos braços, as asnas podem ser *escaqueadas*, *lisoadas*, *espinhosas*, etc. (ver estas palavras).

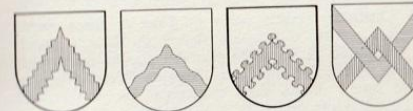


Asna quebrada em ponta    Asna partida    Asna coticada    Asna filetada

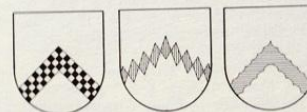
86



Asna perfilada    Asna ameada    Asna em cauda de pomba    Asna çoçada



Asna endentada    Asna ondeada    Asna nublada    Asnas entrelaçadas



Asna escaqueada    Asna lisoadada    Asna espinhosa

#### Aspa ou sautor

A *aspa firmada* é formada por uma banda e uma contrabanda que se apoiam nos quatro cantos do escudo e se cruzam no centro, pelo que pode ser considerada uma peça derivada.

87



Aspa firmada    Aspa coticada    Aspa filetada    Aspa perfilada

Chama-se também *sautor* ou *Cruz de Santo André*. Destes nomes, o primeiro deriva do francês *sautoir* e o segundo da forma da cruz em que foi martirizado Santo André. Por este facto, a aspa ou formas diminutas dela foram usadas para comemorar factos sucedidos no dia de Santo André, 30 de Novembro, e são frequentes na Heráldica escocesa, por ser Santo André o padroeiro da Escócia.

Frequentemente a aspa desenha-se mais estreita, já para tornar mais elegante o conjunto, já por necessidade de deixar maiores os espaços livres onde tenham de se desenharem alguns móveis.

Aos espaços livres do campo que, como se vê, são triangulares, chama António José Vaz Velho *campos* ou *quartéis*, nomes estes que nos parecem ambos impróprios.

Os heraldistas portugueses dizem, em regra: aspa de ... entre (2 ou 4 peças), o que nós julgamos perfeitamente claro.

A aspa pode ser *lisa*, isto é de um só esmalte; ter os bordos limitados por *coticas*, *filetes* ou *perfis* (de esmalte diferente), e diz-se *coticada*, *filetada* e *perfilada*.

Pode ser carregada de outras peças.

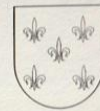
Se a aspa não é limitada por linhas rectas, pode ser: *ameada* ou *bastilhada*, *çoçada*, *endentada*, *ondeada* ou *nublada*.

88

Ainda pela sua ornamentação, a aspa pode ser *escaqueada*, *lisoadada*, *espinhosa*, etc. (ver estas palavras).

Tudo o que dissemos acerca da asna se aplica à aspa.

A palavra *aspa* ou *sautor* serve também para designar a posição em que os diferentes móveis, em regra iguais, são colocados no campo do escudo. É posição normal de cinco móveis, pelo que não é necessário indicá-la neste caso.



Móveis em sautor

#### Banda

Banda é uma peça honrosa que atravessa o escudo diagonalmente, do cantão dextro do chefe ao canto sinistro do contracheife. As suas dimensões são as das outras peças heráldicas, mas, também por isso, muitas vezes é desenhada de menor largura, para efeito de estética e melhor arrumação das peças no escudo.

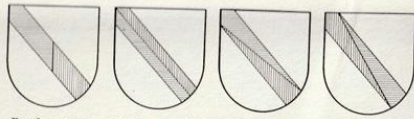
A banda estreita ou diminuta é chamada por alguns heraldistas *cótica*.

Também a banda pode ser limitada por linhas rectas, quebradas ou curvas.



Banda    Coticas em banda    Banda de bordos quebrados

89



Banda partida Banda truncada Banda talhada Banda fendida

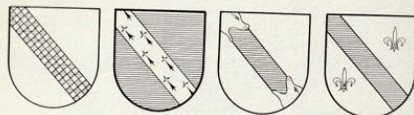
A banda pode ser lisa, de mais de um esmalte, ou carregada de uma ou mais peças.

Se a banda é dividida ao meio, no sentido do comprimento, sendo as duas partes de esmalte diverso, diz-se *partida*; se é dividida ao meio, no sentido da largura, diz-se *truncada* ou *cortada*; se, finalmente, é dividida por uma linha diagonal pode-se dizer *talhada* ou *fendida*, conforme a posição da linha divisória.

A banda não lisa diz-se, conforme as partes que a compõem: *enxaquetada*, de *arminhos*, *filetada*, *veirada*, etc.

Muitas vezes a banda é *engolida*, isto é, sai da boca de duas cabeças de animais (ordinariamente dragões ou serpes) que ocupam os cantos do escudo.

Também se usa a palavra *banda* para indicar a posição de vários móveis no escudo.



Banda enxaquetada Banda arminhada Banda engolida Banda entre dois móveis

90

Frequentemente, no campo do escudo figuram móveis por cima e por baixo da banda e, nesse caso, é costume dizer-se que a banda está entre ...

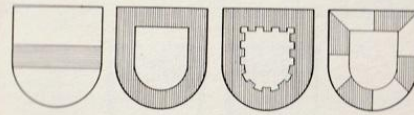
#### Barra ou contrabanda

A *barra* ou *contrabanda* é uma peça heráldica que corta o escudo em diagonal, do canto sinistro do chefe para o canto dextro do contrachefe.

Tudo o que dissemos acerca da banda se aplica à barra ou contrabanda, sendo apenas de acrescentar que o filete negro, em contrabanda, aplicado a quaisquer armas significa bastardia; deve ser sobreposto a todas as peças que figuram no escudo.

#### Bordadura

*Bordadura* é uma peça heráldica que garante todo o contorno do escudo e, interiormente, é limitada por uma linha paralela a ele ou por linhas quebradas ou curvas



Barra Bordadura limitada por linhas rectas Bordadura limitada por linhas quebradas (ou ameadas) Bordadura gironada

91

que acompanham essa linha ideal; a sua largura é um sexto do campo do escudo, sem dúvida a fim de que este não fique excessivamente reduzido.

Tudo o que dissemos acima sobre as outras peças heráldicas é aplicável à bordadura, havendo apenas a acrescentar que ela pode ser dividida em *pala*, *esquartelada* ou *gironada*, além das outras divisões que indicámos anteriormente.

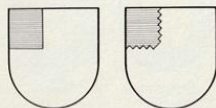
Por vezes, nos escudos divididos, a bordadura era arbitrariamente estendida de uma divisão, onde devia figurar, a outra, a que não competia. Esta forma de brasonar, evidentemente errada, era devida, sem dúvida, ao desejo de equilibrar o desenho.

Também, outras vezes e pelo mesmo motivo, se suprimiam bordaduras que deviam figurar em certos quartéis, o que não é menos erróneo. As bordaduras foram, por vezes, usadas como diferenças, para distinguir do chefe de família outras pessoas a ela pertencentes.

#### Cantão

É uma peça heráldica que ocupa um cantão do escudo, mas na prática é sempre o cantão dextro do chefe.

É, muitas vezes, usado como acrescentamento das armas, e por esse facto deve ser sobreposta a qualquer



Cantão Cantão dentado

92

peça. Nesse caso, segundo vários heraldistas, não fica sujeito à regra que proíbe cor sobre cor ou metal sobre metal.

O cantão colocado à sinistra é, em algumas armarias, sinal de bastardia.

Pode ser *liso* ou de mais de um esmalte, *carregado* de uma ou mais peças e há, pelo menos, um exemplo de um cantão *endentado*.

#### Chefe

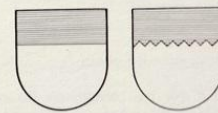
Já definimos o que era chefe do escudo, mas a peça chamada *chefe*, que é limitada em cima pelo bordo superior do escudo, não tem, muitas vezes, as dimensões do chefe do escudo, para facilitar o desenho deste.

O limite inferior pode não ser recto, tendo todas as formas que indicámos anteriormente.

O chefe, em regra, é sobreposto à bordadura e orla, excepto se esta foi acrescentada ao escudo posteriormente.

Na armaria inglesa o chefe não pode ser diminuído, mas o mesmo não acontece entre nós e nas armarias espanhola e francesa.

Este chefe diminuto, que os espanhóis chamam *chefe estreito*, tem aproximadamente um sexto da altura



Chefe Chefe dentado

93



Cruz firmada



Cruz doble

**Cruz firmada**

Resulta da combinação de uma faixa e de uma pala do mesmo esmalte, que se cruzam no centro do escudo.

Se é a única peça que figura no escudo, deve ter as dimensões normais; quando, porém, no escudo figuram outras peças, convém desenhá-la com menores dimensões.

Nos espaços que a cruz deixa livres no campo do escudo, a que se dá o nome de *cantões*, podem figurar outras peças; diz-se então que a cruz é cantonada de ...

Quando a cruz tem quatro braços (cruz episcopal), chama-se *cruz doble*.

A cruz pode ser *lisa*, *carregada* ou *vazia*.

A cruz, como as outras peças de que temos falado, pode ser limitada por linhas não rectas. Também pode ser limitada por coticas ou filetes de outro esmalte, sendo então chamada *coticada* ou *filetada*.



Cruz coticada

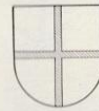


Cruz filetada

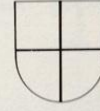
Se a cruz é de metade da largura da que é indicada, chama-se *cruz estreita* ou *cruz de verguetas firmada* e se a dimensão é ainda menor, teoricamente um oitavo da largura, *cruz de filetes firmada*.

As cruzes firmadas têm aspectos muito diferentes e podem ser indicativas de Ordens militares ou religiosas. Algumas formas de cruz não podem ser firmadas, mas parece-nos exagero dizer que só a cruz simples o pode ser, visto que o apoio nos bordos do escudo se pode fazer por extremo terminado em ponta.

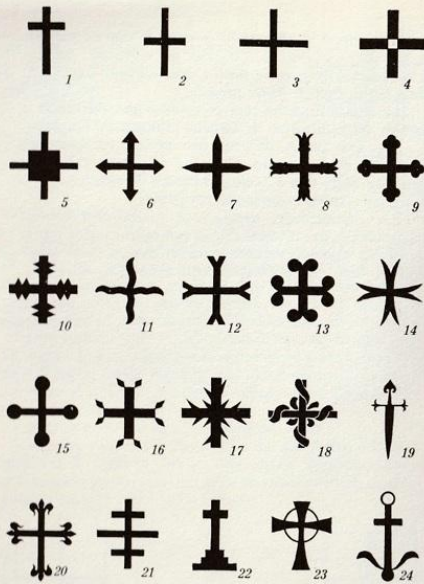
Por simplicidade, pareceu-nos preferível substituir as descrições das diversas cruzes por outras tantas representações gráficas, embora estes diferentes tipos sejam muitas vezes só aplicáveis a cruzes não firmadas.



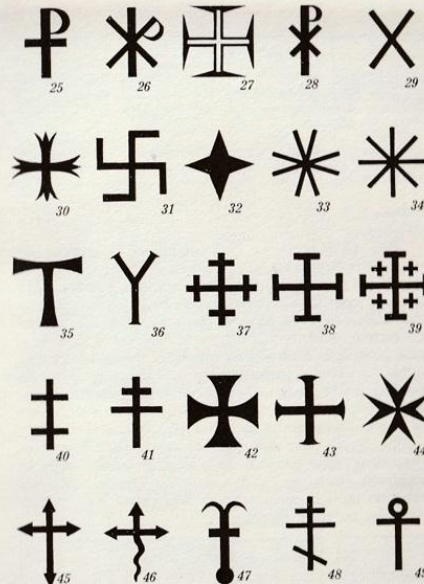
Cruz de verguetas firmada



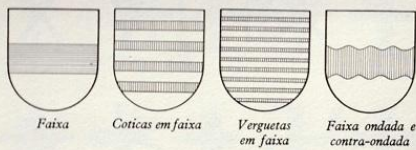
Cruz de filetes firmada



CRUZ: 1-Latina, 2-Latina immissa, 3-Grega, 4-Grega aberta no centro, 5-Enquadrada, 6-Lancelotada, 7-Açuçada, 8-Flor-de-lisada, 9-Trecada, 10-Granada, 11-Índia, 12-Forghada, 13-Resarcelada, 14-de Molina, 15-Pomeada, 16-de Vid, 17-Espinhosa, 18-Espiral, 19-de Santiago, 20-de Calatrava ou Alcântara, 21-das Catacumbas, 22-de Calvário, 23-de Calte, 24-de Ancora



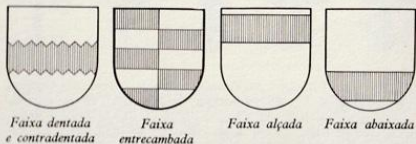
CRUZ: 25-Crismon, 26-Crismon, 27-de Cristo, 28-Crismon, 29-de Santo André, 30-Florenciada, 31-Gamada, 32-Pontaguada, 33-Rasgada, 34-Rodeada, 35-de Tau, 36-de Tau bifida, 37-Recruzada, 38-Potétea, 39-do Santo Sepulcro, 40-de Lorena, 41-Patriarcal, 42-Pâtea, 43-Pâtea, 44-de Malta, 45-Apontada, 46-de Sobrarbe, 47-de Ancora, 48-Russa, 49-Egípcia



### Faixa

Esta peça atravessa horizontalmente o escudo, de um a outro flanco, sendo este, portanto, limitado por duas linhas paralelas ao chefe, cujo intervalo é preenchido por um esmalte diferente do campo. Teoricamente, a sua dimensão deve ser um terço da altura do campo do escudo, ocupando, pois, os três pontos 4, 5 e 6, e esta proporção é respeitada quando é a única peça que figura no escudo, como acontece em armas antigas e de famílias muito ilustres. Quando, porém, a faixa é acompanhada por outras peças, a sua altura é reduzida, como já notámos a propósito de outras peças.

Há escudos em que figuram diferentes faixas, forçosamente mais estreitas do que as isoladas, e que se chamam: *coticas em faixa*, *verguetas em faixa*, ou *faxetas* etc.; no mesmo escudo não podem entrar mais de seis daquelas ou treze destas.



100

Os limites das faixas podem não ser rectos, como já dissemos acerca das outras peças, existindo assim *faixas onduladas*, *dentadas*, etc.

Quando o escudo é dividido por um traço vertical (embora não partido) de forma que as faixas de um lado correspondem aos espaços livres do campo do outro lado, dizem-se as faixas *entrecambadas*.

Como as outras peças, as faixas podem ser *lisas* ou de diferentes esmaltes (*arminhadas*, *veiradas*, *enxaquetadas*, etc.) ou ainda carregadas de outras peças.

Também podem as faixas ser: *coticadas*, *filetadas*, etc. Diz-se a faixa *alçada* quando está mais próxima do limite superior do escudo.

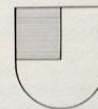
Diz-se faixa *baixada* no caso contrário, isto é, quando está mais próxima da ponta do escudo.

De forma geral, aplicam-se à faixa todas as observações que se fizeram para outras peças.

### Franco-cantão

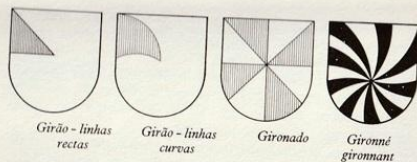
Franco-cantão é uma peça que ocupa o cantão dextro do chefe; alguns armaristas dão-lhe maiores dimensões, fazendo-o igual à quarta parte do campo do escudo; também certos heraldistas admitem que o franco-cantão pode estar no cantão sinistro do chefe, mas nesse caso tem de se indicar a posição, e outros distinguem franco-quartel do franco-cantão de menores dimensões; assim se diz na armaria francesa.

Obedece às regras gerais da Heráldica, podendo ser liso ou de mais de um esmalte, e carregado de uma ou mais peças. Sobrepõe-se à banda, à bordadura e à orla.



Franco-cantão

101



### Girão

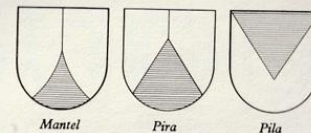
Esta palavra, provavelmente de origem espanhola, significa a metade inferior de um franco-cantão dividido em banda. Como já antes dissemos, é frequente um escudo ser dividido de maneira a ficar constituído por diferentes peças triangulares, em posições diversas, tendo um vértice comum no centro do escudo, mas, embora este escudo se diga *gironado*, essas peças não devem ser chamadas *girões*, visto que só uma delas tem a posição do verdadeiro girão, isto é, tendo um dos lados apoiado no flanco dextro do escudo e o ângulo superior no canto dextro do chefe; o mesmo devíamos dizer se o girão fosse a metade do franco quartel.

O girão pode ser limitado por linhas curvas, e nesse caso o escudo assim dividido chama-se, em francês, *gironné gironmant*.

### Mantel ou mantelete

É uma peça que ocupa a zona que nos escudos mantelados fica na parte inferior do escudo. Deve, pois, ser limitada por duas linhas curvas que, partindo aproximadamente dos ângulos inferiores, se reúnem no centro

102



do escudo, e o seu nome provém da semelhança desta figura com a parte que fica livre entre os dois lados de um manto aberto em baixo. Todavia, nem sempre a forma com que se desenha o mantel é rigorosamente esta. Na Heráldica espanhola existe uma peça chamada *pira* ou *punta*, que se assemelha ao mantel, mas é limitada por linhas rectas e cuja ponta atinge o chefe do escudo.

Também na mesma Heráldica se chama *pila* a uma peça semelhante a esta, mas na posição contrária, isto é, tendo a base do triângulo no limite superior do escudo.

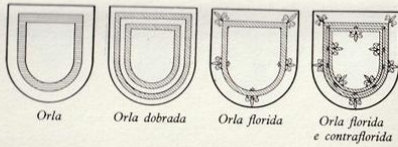
As linhas que limitam estas peças podem não ser rectas e terem as formas que já dissemos acerca de outras peças.

### Orla

É uma peça semelhante na forma à bordadura, mas que não atinge os extremos do escudo, ficando, em regra, afastada deles por um espaço igual à própria bordadura.

A orla pode ser *simples* ou *dobrada*; no segundo caso, podemos, por vezes, considerá-la como uma orla vazia do campo. Esta peça é muito frequente na armaria escocesa, mas rara na inglesa. Também existe nas armarias francesa e espanhola, onde lhe deram o nome de *trechor*,

103



certamente derivado do francês *trescheur*, donde também derivou provavelmente o inglês *tresure*.

Na armaria escocesa aparece *florida* e *contraflorida* e é considerada a mais ilustre das orlas; com este aspecto figura nas armas da Escócia.

No francês antigo, chamavam-lhe *essonier*.

#### Pala

A pala é uma peça limitada por duas linhas verticais desde a parte superior à parte inferior do escudo. A sua largura, quando no escudo não figura nenhuma outra peça, é um terço da largura do campo.

Não é frequente na armaria portuguesa, e obedece às mesmas regras que tantas vezes temos indicado para as outras peças e, como elas, pode ser de um ou mais esmaltes, coticada, carregada de outras peças, etc.

A pala mais estreita chama-se *cotica em pala*, *vergueta em pala*, etc.

No mesmo escudo não devem figurar mais de sete palas. Os intervalos entre elas são iguais às larguras das palas.

O escudo pode ser cortado, ficando entrecambadas as palas da parte superior e da inferior. A este tipo de

104

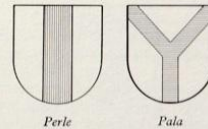
escudo dão algumas armarias o nome de *palado* e *contrapalado*.

#### Perle

Esta palavra não tem sido usada pelos heraldistas portugueses, talvez porque esta peça não figura na Heráldica nacional; todavia, referem-se-lhe António José Vaz Velho e Santos Ferreira. Pode definir-se como sendo constituída pela combinação da metade inferior de uma pala e a metade superior de uma aspa, apresentando a forma de um Y.

Pode dizer-se que a perle resulta da combinação de uma contra-asna com meia-pala do mesmo esmalte.

Deriva provavelmente do pálio eclesiástico. Só é frequente, que saibamos, na armaria escocesa. As suas dimensões são, normalmente, menores do que as das outras peças fundamentais, porque a perle é quase sempre acompanhada por outras peças. A mesma palavra serve a muitos armaristas para designar uma divisão do escudo (*terciado em perle*) ou a posição de peças no campo do escudo, que têm de ser quatro, duas nos cantões do chefe, uma no centro e outra inferiormente a esta, em pala. Esta disposição é relativamente vulgar em armas alemãs.



105

#### Ponta

Já dissemos que em português é sinónimo de *contra-chefe*, sendo portanto necessário distinguir esta peça daquela a que os Espanhóis chamam *punta*, e a que já nos referimos. A palavra serve também para designar a posição de um móvel.



Ponta

#### Tau

É combinação de um chefe com uma pala do mesmo esmalte. Chama-se Cruz de Santo Antão, porque os cônegos de Santo Antão usavam *hábito negro*, com um T, de azul, no peito.

Os heraldistas portugueses chamam ao *tau* Cruz de Santo António, evidentemente por má tradução do francês.



Tau

106

#### Peças diminutas

Sob o nome de peças diminutas incluímos todas aquelas de dimensões menores do que as peças fundamentais.

Há peças diminutas que são semelhantes às peças fundamentais, distinguindo-se apenas pelas menores dimensões; por vezes têm nome especial.

Podem ser reduzidas só na largura ou também na extensão. Desenham-se com metade ou menos da largura das peças fundamentais, quando são firmadas como elas. No caso de não terem comprimento que permita firmá-las, as suas dimensões são uma questão de gosto artístico.

Também há peças diminutas que se não aparentam com as peças fundamentais.

São consideradas peças diminutas, por ordem alfabética: a *arruela*, a *asna diminuta*, a *aspa diminuta*, o *bastão*, o *besante*, a *bilheta*, a *burela*, o *canto*, a *cotica*, a *crúz diminuta* ou *cruzeta*, a *divisa*, os *escaques*, o *escudete*, o *filete*, o *fuso* ou *fusela*, a *lisonja*, o *mantetele*, a *memória* ou *anelete*, o *perfil*, a *rótula* ou *gelosia*, o *xadrez*.

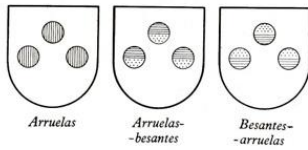
Há ainda duas peças que podem ser consideradas diminutas: a *brica*, e o *lambel* ou *banco de pinchar*, mas, por serem apenas empregadas como diferença, trataremos delas separadamente.

#### Arruela

É uma peça de forma circular, sempre de cor e nunca de metal, de esmalte diferente do campo do escudo ou da peça que dela está carregada.

As suas dimensões são determinadas pelos tratadistas. T. H. P. quer que, quando figura uma só arruela no escudo, a sua largura regule por 2/3 da largura deste.

107



Arruelas Arruelas-besantes Besantes-arruelas

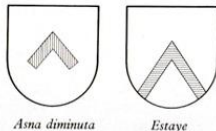
Quando forem em maior número, o seu diâmetro tem de ser menor e convém proporcioná-lo ao espaço sobre o qual são representadas.

Uma peça da mesma forma, mas de metal, chama-se *besante*, como adiante diremos, e, quando é partida, cortada, fendida ou talhada, metade de cor e metade de metal, chama-se *arruela-besante*; se dividida de metal e cor, chama-se *besante-arruela*.

As arruelas podem ser carregadas de faixas, palas, bandas, mas nunca de outra arruela.

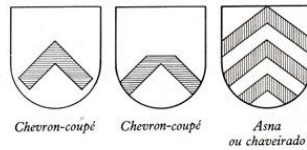
Entre nós, nas armas dos Ferrões aparecem as arruelas acrescentadas com um ferrão apontado para baixo.

Alguns heraldistas chamam a esta peça *tortao* ou *tortão*, palavra derivada do seu nome francês, *tourteau*.



Asna diminuta Estaye

108



Chevron-coupé Chevron-coupé Asna ou chaveirado

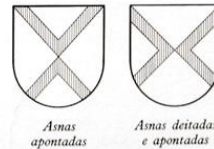
#### Asna diminuta

Asna diminuta é uma asna mais estreita do que a normal, em regra, metade da sua largura.

Esta asna pode tocar só nos cantos inferiores do escudo (chama-se então em Espanha *estaye*) ou não atingir os bordos do escudo (em francês chama-se *chevron coupé*); outros definem o *estaye* como sendo uma asna que tem apenas um terço da largura normal.

A que tem menos de metade da largura normal chama-se *asna de coticas firmada*, se fica reduzida a um quarto, *asna de verguetas firmada*, e se a um oitavo, *asna de filetes firmada*.

Quando no campo do escudo figuram duas ou mais asnas, que são evidentemente diminutas, indica-se-lhes o número, mas se este for igual ao dos espaços livres do campo diz-se que o escudo é *asnado* ou *chaveirado*.



Asnas apontadas Asnas deitadas e apontadas

109

*Asnas apontadas* são uma asna e uma contra-asna que se tocam no centro do escudo; é, evidentemente, necessário que sejam diminutas, abaixada a asna e elevada a contra-asna.

*Asna deitada e apontada* são duas: uma deitada e outra deitada torcida, cujas pontas se tocam; também devem ser diminutas.

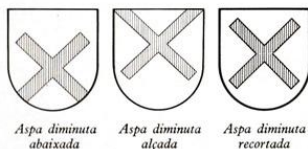
Tudo o que dissemos sobre esmaltes, limites, etc. da asna se aplica às-asnas diminutas.

#### Aspa diminuta

A aspa diminuta tem uma largura bastante inferior à normal e, por vezes, não toca nos bordos do escudo.

Quando a aspa é da largura de metade da normal, chama-se *aspa de coticas firmada*. Quando fica reduzida a um quarto, *aspa de verguetas* (em francês: *flanchis*, em espanhol: *flanquis*); e se é de um oitavo apenas, *aspa de filetes*.

A *aspa* mais curta, e que, portanto, não é firmada, chama-se *abaixada*, se não toca nos cantos do chefe; *levantada* ou *alçada*, se não toca nos cantos do contrachefe; *diminuta* ou *recortada*, se não toca nem nuns nem noutros.



Aspa diminuta abaixada Aspa diminuta alçada Aspa diminuta recortada

110

Tudo o que dissemos sobre esmaltes, limites, etc. da aspa se aplica às aspas diminutas.

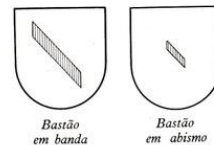
#### Bastão

Segundo parece, originariamente, o bastão seria uma banda muito diminuída na largura, aproximadamente uma terça parte da normal, e muitas vezes encurtada. Todavia, por vezes, toca os limites do escudo, ficando então *brocante* sobre o todo. A este bastão chamam os Italianos *bastone posto in banda* (que assim será sinónimo de cotica), mas, a maioria das armarias reservam o nome de bastão a uma cotica encurtada, isto é, que não atinge os bordos do escudo.

Vários autores aceitam para o bastão posições diferentes da banda e da contrabanda, chamando-lhe *bastão em pala*, *em faixa*, etc.

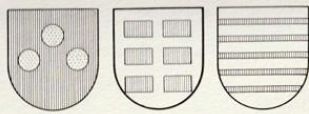
Este bastão curto em banda tem sido usado para distinguir ramos de famílias, em Espanha, por exemplo.

T. H. P. chama *bastão cortado em abismo* àquele cujo comprimento é muito reduzido e colocado no centro do escudo. Na armaria francesa é chamado *baton pèri* ou *perisant*; os Espanhóis adoptaram a primeira designação, alterando a ortografia para *pery*; também lhe chamam *traversa*.



Bastão em banda Bastão em abismo

111



Besantes

Bilhetas

Burelas

#### Besante

O besante é uma peça circular semelhante, na forma, à arruela, mas que é sempre de metal.

No artigo arruela já tratámos das combinações do besante com a arruela.

O escudo onde figuram besantes em grande número chama-se *besantado*. Quando esse número é indeterminado, pode dizer-se *semeado de besantes*.

O besante pode ser carregado de várias peças, evidentemente de cor, e pode, por sua vez, carregar peças de maiores dimensões.

#### Bilheta

Bilheta é uma peça rectangular, em regra mais alta do que larga; algumas vezes, porém, tem a disposição contrária, dizendo-se então que está *deitada*.

Pode ser de cor, de metal ou de ferro, embora se diga que a sua origem provém de pequenos bocados de tecido que serviam para ornamentar os vestidos.

Alguns autores admitem que as bilhetas podem ser *abertas*, o que é duvidoso, mas é certo que podem ser *carregadas* por outra peça. Em certas heráldicas estrangeiras os ângulos das bilhetas podem ser substituídos por curvas.

112

Segundo Fox Davies, a bilheta é uma peça bastante pouco vulgar para não se admitirem as expressões *bilhetado* ou *semeado de bilhetas*.

#### Burela

Burela é uma faixa estreita que, segundo Palliot, deve ter a sexta parte da largura normal da faixa, ou seja, metade da largura da *divisa*. Certos autores, porém, só chamam *burelas* às faixas mais estreitas, quando figuram em número de quatro, pelo menos.

Heraldistas franceses consideram *burela* sinónimo de *triangle*. António Manno diz achar inútil o uso dos termos *burela* e *burelado*, porque é certo e natural que, se o escudo contém um certo número de faixas, estas devam reduzir-se a proporções adaptadas para ficarem bem no campo do escudo. O mesmo se pode dizer de *cotica* e *coticado*, tal como de *triangle*, *traversa*, etc.

#### Canto

O canto é formado por duas linhas rectas saindo das extremidades inferiores do contrachefe e que se encon-



Canto

Canto ameadado

113

tram no meio do escudo, abaixo do chefe. Formam, assim, um triângulo que pode ser rectângulo ou não, conforme o gosto dos desenhadores. *T. H. P.* quer que, quando este triângulo é rectângulo, se chame *canto de esquadria*.

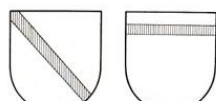
O bordo do canto pode ser ameadado.

#### Cotica

Esta palavra provém do francês *cotice*, designação adoptada em muitas línguas: em inglês *cotise*; em espanhol *cotiza*; em italiano *cotissa*. Parece que a primeira pessoa que usou esta palavra em português foi Francisco Xavier da Serra Craesbeck.

A palavra *cotice* deriva do baixo latim — *coticium* — «túnica», diminutivo de «cota» e, segundo Littré, é o nome dado às bandas que se acompanham e que só tomam este nome quando são de número superior a oito. Todavia, os heraldistas franceses definem mais simplesmente as coticas como sendo bandas mais estreitas do que as ordinárias, mas também não são unânimes na descrição destas peças. Enquanto uns admitem que desde que haja quatro bandas se devem chamar coticas, outros só dão esse nome às bandas estreitas quando são em número superior a quatro.

A propósito da origem da palavra, observaremos que parece um pouco arbitrária a relação das coticas com uma



Cotica

Cotica em chefe

114

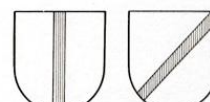
túnica, podendo, quando muito, admitir-se que elas indiquem a orla de uma túnica. Como, porém, de momento, não nos é possível a consulta do único exemplar da edição completa do *Dicionário* de Littré, existente em Lisboa, não nos podemos pronunciar sobre os textos em que ele, certamente, apoia a sua definição.

Certos heraldistas chamam às coticas, quando acompanham uma banda, *bastões e filetes*. A opinião dos heraldistas portugueses sobre coticas não é unânime; a maioria segue algumas das opiniões dos heraldistas franceses, mas *T. H. P.* entende que cotica é uma peça diminuta correspondente a qualquer das peças ordinárias sob o ponto de vista da posição, com largura não superior a metade delas e com a obrigação de tocar, como elas, os extremos do escudo, e por isso diz: *cotica em chefe*, *em pala*, etc., conforme a sua posição.

Esta noção de cotica não é admitida pela maior parte dos heraldistas, mas Fox Davies diz que a cotica não pode existir só e não tem por si própria posição nem direcção, encontrando-se apenas a acompanhar uma das peças fundamentais.

O próprio Craesbeck fala de *coticas em pala*, expressão que não se coaduna com a definição que ele dá de cotica.

A cotica em contrabanda é chamada *contracotica* e, com esse nome ou com o de filete em contrabanda, é um sinal de bastardia.



Cotica em pala

Contracotica

115

De acordo com a maioria dos autores usaremos a palavra *cotica* no seu sentido restrito, banda estreita e acompanhada. Nos raros casos em que um autor indique a *cotica* como peça diminuta independente e em posição diversa da normal, referiremos essa irregularidade.

#### Cruz diminuta

A cruz diminuta é semelhante à cruz firmada, divergindo apenas nas dimensões, isto é, na largura ou no comprimento.

Tal como a cruz, pode ter formas muito diferentes e também ser limitada por contornos muito variados. Aliás, tudo o que dissemos acerca das cruzes firmadas é aplicável às cruzes diminutas.

#### Divisa

Divisa é uma faixa reduzida a metade da largura normal.

#### Escaques

Chama-se *escaques* aos pequenos quadrados ou retângulos formados pela divisão do escudo, pelo cruzamento de linhas em pala e em faixa. Portanto, mais do que peças podem ser consideradas como divisões do escudo, mas também se pode considerar o campo como coberto de peças de forma e dimensões iguais às dos espaços que ficam livres.

116

O número de peças em faixa pode ser ou não igual ao das peças em pala, mas não pode ser inferior a três em qualquer dos sentidos.

Os Franceses, Espanhóis e Italianos, quando o escudo é dividido por dois traços em pala e dois em faixa, chamam aos escaques *pontos equipolentes*, pois que cada um deles é igual a um dos pontos do escudo, e são forçosamente quatro de um metal e cinco de uma cor, ou vice-versa.

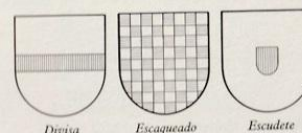
Quando os escaques são em número de quinze, chamam-lhe os Italianos *ponti di scacchiere* (3, 3, 3, 3, e 3).

#### Escudete

Escudete é uma peça de feição do escudo, mas de menores dimensões. Habitualmente, coloca-se em abismo mas, por vezes, é colocado no ponto de honra.

O escudete é sempre sobreposto às peças que figuram no escudo.

Pode representar uma família que o heraldista considerou superior às outras que figuram no escudo, ou um acrescentamento que por honra especial foi concedido a um ramo da família cujas armas estão representadas.



Divisa

Escaqueado

Escudete

117

No caso de armas de domínio significa, em regra, a aquisição de novo território, aquisição por vezes meramente teórica.

Quando o escudete em abismo é carregado de outro, chama-se, o primeiro, escudete médio, e o segundo, na Itália, escudete do coração.

#### Filete

Nome que se dá a qualquer peça quando a largura é reduzida ao mínimo. Habitualmente acompanha os bordos da peça principal, que então se diz *filetada de ...*

#### Fuso

Fuso é uma peça semelhante à lisonja, mas mais estreita.

Os fusos são, em regra, colocados uns ao lado dos outros, em faixa ou em banda. Excepcionalmente figura um só no campo do escudo.

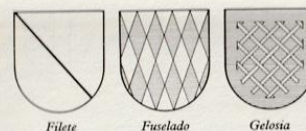
T. H. P. chama *fusada* a uma série de fusos colocados lado a lado.

Quando o campo do escudo é constituído por fusos, diz-se *fuselado*, mas quando os fusos são colocados no sentido da banda, diz-se *fuselado em banda*.

#### Gelosia

Ver «Rótula».

118



Filete

Fuselado

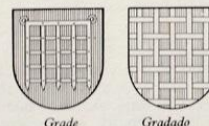
Gelosia

#### Grade

A grade difere da gelosia porque os elementos que a compõem se cruzam em ângulo recto e são dispostos em pala e em faixa. Pelo menos na Heráldica inglesa, um movente constituído desta forma tem o nome de *rastrilho*.

Se a grade preenche até aos extremos o campo do escudo, diz-se este *gradado*.

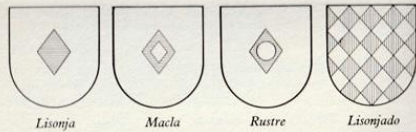
Quando a grade é figurada com pregos de diferente esmalte diz-se: *pregada de ...*; o mesmo se aplica ao *rastrilho*.



Grade

Gradado

119



#### Lisonja

Peça diminuta com a forma de um losango, mas com ângulos menos agudos do que o fuso. Em regra, representa-se com a maior dimensão em pala, quando no escudo há uma só lisonja, mas também aparece deitada, pelo menos em Heráldicas estrangeiras.

Quando no escudo figuram várias lisonjas, podem ser colocadas em pala, em faixa, em banda, em contrabanda e em cruz.

Podem ser de um só esmalte ou de vários e ser carregadas de outras peças.

A lisonja vazia chama-se *macla* e, quando o vazio é de forma circular e bastante pequeno, chama-se *rustre*. Estes nomes derivam da Heráldica francesa.

Quando uma série de lisonjas enchem o campo do escudo, diz-se este *lisonjado*.

#### Mantel

É a parte superior do escudo mantelado, mas também se dá o mesmo nome a um pequeno véu de um só esmalte, que pende do virol do elmo quando se não usa paquife; para este sentido de mantel, ver «ornatos exteriores».

120

#### Memória ou anelete

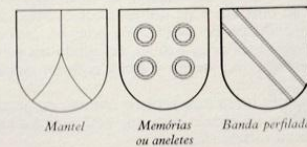
Chama-se *memória* ou *anelete* a uma peça, na maioria dos casos de metal, que é um besante vazio.

Os heraldistas recordam a propósito do anelete que já entre os Romanos era um símbolo de nobreza, exclusivamente usado pela ordem equestre, a qual, nos últimos tempos da república, tinha tomado o principal papel nos negócios públicos, embora os seus membros não fossem de origem patricia.

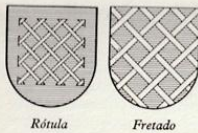
Ainda hoje nas Olimpíadas se concede a insígnia dos três anéis aos concorrentes que nelas mais se distinguiram, e é sabido que nas Olimpíadas não são admitidos profissionais.

#### Perfil

É assim chamado o traçado dos limites das peças, quer firmadas quer diminutas, porque quando se trata de representações de figuras reais estas são, em regra, vistas de perfil. Por isso, quando o contorno das peças é acentuado por uma estreita zona (normalmente para se separar uma peça e o campo, ambos de cor ou metal) diz-se que a peça é perfilada de ...



121



#### Rótula ou gelosia

É o nome que se dá ao cruzamento de coticas, vergetas, ou filetes cruzados, uns em banda e outros em contrabanda, deixando entre si espaços, como losangos, mostrando o campo.

Se a *rótula* ou *gelosia* ocupa o campo até aos extremos, chama-se o escudo *fretado*, e *fretes* às partes que compõem a *rótula* ou *gelosia*. Se esta figura com pregos de diferente esmalte diz-se *pregada de ...*

#### Xadrez

Chama-se *xadrez* ao conjunto de quadrados alternadamente de uma cor e de um metal que podem ou não preencher o campo do escudo. No primeiro caso diz-se o *escudo xadrezado de ... e de ...*, indicando em primeiro lugar o esmalte que ocupa o canto superior dextro do escudo.

Diferem os heraldistas sobre o número de peças que devem figurar no escudo para que este se possa chamar *xadrezado* ou *escaqueado*.

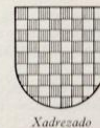
122

Como já dissemos, o número dessas peças pode ser igual ou diferente, em pala e em faixa. Sendo normalmente o escudo desenhado com maior altura do que largura, quando o número for igual, as peças que compõem o *xadrez* em vez de quadradas serão rectangulares.

#### Peças derivadas

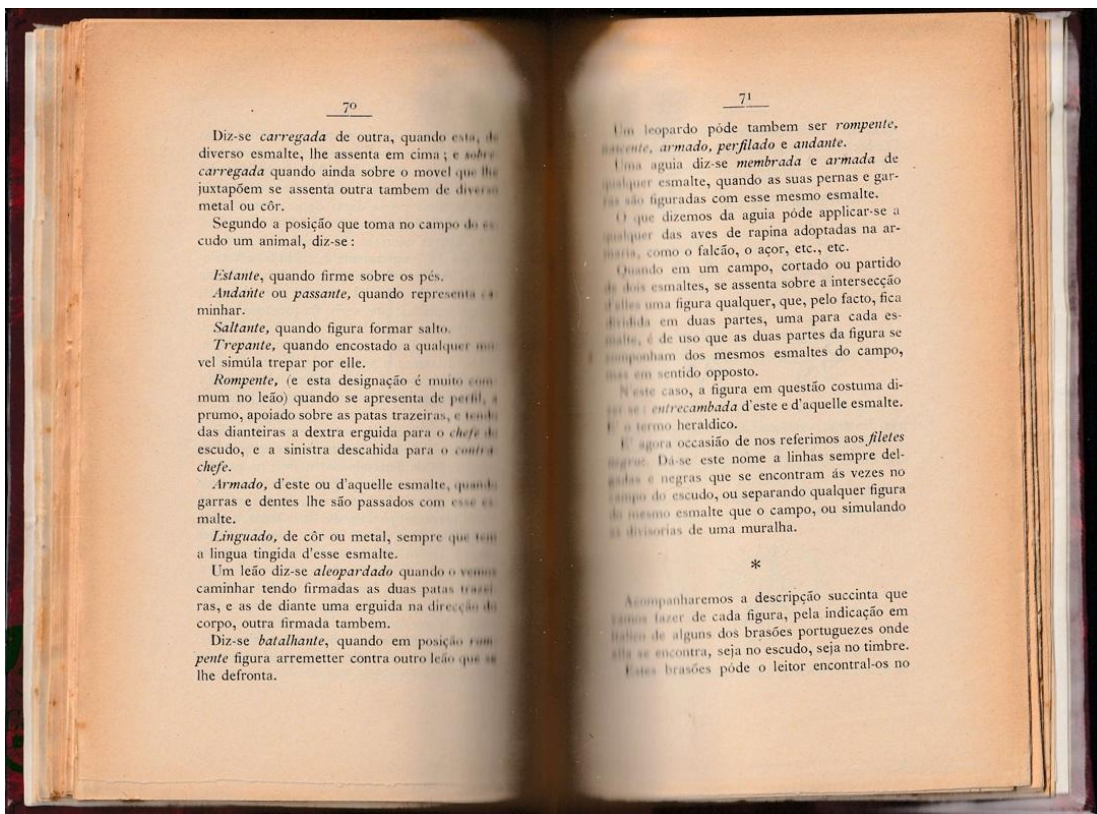
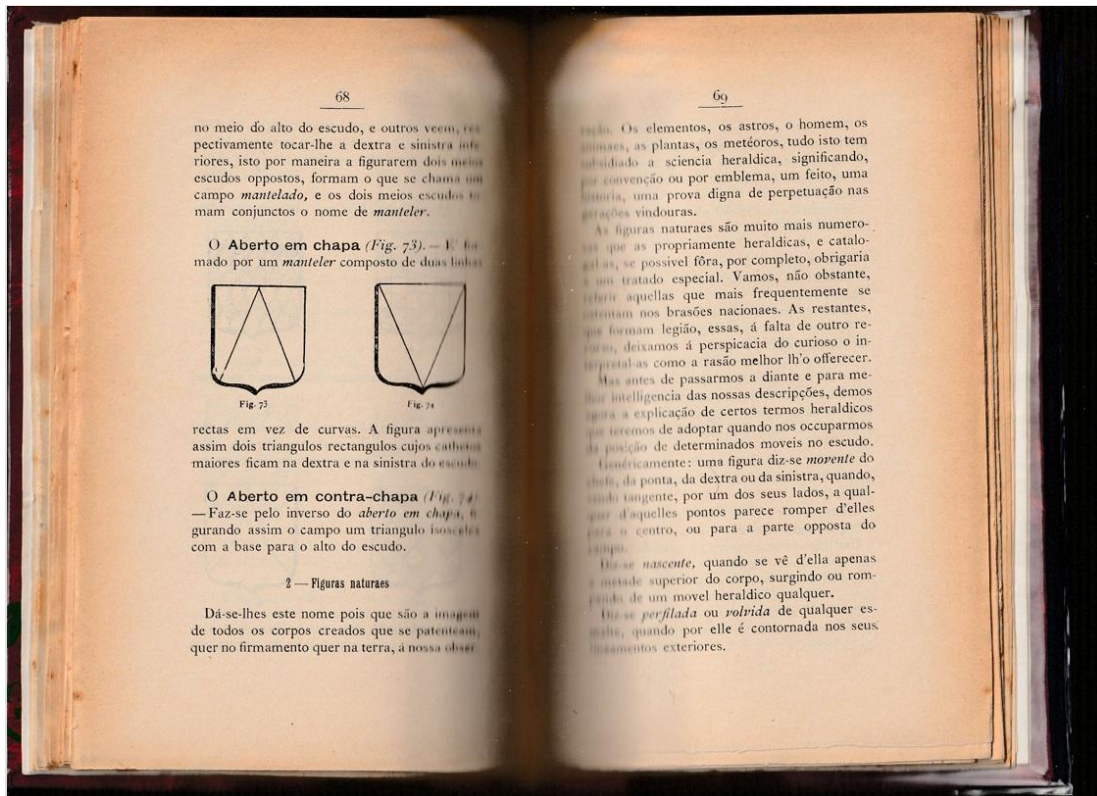
As *peças derivadas* são as que resultam da combinação de duas ou mais peças fundamentais ou diminutas, mas também se incluem neste número peças que são inteiramente novas, e sem relação com as anteriores, como *arruelas*, *besantes*, *bilhetas*, *fretes*, *fuselas*, *lisonjas* e *memórias*.

Como já falámos de todas elas, nada mais temos a dizer sobre este assunto. Além de tudo, muitas das peças fundamentais podem derivar da combinação de outras.



123

Anexo B: Excertos do Livro “Tratado de Armaria” de J.A. Corrêa Leite Ribeiro de 1907. (Ribeiro, 1907).



acurado e excellente livro do Sr. Brancaamp Freire: *Os Brasões da Sala de Cintra*, e em outras obras de genealogia nacionaes.

As **Estrellas** (Fig. 75). — Quando se lhes

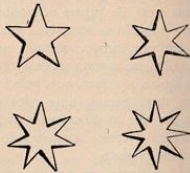


Fig. 75

não designa o numero dos raios, entendem-se ordinariamente de cinco. Ha as tambem de seis, sete e oito. (*Barbudo, Carvalho, Arrêllo*).

O **Sol** (Fig. 76). — Figura-se pela expressão que o vulgo lhe dá: um círculo com olhos, na



Fig. 76

riz e bocca. Tem dezeseis raios: oito hirtos e

oito serpeados, alternadamente. Diz-se nascente, quando contiguo ao angulo dextro do chefe; e



Fig. 77

ponente quando ao sinistro. Representa a luz, a gloria, o oriente, as victorias da cruz. (*Fragoso, Ortiç*).

O **Crescente** (Fig. 77). — De ordinario figura-se com as pontas para cima. Quando no sentido contrario, ou quando voltadas para a dextra e sinistra do escudo, é força que isso se indique. (*Pinto Alpoim, Amaral, Padilha*).

Frequentes vezes encontramos uma figura composta de quatro crescentes, todos unidos



Fig. 78

pelas pontas, e formando umas vezes cruz e outras aspa. E' o que em armaria se chama uma

caderna. Note-se que quando a caderna se apresenta em aspa, é preciso designal-a. (Fig. 78). (*Sousa, Carvalho, Lemos*).

O crescente é ainda o symbolo do predant



Fig. 79

nio da cruz. Os cruzados ornavam com elle os escudos e nós tambem com elle symbolisavamos as nossas correrias e jornadas contra a mal-rama.

O **Mundo** (Fig. 79). — E' o globo terrestre. E' sempre encimado por uma cruz. (*Fialho*).

O **Fogo** (Fig. 80). — Costuma dar-se a for



Fig. 80

ma de um ou mais brandões accesos, quando se

o representa por labaredas. (*Alma, Fogaça, Alamo*).

A **Água**. — Figura-se umas vezes de prata com meia tinta azulada, outras ondeante em listras, a primeira de prata e a segunda de azul. (*Moraes, Couto*).

O **Homem, a Mulher**. — Ordinariamente, quando figuras humanas completas se apresentam no escudo, são como fazendo parte accessoria de outras figuras, e nunca isoladamente. Ha todavia excepções, como nos brasões de armas de cidades e villas. Vejam-se por exemplo os de Porto, Evora e Faro.

Quando figuras humanas se ostentam no escudo, são sempre com a sua côr natural. N'este



Fig. 81

este descrevem-se pelas expressões: *de sua côr*.

ou de *encarnação*, segundo os termos da armaria.

O **Braço** (Fig. 81). — O direito representa-se partindo do lado sinistro do campo e o esquerdo do lado dextro, chegando a mão ao meio do escudo. Póde ser nu, vestido, ou armado de ferro. (*Corte-Real, Aboim*).

A **Mão** (Fig. 82 e 82-A). — Dizem-se *copada*



Fig. 82



Fig. 82-A

*madras* quando abertas e mostrando a palma. Outras vezes são duas, apertando-se uma a outra no meio do campo, e partindo cada qual do seu lado. E' o que se chama em armaria *uma fe*. (*Barata*).

Os **Ossos** (Fig. 83 e 83-A). — Podem ser direitos ou curvos. Quando curvos, representam costellas e chamam-se *costas*. (*Corte-Real, Costas*). As costas são sempre moventes da dextra e sinistra do escudo.

O **Leão** (Fig. 84). — Sempre de perfil, e



Fig. 83

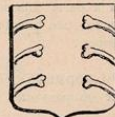


Fig. 83-A

quando molado, voltado ordinariamente para a dextra. A cauda parte da base, com a forma de um S deitado para o dorso do animal e a extremidade volta para a sinistra. A lingua sae da bocca aberta recurvando-se para as ven-



Fig. 84

tas. Já no principio d'este artigo tratámos das formas que o leão apresenta no escudo. (*Noronha, Castro, Silva*).

Frequentemente vemos apenas a cabeça do leão, bocca escancarada, lingua sahida e curva para a parte superior. A base da cabeça termina em juba hirsuta e muitas vezes sangrenta. (*Campos*).

O **Leopardo** (Fig. 85). — De ordinario andante ou passante. Distingue-se do leão por



Fig. 85

mostrar sempre o rosto de face. Quando erguido sobre as patas trazeiras, ou *rompente*, diz-se *Leopardo aleonado*. (*Borges, Coutinho*).



Fig. 86

O **Elefante** (Fig. 86). — De perfil sempre e andante. (*Gonçalo Mendes de Valdeç*).

O **Urso** (Fig. 87). — De perfil e andante. (*Fajardo, Arvello*).



Fig. 87

A **Onça** (Fig. 88). — De rosto, passante ou rompente. (*Pitta, Ataíde*).



Fig. 88

O **Lobo** (Fig. 89). — Como a onça. (*Lobo, Navarro, Lobato*).



Fig. 89

A **Haposa** (Fig. 90). — Como o lobo. (*Carvalho, Raposo*).



Fig. 90

O Camello (Fig. 91).—Andante. (Camello)



Fig. 91

O Cavallo (Fig. 92).—Empinado, de perfil



Fig. 92

o Alão. Póde ser sellado e bridado, mas n'este caso com differente esmalte. (Faro, Tavares).

O Alão ou Lebréu (Fig. 93).—De perfil



Fig. 93

e correndo. São vulgarmente galgos. (Castilho, Alro).

O Bói, o Touro, o Bufalo (Fig. 94).—



Fig. 94

Andantes e de perfil. (Beçerra, Tourinho, Sá, Fimentel).

O Veado, o Cérvu (Fig. 95).—De perfil. Por vezes figura a cabeça apenas, de frente e armada. (Correira).



Fig. 95

O Coelho (Fig. 96).—De perfil, para a dextra e agachado. (Coelho).



Fig. 96

O Leitão (Fig. 97).—Andante e de perfil (Leitão)



Fig. 97

O Carneiro (Fig. 98).—Como o veado e o bói. (Carneiro).



Fig. 98

A Cabra (Fig. 99).—De perfil e passante. (Cabra, Baião).



Fig. 99

O Gato (Fig. 100).—Como a cabra. (Gato, Gatacho).



Fig. 100

O **Lagarto** (Fig. 101). — De sua côr e pintoado d'ouro. (Lagarto).



Fig. 101

A **Serpe** (Fig. 102). — De perfil entrocada ou de pé, ondeante sobre a cauda, bocca aberta de onde sae a lingua. Frequentes vezes se apresenta apenas pela cabeça, (Andrade, Serpente) e outras por duas cabeças abocando cada uma



Fig. 102



Fig. 103

os extremos de uma banda ou de uma barra. (Foyos, Pitta).

O **Caranguejo** (Fig. 103). — De frente. (Monsanto).

O **Esquilo** (Fig. 104). — De perfil e ao pé de agua. (Braamcamp).



Fig. 104

O **Peixe** (Fig. 105). — De perfil, mostrando as barbatanas. (Vahia, Sarawa, Salema).



Fig. 105

O **Delfim** (Fig. 106). — De sua côr e entre ondas de prata. (Tarora).



Fig. 106

As **Conchas** (Fig. 107). — Chamam-se Vieiras em armaria.

Eram as que os peregrinos traziam sobre os



Fig. 107

escapularios e que, pela concavidade lhes serviam para beberem a agua dos caminhos.

Umaz vezes apresentam no escudo a parte convexa, outras a concava, mas esta menos usualmente. (Vieira, Sequeira).

A **Aguia** (Fig. 108). — De frente, cabeça



Fig. 108

para a dextra, azas e pernas abertas para cada

lado, ficando no meio d'estas ultimas a cauda aberta como um leque.

As azas são sempre abertas, com as pennas estendidas para a parte superior do campo. (Almeida, Azevedo, Aguiar).

O **Pelicano** (Fig. 109). — Um pouco voltado para a dextra estende as azas para cada



Fig. 109

lado, e ferindo o peito, de onde goteja o sangue, alimenta com elle tres filhos que lhe saem do ninho, a cuja beira elle se estriba. Era o emblema de D. João II de Portugal. (Gomes).

O **Falcão** (Fig. 110). — De perfil e pousado. (Falcão).

O **Açor** (Fig. 111). — Voando. (Velloso, Nobrega).



Fig. 110



Fig. 111

O **Abutre**.—Como o açôr. (*Magalhães, Utra*).

O **Gavião**.—Como o açôr. (*Carreira, Galvão, Galvão*).

O **Corvo** (*Fig. 112*).—De perfil e quasi



Fig. 112

sempre de sua côr negra. (*Lopes, Malafina*).

O **Cisne** (*Fig. 113*).—Para a dextra e passante. (*Cisneiros, Carrvalho*).

O **Pavão** (*Fig. 114*).—Sempre de frente

cabeça para a dextra. Cauda aberta em circulo sobrepujando-lhe a cabeça. (*Paes, Amador*).



Fig. 113

O **Pombo** (*Fig. 115*).—Volante. (*Baracho*).



Fig. 114

A **Perdiz** (*Fig. 116*).—De perfil e passante. (*Perdigão*).



Fig. 115



Fig. 116

O **Pato** (*Fig. 117*).—O mesmo que a patã. (*Pato*).

O **Melro** (*Fig. 118*).—Sempre de sua côr



Fig. 117

e armado d'oiro. (*VanZeller*).

As **Merlétas** (*Fig. 119*).—Pequenos passos



Fig. 118



Fig. 119

saros, de perfil e sem bicos nem pés. (*Núñez, Garmacho, Jérris*).

As **Azas** (*Fig. 120*).—Apontadas para o cheio. (*Abreu, Manoel*).



Fig. 120



Fig. 121

As **Plumas** (*Fig. 121*).—Mais usadas nos timbres (*Motta*).

As **Abelhas** (*Fig. 122*).—Adejando em torno do cortiço. (*Abelho*).



Fig. 122

As **Arvores** (*Fig. 123*).—Quando mostram as raizes dizem-se arrancadas. Quasi todas as variedades d'arvores estão representadas na armaria. (*Guterres, Braamcamp, Loureiro, Pinheiro*, etc.).



Fig. 123

As **Folhas** (Fig. 124). — Diversas espécies de folhas de arvores ou plantas figuram na armaria. As de figueira (*Figueiredo*), as de hera



Fig. 124

(*Barba*), as de palmeira (*Braamcamp*), a do trêvo (*Travassos*) e outras. Quando a folha de trêvo se apresenta sem o pé, toma o nome de *tercifolho*.

A **Rosa** (Fig. 125). — De côr. Cinco pétalas exteriores, e entre ellas cinco botões. Sempre desabrochada. (*Lima, Mariç, Baldaia, Fogaça*).

O **Lyrio** (Fig. 126). — Uma pétala de frente pendida para baixo, e outras duas, uma de cada lado, na mesma posição e das quaes se vê ap-



Fig. 125



Fig. 126

nas o perfil. Da parte superior de cada pétala saem os estâmes. O pé da flor rompe de um laque de folhagem (*Ribeiro*).

A **Flôr de Liz** (Fig. 127). — E' vulgarissima na armaria. Figura-se de tres pétalas, uma er- guida e as de cada lado pendentes, recurvadas para dentro, e com as extremidades inferiores juntas á do meio.



Fig. 127

O **Cardo** (Fig. 128). — Representa-se com a aleachofra aberta. (*Cardoso*).

Os **Ouriços** (Fig. 129). — Abertos no meio,



Fig. 128



Fig. 129

e mostrando o interior, que tem de ordinario esmalte differente. A haste folhuda. (*Nogueira, Castanheda*).

Os **Montes** ou **Rochedos** (Fig. 130).



Fig. 130

De sua côr. (*Camara, Agra, Franco, Monte negro*).

3 — Figuras artificiaes

Chamam-se figuras artificiaes a todas as que representam o producto da industria humana. O numero d'estas figuras, a principio mais reduzido e consentaneo com a civilização dos

tempos, foi augmentando a par e passo das descobertas da sciencia e da evolução das artes.

De individuos nobilitados pelo trabalho, braços recentes conhecemos, cujos emblemas eram, por absoluto ignorados, já não dirêmos dos bons tempos do pendão e caldeira, mas mesmo d'estes em que os nossos reis de armas tinham a força e o prestigio sufficientes para imporem as regras estabelecidas ao neo patriciado que, de alvedrio proprio, quer talhar os seus brasões.

Mas é melhor deixarmos arrosados aqui superabundantes, e passarmos á descripção das figuras artificiaes.

**Adagas** (Fig. 131). — As laminas, ordinariamente, de esmalte differente do dos punhos. (*Jorge Dias Cabral*).



Fig. 131

**Alfanges** (Fig. 132). — O mesmo que para as adagas. (*Murilha*).



Fig. 132

**Anéis** (Fig. 133). — São sempre de metal. (Mascarenhas, Menezes).



Fig. 133



Fig. 134

**Argolas** (Fig. 134). — São também sempre de metal. (Braga).



Fig. 135

**Azagaias** (Fig. 135). — De metal e côr, com uma pequena parte do conto annexa ao ferro. (França).

**Banco de pinçar** (Fig. 136). — Em Portugal, reunidas as Côrtes, era n'estes bancos, que, ao lado dos Reis, se sentavam o Príncipe e os Infantes. Sobre o escudo real que um e outros usavam, punha o Príncipe o banco de



Fig. 136

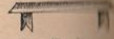


Fig. 137

pinçar de ouro com os tres pés descobertos, e os Infantes a mesma figura com um pé descoberto e os outros occultos por penderes blasonados.

O banco de pinçar atravessa o escudo real na parte do chefe occupada horizontalmente pelos tres castellos.

**Bancos** (Fig. 137). — De côr e com seus pés. (Magriço).

**Bandeiras** (Fig. 138). — Podem ser de



Fig. 138

metal ou de côr, e quadrangulares, ou de duas pontas. (Moraes, Bandeira, Loureiro).

**Hombardas** (Fig. 139). Ordinariamente



Fig. 139

são representadas de sua côr. (Fernandes, Canto).

**Bordão de S. Thiago** (Fig. 140).

Em pala ou aspa. Na extremidade superior tem um nó, outro um pouco abaixo e é ferrado na ponta. A meio dos dois nós, um gancho na haste,

de onde pende a cabaça da agua. Tanto os nós



Fig. 140

como a ponteira costumam ser de esmalte diferente do da haste.



Fig. 141

**Businas** (Fig. 141). — De côr ou de metal. (Monteiro, Pessoa, Espinosa).

**Cadeias** (Fig. 142). — De metal. Muitas



Fig. 142

vezes pendem de membros humano. (Loureiro, Souto).



Fig. 143

**Caldeiras** (Fig. 143). — De côr ou metal. (Pacheco, Lara, Gusmão).



Fig. 144

**Castellos** (Fig. 144). — De metal. Tem sempre mais de uma plataforma ou de uma ordem de ameias, e n'isso se differenciam das torres. (Alcaçovas, Salgado, Castillo).



Fig. 145

**Chaves** (Fig. 145). — De metal ou de côr. Se se ligam põem-se em aspa. (Cogominho, Fagundes, Argolo).

**Cidades**. — Um conjunto de edificações, torres e muralhas, sempre de metal. Assim era o primitivo escudo da cidade do Porto. (Antunes).

**Columnas** (Fig. 146). — De ouro ou prata. (Ximenes, Encerrabodes, Cam).



Fig. 146

**Cordão de S. Francisco** (Fig. 147).



Fig. 147

(Fig. 147). — De sua cor. Costuma pôr-se em *asa*, *cruz* ou *orla*. (Gonçalves, Eça).



Fig. 148

**Coroas** (Fig. 148). — De metal. São diametas abertos. (França, Cortes).

**Correias** (Fig. 149). — Bandas e barras



Fig. 149

estreitas repassadas umas pelas outras. De cor. (Correias).

**Cunhas** (Fig. 150). — Teem a figura de um trapezio regular, de cujos dois lados paral-



Fig. 150

lelos, o maior está voltado para o *chefe*, e o menor para a *ponta* do escudo. (Cunha).

**Escaldas** (Fig. 151). — Figuram-se sim-

ples, isto é, duas hastes verticaes atravessadas de outras em maior numero representando os de-



Fig. 151

graus. Quando encostadas a torres, representam escalada. (Loureiro, Cabeça).

**Esfera armillar** (Fig. 152). — De ouro. Teve-a D. Manoel no escudo antes de ter regulado a armaria. Mais tarde D. João VI adoptou-a quando rei, carregando-lhe em cima o



Fig. 152

escudo real. Depois da dissolução dos reinos unidos, isto é, depois da independencia do Brazil, a esfera desapareceu de novo do brazão real.

**Espadas** (Fig. 153). — De ordinario a mina e guarda são de esmalte differente. (Pejido, Guerreiro, Ayellar).



Fig. 153

**Espigas de trigo** (Fig. 154) — De metal. (Farinha).



Fig. 154

**Esporas** (Fig. 155). — De metal. (Puga).

**Fivélas** (Fig. 156). — De metal. São pri-



Fig. 155



Fig. 156

ões de cinta ou talabarte. (Zuñarte, Mesquita, Calvo).

**Gomis** (Fig. 157). — De metal, com azas e tapadeiras. (Gomide).



Fig. 157



Fig. 158

**Guantes** (Fig. 158). — São manoplas de armadura. (Guantes, Elvas).

**Jarras** (Fig. 159). — De azas e com flores. (Belleza).



Fig. 159

**Lanças** (Fig. 160). — De metal, e com



Fig. 160

uma pequena parte do conto mas de esmalte diferente. (Mendes, Fortes).

**Maças** (Fig. 161). — De metal ou côr.



Fig. 161



Fig. 162

Sempre cravadas de pontas, tendo estas esmalte diferente. (Macedo, Avilez).

**Machados** (Fig. 162). — São de metal, em aspa ou roquete. (Machado).

**Mós** (Fig. 163). — De metal. (Molina).

**Muletas** (Fig. 164). — De metal e côr. Hão de seis raios com orificio no centro, re-

presentando a roda das esporas. (Mouinho)



Fig. 163



Fig. 164

**Navios** (Fig. 165). — Deve sempre indicar-se a qualidade, náu, caravella, etc. Representam-se com ou sem panno. A designação



Fig. 165

simples do navio obriga-o a tres mastros. Vaja-se o brasão da cidade de Lisboa.

**Pás** (Fig. 166). — De metal. (Padilha).



Fig. 166

**Pendões** (Fig. 167). — Umaz vezes de um só esmalte, outras listrados. (Santiago).



Fig. 167

**Pontes** (Fig. 168). — De côr ou metal. Deve sempre designar-se-lhe o numero dos arcos. (Prego, Malheiro, Ponte).



Fig. 168

**Funhaes** (Fig. 169). — Como os alfanques e adagas. (Ayres, Cacho).



Fig. 169

**Redomas** (Fig. 170). — Como as *pirras* (Bermudes).



Fig. 170

**Róda de Santa Catharina**



Fig. 171

(Fig. 171). — De sua côr, com as navalhas de metal. (Castro, *Almança*).

**Settas** (Fig. 172). — De côr ou de metal,



Fig. 172

mas variando de esmalte o cabo e o ferro, e outras vezes as pennas. (Mendanha, *Pegado*).

**Torres** (Fig. 173). — De côr e metal,



Fig. 173

com ameias, portas e frestas, cujo esmalte se deve indicar. (*Faria Malafaia, Gotos*).

#### 4 — Figuras chimericas

São animaes phantasticos tirados á mythologia ou creados pela imaginação dos poetas. Vamos occupar nos dos mais em uso na nossa armaria.

**Agua bifronte** (Fig. 174). — De metal ou de côr. Representa-se de azas estendidas, como dissemos na agua propriamente dita, mas



Fig. 174

tem duas cabeças e dois pescôços, que lhe nascem da parte superior do tronco, e se dividem para a *dextra* e para a *sinistra*. (Themudo, *Alfonso, Guivar*).



Fig. 175

**Ampbiptero ou Serpente alou** (Fig. 175). De côr ou de metal. O corpo de uma serpente e duas azas de morcégo. (Camões, *Bravo, Regras*).



Fig. 176

**Dragão** (Fig. 176). — De côr ou metal. A cabeça e as patas dianteiras, de agua, as azas de morcégo, corpo e cauda de crocodilo terminando esta em dardo. Tem sempre a bo-

ca escancarada, com a lingua sahida e recurvada para a parte superior da cabeça. (Brandão, *Albergaria*).

**Grifo** (Fig. 177). — De côr ou metal. Sempre de perfil e rompente. Parte superior do corpo de agua com azas estendidas, parte inferior e patas, de leão. (Cavalcante, *Peralta*). Outras vezes sem azas (Cunha).



Fig. 177

**Hydra** (Fig. 178). — Com sete cabeças. Figura de serpente. (Godinho).



Fig. 178

**Leão áleo** (Fig. 179). — Figura de leão com azas estendidas. (Serpa).



Fig. 179

**Sagittario** (Fig. 180). — Corpo de cavallo e tronco de homem, o tronco a prumo e



Fig. 180

despedindo a setta do arco. De côr; porém setta e arco de esmalte differente. (Arco).



Fig. 181

**Sereia** (Fig. 181). — De cor ou metal. Parte superior do corpo, de mulher; parte inferior, de peixe escamoso. (Ornellas, Marinho).



Fig. 182

**Unicórnio** (Fig. 182). — De metal ou cor. Figura de cavallo, em posição rompente, tendo no meio da frente uma haste longa e aguda, que pôde ser de esmalte differente. (Teixeira).